

A valorização do som na informação da Antena 1

Rita Mateus Albano

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação de:
Professora Doutora Maria José Pereira da Mata

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

Lisboa, outubro de 2022

Declaração anti-plágio

Declaro por minha honra ser a autora deste relatório de estágio, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer uma das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou outra habilitação.

Atesto que todas as citações estão corretamente identificadas, tendo consciência de que o plágio poderá acarretar a anulação deste mesmo trabalho.

Lisboa, outubro de 2022

A Candidata,

Rita Mateus Albano

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, e visa a obtenção do grau de Mestre nesta área.

O trabalho resultou de uma investigação decorrente de um período de três meses de estágio curricular na Antena 1, compreendido entre 7 de janeiro e 5 de abril do ano de 2019, nos programas “Noticiário Nacional” e “Portugal em Direto”, e pretende destacar o poder da sonoplastia como complemento da palavra falada na construção de mensagens.

Estabeleceu-se como objetivo averiguar que valorização é dada ao som na construção das narrativas jornalísticas, a partir de um *corpus* empírico selecionado de entre peças emitidas naqueles programas e de entrevistas realizadas com jornalistas e editores. Os resultados da análise de conteúdo das peças e as respostas dos entrevistados revelam o recurso predominante à sonorização das peças e a convicção de que este é um elemento fundamental da sua valorização.

Palavras-chave: Jornalismo Radiofónico; Rádio; Antena 1; Som; Efeitos Sonoros.

Abstract

This internship report occurs within the ambit of the Master's Degree in Journalism from the Escola Superior de Comunicação Social of the Instituto Politécnico de Lisboa and aims to obtain a Master's degree in this subject.

This work is the result of an investigation about an internship at Antena 1, with a duration of a three-month period between January 7th and April 5th of 2019 in the programs “Noticiário Nacional” and “Portugal em Direto” and aims to highlight the value of sound as a complement to the spoken word in the construction of messages.

The goal was set to ascertain as to what value was given to sound in the construction of journalistic narratives, from an empirical *corpus* selected from pieces/works broadcasted on those programs and from interviews with journalists and editors. The results of the content analysis of the pieces/works and interviewee's answers reveal the predominant resource used for piece/work sonorization and the conviction that this is a fundamental element to its valuing.

Keywords: Radio Journalism; Radio; Antena 1; Sound; Sound Effects.

*Aos meus avós,
aqui e em qualquer parte,
Aos meus pais,
À minha irmã,
A mim.*

Agradecimentos

À minha orientadora, a Professora Doutora Maria José Mata pelo contributo, disponibilidade e esforço que teve na concretização deste trabalho.

Ao professor Carlos Andrade por me ter inculcido o gosto pela rádio e, por isso, me ter inspirado na escolha do tema deste trabalho.

À minha colega e amiga Fábria Cortinhas que, para além da faculdade, me acompanhou no estágio, tornando tudo mais leve, divertido e menos solitário.

Às pessoas que deram um grande contributo para este trabalho, cada um à sua maneira, e que sem elas isto não teria sido possível, são elas: Jo Rodrigues, Diogo Morais, André Guerra dos Santos, Hugo Veiga, Tomás Catarino e Pedro Youssef.

A todos os amigos e colegas que contribuíram de alguma forma e que, por isso, tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao João Gomes Dias por me ter feito sentir integrada, por ter tornado a experiência de estágio mais agradável e divertida, por me ensinar tanto sobre rádio, pela disponibilidade para me ajudar sempre que precisei, pela entrevista honesta que me deu e por, ainda hoje, ser um bom amigo.

À Arlinda Brandão por ter sido sempre tão amiga, amável e compreensiva. Pela disponibilidade para me ajudar e ouvir os meus trabalhos, ensinando-me tanto sobre som e a rádio. Por me ter mostrado os cantinhos de Lisboa nas saídas em reportagem, pela entrevista espetacular que me deu e por continuar a ser uma amiga.

À equipa da Antena 1 e a todos os que se cruzaram comigo, em particular ao Alexandre Afonso, à Alexandra Alho, ao Nuno de Carvalho, à Marina de Castro e à Teresa Correia que tornaram a minha estadia mais especial cada um à sua maneira.

À minha orientadora de estágio, Maria de São José, pela oportunidade dada e por estar sempre disponível para ouvir os trabalhos por mim desenvolvidos.

Ao Dr. Adérito Cavaco por me ter ajudado a trabalhar a minha clareza mental, a minha motivação e autoestima, indispensáveis à conclusão deste trabalho.

Ao meu namorado, André Taquelim, por ter estado lá nos momentos cruciais deste trabalho, por me apoiar sempre e ser uma inspiração.

À minha irmã, pela motivação e por nunca me ter deixado desistir. Pelo amor e apoio que sempre me demonstrou durante este tempo e que, embora longe, se fez sentir sempre por perto.

Aos meus pais, por me quererem dar uma boa formação e um futuro melhor, sem nunca terem deixado de acreditar em mim e me terem amparado sempre com amor. Fi-lo por eles. Obrigada ao meu pai por me mostrar que nunca é tarde para seguir os meus sonhos e à minha mãe por acreditar neles.

À minha família e amigos por me terem dado o melhor apoio que poderia pedir.

À Marta Simplício, a minha metade, pelo amor e apoio em todas as horas e por ser uma luz na minha existência.

À minha melhor amiga, Elena Laplace que fez questão de me lembrar todos os dias o quão especial eu sou e o quanto orgulho tem em mim e que mesmo longe, fez-me sentir o seu amor e apoio aqui.

Ao Rafael Lamberto, mais do que um amigo, um irmão, que me amparou nos momentos difíceis e dançou comigo na felicidade e conquista.

Ao universo, por me ter proporcionado esta experiência que embora dura, me ensinou muito sobre mim.

Índice

Declaração anti-plágio	II
Resumo	III
Abstract	IV
Agradecimentos	VI
Introdução	3
Capítulo I – RTP/RDP: Caracterização da entidade de acolhimento	9
1.1 - Enquadramento Histórico	9
1.2 - A Estrutura da Rádio Pública Atualmente	10
1.3 - A Antena 1	11
1.3.1 - A estrutura da Antena 1	11
1.3.1.1 - Os turnos: como é assegurada a informação?	11
1.3.1.2 - As editorias: A editoria de Sociedade	13
1.3.1.3 - O programa: “Portugal em Direto”	14
Capítulo II – Descrição do Estágio	15
2.1- Agendamento e rotatividade	15
2.2- Semana de Adaptação	16
2.3 – Turnos e primeiras notícias	19
Capítulo III – Estado da Arte	24
3.1 Os primeiros tempos da rádio em Portugal	24
3.2 O Jornalismo Radiofónico	28
3.3 A linguagem sonora do jornalismo radiofónico	31
3.3.1 A Palavra	32
3.3.2 A Voz	34
3.3.3 O Texto	36
3.4 O Silêncio	38
3.5 A Música	39
3.6 Os Efeitos Sonoros	40
3.7 Os Géneros Jornalísticos radiofónicos	44
3.7.1. Uma tipologia de géneros	48
3.7.1.1. A Notícia	48
3.7.1.2 A Reportagem	51
3.8 O compromisso da mensagem com a verdade	52

Capítulo IV – Estudo de Caso	56
4.1 Metodologias e desenho da investigação	56
4.2 Universo de estudo: O “Noticiário Nacional” e o programa “Portugal em Direto” ..	61
Capítulo V – A visão dos jornalistas sobre a importância do som	73
Conclusão	77
Bibliografia	79
Anexos	85
Anexo 1 – Diário de bordo: tabela de atividades desempenhadas durante o período de estágio	86
Anexo 2 – Modelo de Ficha de Leitura	90
Anexo 3 – Entrevista 1	91
Anexo 4 – Entrevista 2	104
Anexo 5 – Tabelas de análise do “Noticiário Nacional”	112
Tabela 1 – 07/jan/2019	112
Tabela 2 – 08/jan/2019	113
Tabela 3 – 09/jan/2019	114
Tabela 4 - 11/jan/2019	115
Tabela 5 - 14/jan/2019	116
Tabela 6 - 21/jan/2019	117
Tabela 7 - 22/jan/2019	118
Tabela 8 - 23/jan/2019	119
Tabela 9 - 25/jan/2019	120
Tabela 10 - 30/jan/2019	121
Tabela 11 - 01/fev/2019	122
Tabela 12 - 02/fev/2019	123
Tabela 13 - 08/fev/2019	124
Tabela 14 - 11/fev/2019	125
Tabela 15 - 15/fev/2019	126
Tabela 16 - 18/fev/2019	127
Tabela 17 - 19/fev/2019	128
Tabela 18 - 20/fev/2019	129
Tabela 19 - 25/fev/2019	130
Tabela 20 - 26/fev/2019	131
Anexo 6 – Tabelas de análise do “Portugal em Direto”	132
Tabela 1 –11/mar/2019	132
Tabela 2 – 12/mar/2019	133

Tabela 3 – 13/mar/2019	134
Tabela 4 – 14/mar/2019	135
Tabela 5 – 15/mar/2019	136
Tabela 6 – 18/mar/2019	137
Tabela 7 – 19/mar/2019	138
Tabela 8 – 20/mar/2019	139
Tabela 9 – 21/mar/2019	140
Tabela 10 – 22/mar/2019	141

Introdução

O presente trabalho consiste num relatório que dá conta das atividades realizadas durante o estágio curricular desenvolvido na estação de rádio Antena 1, no período de 7 janeiro de 2019 a 5 de abril do mesmo ano. O estágio decorreu na redação do “Noticiário Nacional” e posteriormente na redação do programa “Portugal em Direto”, permitindo o desenvolvimento de várias tarefas e aprendizagens, sobre as quais se dará conta na primeira parte. Simultaneamente, decorrente do processo de participação direta nas atividades da redação, foi possível desenvolver um estudo e reflexão sobre as práticas noticiosas, enfatizando o contributo do som na construção da mensagem informativa na rádio. Sobre este, damos conta na segunda parte deste relatório.

Como ponto de partida para a escolha deste tema está a constatação de que a quantidade e a velocidade a que a informação se processa e difunde atualmente faz com que os indivíduos a consumam de forma instantânea, sem qualquer esforço, algo que era inimaginável há alguns anos. Por esta razão, foram dispersando a sua atenção pelos diferentes meios e plataformas de informação. Embora a rádio não seja a principal fonte de notícias dos consumidores dos média como nos indica o estudo do Observatório da comunicação (OberCom) realizado em 2021 (no qual se conclui que a televisão é para 57,7% dos inquiridos a principal fonte de informação enquanto a rádio apresenta um valor residual de 4,2%)¹ esta continua a desempenhar um papel importante na vida dos sujeitos. Consegue, assim, sobreviver par-a-par com outros meios de comunicação, mantendo as audiências, especialmente nos períodos da manhã ou do fim do dia, durante os quais os ouvintes passam maior tempo em trânsito e, por isso, não têm como aceder a outros dispositivos.

A chegada à era digital, isto é, o surgimento das novas tecnologias e o aparecimento da Internet, provocou uma mudança de paradigma nos meios de comunicação social. Os meios tradicionais reposicionaram-se e tiveram que se reinventar,

¹ CARDOSO, G., PAISANA M., e PINTO-MARTINHO, A. (2021). *Digital News Report Portugal 2021*. OberCom - Observatório da Comunicação pp. 26-27. Disponível em: https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/06/DNR_PT_2021_final.pdf. Consultado a: 26/04/22.

continuando, no entanto, a ter os seus nichos e a coexistir e concorrer - naquilo que é o seu formato tradicional - com as novas multiplataformas que continuam a surgir. O meio radiofónico não foi exceção. Habitado a períodos de mudança a vários níveis - histórico e político, cultural e social -, nos últimos anos, necessitou de se adaptar, a fim de tirar partido daquela que ficou conhecida por cultura de convergência (JENKINS, 2006). Tal como os outros meios, a rádio foi levada a ajustar o seu formato tradicional, adaptando as rotinas de produção, o perfil do jornalista (que agora passa a exigir ainda mais conhecimento nas diversas plataformas) e criando conteúdos adequados às novas plataformas on-line (QUANDT e SINGER, 2009, p.130). As alterações no modo de operar no meio radiofónico incluíram a adaptação dos equipamentos, o estabelecimento de novos métodos de trabalho, a alteração nos modos de produção, organização e divulgação de conteúdos e a criação de novas narrativas, linguagens e formatos, entre outros. Desta forma, foi possível corresponder quer a um público cada vez mais exigente e interativo, quer à velocidade requerida pelo imediatismo característico do jornalismo.

Assim, a rádio tradicional, desdobrando o seu potencial ao passar a coexistir com as plataformas on-line que surgiram nos últimos anos, manteve a sua força e possui um alcance cada vez mais substancial nos novos formatos. Exemplo disso é o formato *podcast* que, segundo um estudo do Observatório da Comunicação (OberCom) realizado em 2021, tem tido uma adesão notável em Portugal, onde se verificou um aumento de 7,2 pp. entre os anos de 2019 e 2021 sendo, neste momento, um dos formatos que maior evolução do consumo teve².

Em ambiente multiplataforma, foi possível à rádio acrescentar ao som - que antes era o único elemento do qual dispunha e que diferenciava o meio - elementos multimédia como imagens, texto, vídeo, entre outros recursos visuais. Como tal, proporcionou-se uma maior interatividade com o público, favorecendo a comunicação entre recetor e emissor e mantendo a audiência diariamente sintonizada através da utilização de cada vez mais recursos, facultando conteúdos mais completos para um público cada vez mais comunicativo.

No meio radiofónico, os processos criativos e o universo imaginário daqueles que acompanham as emissões radiofónicas é facilitado através do trabalho da sonoplastia, isto

² CARDOSO, G., PAISANA M., e PINTO-MARTINHO, A. (2021). *Digital News Report Portugal 2021*. OberCom - Observatório da Comunicação p. 80. Disponível em: https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/06/DNR_PT_2021_final.pdf. Consultado a: 26/04/22.

é, a comunicação através do som. Trabalhar o som de forma específica na rádio permite que o ouvinte seja transportado para o local dos acontecimentos através do sentido auditivo que lhe permite recriar mentalmente a informação que recebe. É como ver sem ver, ouvir para visualizar, ou seja, permitirmo-nos ver algo sem efetivamente estarmos expostos a uma imagem real, e damos uso ao sentido auditivo para visualizar na nossa mente as mensagens e informações que nos estão a ser transmitidas, deixando-nos levar pelo som, criando a nossa realidade sobre o que está a ser relatado, transportando-nos para o local da ação. Ou seja, o som “projeta no ecrã da rádio”³ uma mensagem, ecrã este que existe na mente dos ouvintes.

Apesar de a informação transmitida pelos meios ser igual para todos os recetores, as mensagens nem sempre são depreendidas de igual maneira, pois a forma como estas são interpretadas irá sempre depender da memória, experiências, contextos, realidades e vivências pessoais adquiridas ao longo da sua vida. Na rádio é através do som que os ouvintes depreendem as mensagens. A preocupação dos sonoplastas é fixar o sentido destas mensagens e reduzir o ruído, utilizando os efeitos sonoros nas notícias para reforçar o sentido da mensagem e de maneira que os ouvintes não percebam num sentido outros sentidos, como seja trabalhar o som de um grito de desespero de forma que este não se confunda com um grito de alegria.

Neste trabalho procura-se dar conta do papel do som na construção dos sentidos das mensagens jornalísticas na rádio. A questão de partida que o guia é a seguinte: “Qual é a valorização dada ao som na construção das mensagens nos diferentes géneros jornalísticos na Antena 1?”.

As questões que orientam as investigações científicas “(...) em muitos casos têm origem naquilo que o investigador é, (...) dos interesses práticos do investigador e do seu envolvimento num ou noutro contexto histórico e social” (FLICK, 2005, p.49) e, neste caso em particular, a pergunta de partida aqui proposta reúne duas áreas de interesse pessoal que motivaram a escolha do tema: o jornalismo radiofónico e a sonoplastia.

³ Citamos Cláudia Costa, jornalista e editora do programa “Portugal em Direto” da rádio Antena 1 na emissão do dia 21 de março de 2019. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p470/e396350/portugal-em-direto>.

Tendo em conta que a informação apresenta uma dinâmica diferente das outras áreas, ao possuir uma linguagem própria e ao utilizar técnicas específicas, e considerando as mudanças do meio nos últimos anos, o objetivo deste trabalho passa por:

- perceber de que forma o som contribui para a criação de sentido na informação;
- refletir sobre como é que as especificidades do uso do som no meio radiofónico possibilitam estabelecer uma relação com o ouvinte, transportando-o para o local dos acontecimentos através de um processo sugestivo de mensagens sonoras para recriar a realidade;
- averiguar a forma como o som é utilizado em diferentes géneros jornalísticos radiofónicos;
- e, por fim, dar conta da perceção que os jornalistas têm da importância do som na construção das peças que produzem.

Partindo da observação direta da produção noticiosa naquela estação, estabeleceram-se as hipóteses de trabalho:

- a maioria das peças não são sonorizadas;
- a sonorização das peças é mais frequente na reportagem do que noutros géneros;
- os jornalistas atribuem o devido valor ao som, privilegiando a sua inclusão sempre que possível.

Foi partindo destas hipóteses de trabalho que procurámos entender as circunstâncias em que o som é utilizado como elemento de valorização da informação nos diferentes géneros jornalísticos na RDP - Antena 1.

De forma a concretizar os objetivos definidos, adotaram-se os seguintes métodos de investigação: análise documental, análise de conteúdo, observação participante e, por fim, entrevistas semidirectas.

Criando uma ponte coerente entre as análises teórica e prática, realizou-se, numa primeira instância, um levantamento bibliográfico e documental a fim de recolher informação necessária, definir os principais conceitos e teorias e contextualizar a problemática da linguagem sonora no jornalismo radiofónico que aqui propomos. Desta forma, utilizando a metodologia de análise documental, foi possível “(...) fazer o ponto

da situação acerca dos conhecimentos que interessam para a pergunta de partida (...)” (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, P.50) e auxiliar na sintetização dos conhecimentos já existentes sobre o tema e interpretação dos mesmos.

Em seguida, procedemos a uma investigação empírica, na qual foi utilizada análise de conteúdo, em paralelo com a observação participante, concretizada durante o tempo de estágio realizado na Antena 1, decorrido entre os dias 7 de Janeiro e 5 de Abril de 2019, que permitiu a identificação do objeto de estudo de forma natural. Para tal, foi constituído um corpus de análise de 20 noticiários nacionais referentes ao turno da Manhã 2, que fazem corresponder a um tempo de análise de, sensivelmente, um mês, à exceção dos fins de semana e feriados, e 10 emissões do programa “Portugal em Direto”, equivalente ao período de duas semanas, excluindo os fins de semana, respeitantes à temporada de um mês em que acompanhámos a equipa deste programa. Feita a análise de conteúdo, procedemos à análise dos dados obtidos e ao cruzamento da informação adquirida nos noticiários nacionais e no programa “Portugal em Direto” no sentido de avaliar em que circunstâncias é que o som é objeto de valorização e auxiliador no processo de construção de mensagens nos diferentes géneros jornalísticos presentes na rádio. Por fim, de modo a tornar a nossa investigação mais completa, realizaram-se entrevistas semidirectas que possibilitaram a obtenção de depoimentos dos profissionais da Antena 1 relativamente ao tema e que, ao fazer um cruzamento com os dados obtidos na análise de conteúdo, permitiram chegar às conclusões deste trabalho.

O trabalho encontra-se dividido em capítulos. O Capítulo I, é dedicado à caracterização da entidade de acolhimento – a RTP – Antena 1 – e a uma contextualização histórica do serviço que presta; no Capítulo II, é descrito o trabalho desenvolvido e a experiência adquirida durante o período de três meses de estágio, no qual se detalham as tarefas, aprendizagens e dificuldades sentidas durante o mesmo. O terceiro capítulo é dedicado ao estado de arte sobre o tema de pesquisa e à discussão da sua relevância, no qual se desenvolvem conceitos como as especificidades do jornalismo radiofónico, a linguagem sonora, entre outros; e, por fim, no último capítulo apresentam-se e discutem-se os resultados da investigação relativamente à análise de 20 emissões do programa “Noticiário Nacional” e 10 emissões do programa “Portugal em Direto”.

Procura-se acrescentar um contributo relativamente aos estudos do jornalismo radiofónico da atualidade no contexto português, área onde os mesmos são escassos. Este trabalho foca-se, portanto, na linguagem sonora utilizada no jornalismo radiofónico em

Portugal, mais precisamente na RDP - Antena 1, para o qual encontramos importantes referências e contribuições para uma base teórica e orientação científica, a título de exemplo: Luís Bonixe, Eduardo Meditsch, Paula Cordeiro, José Luis Martínez Albertos, João Paulo Meneses, entre outros.

Capítulo I – RTP/RDP: Caracterização da entidade de acolhimento

1.1 - Enquadramento Histórico

A Emissora Nacional nasce no ano de 1935, em plena década de 30, no século XX, marcando, assim, o início das emissões regulares da primeira rádio pública em Portugal. No entanto, antes deste período já tinham sido feitas emissões experimentais. A emissora acompanhou e tornou-se parte da história de Portugal, tendo-se desenvolvido em contexto ditatorial, sob a alçada do regime do Estado Novo. Durante aproximadamente duas décadas a Emissora Nacional foi utilizada a favor de interesses políticos e das forças do poder a fim de legitimar o regime de Salazar. Só em 1957, vinte e dois anos depois, começam a surgir as primeiras emissões regulares de televisão, quando em outros lugares do mundo já se emitia a cores. No ano de 1975 as rádios em Portugal são nacionalizadas, exceto a Rádio Renascença.⁴

Em 1976, após a revolução de 25 de Abril de 1974, a Emissora Nacional passa a denominar-se Rádio Difusão Portuguesa (RDP) e a ser constituída por um único canal que, em 1981, passou a ter o nome de Antena 1. Em 1988, a RDP adquire novos canais com a criação da RDP Internacional (que possibilitou o acesso às emissões em vários pontos do mundo) e, em 1989, a Antena 2. Alguns anos depois surgem as estações RDP África e Antena 3.⁵

Em 1999 é celebrado o Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão sonora entre o Estado e a Radiodifusão que reconhecia RDP e RTP como “(...) único ou principal fator de oferta cultural para muitos que não têm acesso a outros meios, sendo, por isso, um bem cultural de primeira necessidade”⁶. A RDP, manteve-se separada da Radiotelevisão portuguesa (RTP) até 2004. Até então, RDP e RTP operavam como empresas públicas com entidades distintas e independentes entre si. Em 2004 nasce a Rádio e Televisão de Portugal S.A e a rádio e a televisão fundem-se numa única

⁴ Informação disponível em <https://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/>, consultado a 28 de janeiro de 2020.

⁵ Informação retirada a partir do site <http://media.rtp.pt/empresa/rtp/historia/>, consultado a 28 de janeiro de 2020.

⁶ Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão entre o Estado Português e a Radiodifusão Sonora S.A, celebrado em 1999. Disponível em <https://www.erc.pt/documentos/legislacao/site/ContratoConcessaoServicoPublicoRadiodifusaoSonora.pdf>, consultado a 28 de janeiro de 2020.

empresa. A partir desse ano, a Rádio e Televisão de Portugal, mais conhecida até hoje pela sigla RTP, passou a englobar todas as estações de rádio e televisão públicas e a funcionar com o objetivo de “proporcionar à comunidade bens ou serviços que se têm por essenciais e que é suposto não poderem ser prestados através da iniciativa privada e dos mecanismos do mercado”⁷ tal como qualquer outro serviço público.

Atualmente, a RTP, com 87 anos de rádio, 65 de televisão e 25 de online, continua a desenvolver formatos diferenciadores, como é o caso da RTP *Play*, a disponibilizar conteúdos audiovisuais multiplataforma e a trabalhar para se integrar na era do *online* através dos *sites* e redes sociais.

1.2 - A Estrutura da Rádio Pública Atualmente

Ao longo do tempo a rádio pública, que inicialmente contava apenas com um único canal, tem vindo a crescer e a desenvolver-se e, atualmente, é constituída por vários canais. Em Portugal Continental, o serviço de rádio pública conta com três Antenas: Antena 1, Antena 2 e Antena 3. Ainda em Portugal, nas regiões autónomas, podem ser ouvidos os canais Antena 1 Açores, Antena 1 Madeira e Antena 3 Madeira. Pelo mundo fora, a RDP Internacional pode ser ouvida pelos falantes da língua portuguesa. As emissões são também acessíveis nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) através do canal RDP África. Para além dos formatos comuns de emissão dos canais de rádio referidos anteriormente, a rádio pública conta também com emissoras *online* com canais exclusivos a este meio – Antena 1 Fado, Antena 1 Vida, Antena 1 Memória, Antena 1 Lusitânia, Antena 2 Ópera, Antena 2 Jazz In e, para o público infantil, a Rádio Zig Zag.⁸

⁷ Contrato de concessão do serviço público de radiodifusão sonora entre o Estado Português e a Radiodifusão Sonora S.A, celebrado em 1999. Disponível em: <http://www.erc.pt/documentos/legislacao/ContratoConcessaoServicoPublicoRadiodifusaoSonora.pdf>, consultado a 28 de janeiro de 2020.

⁸ Informação disponível no site: <http://img.rtp.pt/mcm/pdf/5a7/5a7fb346da3d705b5bdd24eb306d47871.pdf>, consultado a 28 de janeiro de 2020.

1.3 - A Antena 1

Por ter sido neste canal que o estágio tomou lugar, é relevante abordar a sua história. De modo a caracterizá-lo e descrevê-lo, recorreu-se não só ao *site* oficial da RTP⁹, mas também à experiência vivida durante o período de estágio, que foi fundamental para entender como tudo funciona por detrás da emissão e que proporcionou acesso às rotinas de trabalho dos jornalistas integrantes da emissora.

A Antena 1 é uma rádio de serviço público com forte incidência na informação e que transmitiu, pela primeira vez com esta denominação, em 1981. É uma rádio de teor generalista e conta com alguns programas de autor. Dentro da programação vasta e generalista da rádio, a Antena 1 possui noticiários de hora a hora (“Noticiário Nacional”), informação desportiva, incluindo sínteses ao longo do dia, e várias rúbricas como, por exemplo, *Portugalex*, *Grande Reportagem*, *Antena Aberta*, *A Fé nos Homens*, *À Volta dos Livros*, *Maria Vai Com as Outras*, entre outras. A plataforma *online* contém um espaço com o nome de + Antena 1 que dispõe de conteúdos como, por exemplo, filmes, concertos, arquivos de história, entre outros. Para além deste espaço, existe ainda outro dedicado aos *podcasts*.

1.3.1 - A estrutura da Antena 1

Embora tenha sido nos noticiários nacionais que o estágio se desenvolveu nos primeiros dois meses, também passámos pelo programa “Portugal em Direto” no último mês. Deste modo, iremos retratar a estrutura da redação por pontos, distinguindo os turnos, as editorias dos noticiários e por fim, o programa “Portugal em Direto”.

1.3.1.1 - Os turnos: como é assegurada a informação?

Neste meio de comunicação, que é a rádio, “a organização da redação não se estrutura em função das áreas temáticas, mas sim de períodos horários específicos.”

⁹ Site oficial da RTP - <https://www.rtp.pt>

(BONIXE, 2012, p. 90) com a denominação de turnos. Na Antena 1, a continuidade informativa é assegurada por cinco turnos fixos: Manhã 1, Manhã 2, Tarde, Noite e Madrugada. Estes funcionam com horários fixos que são definidos pela direção, garantindo a existência de noticiários de hora a hora e, em alguns casos, meia em meia hora. As equipas de cada turno são constituídas por cerca de oito jornalistas e um editor. No entanto, o número de jornalistas e o editor podem variar consoante períodos de férias, folgas e rotatividade, que acontece aos fins de semana. Há também uma exceção no turno da madrugada que, por norma, é assegurado por apenas um jornalista que desempenha a função de editor e a equipa técnica presente no estúdio.

Geralmente, a edição do noticiário é feita a partir da sede da RTP em Lisboa. Porém, como pudemos observar durante o estágio curricular, a Manhã 2 é editada a partir da delegação do Porto. Cada turno começa a trabalhar algumas horas antes de se iniciarem as edições da sua respetiva equipa. Cada editor tem a função de editar, apresentar os noticiários, coordenar a equipa correspondente ao seu turno e começa por dividir as tarefas mediante a agenda do dia, numa reunião de equipa que ocorre, por norma, antes do turno se iniciar, com o propósito de “antecipar o trabalho e evitar o risco de estar dependente dos acontecimentos ocorridos durante a faixa horária de trabalho de determinada equipa.” (BONIXE, 2012, p.93). Existem também reuniões informais semanais à quinta-feira, nas quais os jornalistas e editores se juntam para planejar a semana seguinte, antecipando o trabalho ao discutir propostas de reportagens, entrevistas, especiais, janelas e notícias, e “Essa organização é fundamental, tendo em conta que os jornalistas lidam no seu dia a dia com uma matéria-prima variável e imprevisível.” (BONIXE, 2012, p.93).

Enquanto um turno se organiza para o dia, o turno anterior continua a trabalhar em simultâneo, o que significa que há uma coexistência de turnos pelo menos durante duas horas. A equipa de serviço trabalha na redação avançada, junto dos estúdios, a garantir a emissão, e o turno seguinte prepara-se na redação geral da Antena 1. Durante o tempo em que estão a trabalhar em simultâneo, são passadas informações do turno anterior para o seguinte, chamadas de “passagem de serviço”, comunicando sobre o que foi ou não noticiado e sobre os temas que não foram emitidos durante a emissão desse mesmo turno, dando a possibilidade ao próximo de abordá-los e garantir a continuidade da informação, sem correr o risco de repetir notícias e temas. “A organização da redação

das rádios portuguesas assenta na lógica da continuidade informativa. É preciso garantir que os noticiários (...) terão notícias.” (BONIXE, 2012, p.91).

Os horários praticados pelos turnos são fixos, como já foi referido anteriormente, e correspondem à seguinte estipulação: a Manhã 1 opera das 5h até às 10h, a Manhã 2 das 9h às 15h, a Tarde das 14h às 20h, a Noite das 18h às 00h e, por fim, a Madrugada das 23h às 6h. Durante o período de estágio os editores correspondentes a cada turno eram: Nuno Rodrigues na Manhã 1, Frederico Moreno na Manhã 2, Luís Soares na Tarde, José Manuel Rosendo na Noite e, por fim, Diogo Pereira na Madrugada, tendo o primeiro noticiário de cada um dos turnos emitido às 7h, às 11h, às 16h, às 21h e às 01h, respetivamente. Cada editor tem um jornalista que o auxilia no alinhamento dos sons que vão para o “ar”, faz o contacto com a equipa de repórteres e se encarrega da designada “passagem de serviço”, atualizando as informações para evitar erros no turno que se segue. O objetivo de cada turno é manter a continuidade informativa para que os ouvintes se mantenham informados sobre a atualidade a cada hora, tendo em conta “que jamais um noticiário da rádio poderá “ir para o ar” sem notícias.” (BONIXE, 2012, p.93) e que, por isso, o propósito “dos jornalistas da rádio é o de responderem com notícias aos acontecimentos que vão sucedendo num período temporal de 24 horas.” (BONIXE, 2012, p.90).

1.3.1.2 - As editorias: A editoria de Sociedade

A Antena 1 é composta por cinco editorias: Desporto, Política, Cultura, Economia e Sociedade. Normalmente a editoria de Sociedade inclui temas mais abrangentes como a saúde, a educação, a ciência, a tecnologia, entre outros. Na Antena 1, para além dos temas referidos anteriormente, inclui-se na editoria de Sociedade a informação local. É a partir desta editoria que nasce o programa “Portugal em Direto” que falaremos de seguida.

1.3.1.3 - O programa: “Portugal em Direto”

Durante o período decorrente dos três meses de estágio na entidade de acolhimento surgiu a oportunidade de realizar tarefas para dois turnos (Manhã 2 e Tarde) e, no último mês, de integrar a equipa do programa “Portugal em Direto”.

O “Portugal em Direto” é um programa dedicado à informação local e regional. É emitido diariamente pelas 14h e tem a duração de 45 minutos. Ao cuidado da editoria de Sociedade, o programa é produzido por redações da Antena 1 que estão espalhadas por todo o país, incluindo as ilhas, abordando “os temas das regiões e o seu desenvolvimento, combinando a tradição e inovação, com a diversidade.”¹⁰

Embora tenha passado pelo programa “Portugal em Direto”, apenas tive a oportunidade de acompanhar de perto os trabalhos realizados pela redação da delegação da capital referentes à área metropolitana de Lisboa, tendo em conta que o estágio curricular teve lugar na sede da RTP de Lisboa.

Neste programa da Antena 1, cada região trata e desenvolve os temas correspondentes à área de localização da delegação de onde são produzidos e posteriormente emitidos os conteúdos do programa. Por exemplo, na delegação da RTP de Faro produz-se informação local sobre toda a zona do Algarve, na delegação da RTP dos Açores desenvolvem-se temas acerca das ilhas dos Açores, e por aí fora.

Em Lisboa, a equipa do “Portugal em Direto”, durante o período correspondente ao estágio curricular, era constituída por três jornalistas: Arlinda Brandão, Isabel Gonçalves e João Ramalinho. A edição deste programa era feita pelos jornalistas: Miguel Bastos e Cláudia Costa.

Apesar da equipa ser constituída por três jornalistas, acompanhei sempre a jornalista Arlinda Brandão nas saídas em reportagem. Neste programa “Portugal em Direto”, os jornalistas não trabalham nem por turnos, nem com horários fixos. Cada um trabalha consoante a sua agenda de entrevistas, reportagens e o tempo que necessitam de dedicar à edição das “peças”, assim denominadas as notícias radiofónicas.

¹⁰ Informação disponível no site: <http://www.rtp.pt/programa/radio/p1043>, consultado a: 28 de Janeiro de 2020.

Capítulo II – Descrição do Estágio

Neste capítulo iremos descortinar todo o processo de integração e o trabalho desenvolvido durante o estágio, correspondente ao período de três meses, na entidade de acolhimento, Antena 1. Iremos dividir a descrição do mesmo em quatro partes. A primeira diz respeito ao agendamento e à forma como se procedeu à rotatividade e planeamento dos turnos a frequentar. A segunda parte é relativa à semana de integração no local de estágio. A terceira parte coincide com o relato dos dois primeiros meses de estágio realizado nos turnos Manhã 2 e Tarde e, por último, a terceira parte, corresponde ao último mês, com a frequência no programa de informação local, “Portugal em Direto”.

2.1- Agendamento e rotatividade

O estágio desenvolveu-se num período de três meses, como já foi mencionado anteriormente, tendo-se iniciado no dia 7 de Janeiro do ano 2019 e terminado no dia 5 de Abril do mesmo ano.

Uns dias antes do início do estágio curricular, eu e a minha colega Fábria Cortinhas fomos contactadas via e-mail por Carla Gracioso, dos Recursos Humanos, no qual pedia que comparecêssemos no dia 7 de Janeiro na sede da RTP de Lisboa pelas 10h.

No dia 7 de Janeiro entrámos pela primeira vez como estagiárias na RTP à hora previamente agendada. Fomos encaminhadas até à Academia RTP, onde se processa a assinatura de todos os documentos necessários ao início do estágio e tivemos o nosso primeiro contacto pessoal com Carla Gracioso que nos guiou atenciosamente numa visita às instalações da RTP e Antena 1.

Já na redação da Antena 1, fomos apresentadas à equipa da direção que nos acolheu de imediato. Da direção fazem parte: o diretor, João Paulo Baltasar e os subdiretores de informação, José Guerreiro e Maria de São José.

Foi com a subdiretora de informação e orientadora de estágio, Maria de São José, que tivemos a nossa primeira reunião, na qual surgiu uma conversa sobre os temas que pretendíamos abordar na tese e decidimos, em conjunto, qual o melhor turno ou editoria que gostaríamos de integrar e qual deles se adequaria melhor e teria mais interesse para a

realização do trabalho final de mestrado. Foi desta forma que procedemos ao agendamento do estágio. Tendo em conta que o tema do meu relatório de estágio era o uso do som e que o meu intuito seria de avaliar as diferenças desse uso entre o noticiário com tempo limitado e uma reportagem sem limite temporal, achei fundamental ter experiência em pelo menos um turno e um programa de informação com mais liberdade para reportagem. Depois de conversar com a orientadora sobre o assunto decidimos pelo seguinte agendamento: de 7 de Janeiro a 1 de Fevereiro iria integrar a equipa da Manhã 2, com Frederico Moreno; de 4 de Fevereiro a 1 de Março, juntar-me-ia à equipa da Tarde, com Luís Soares e, por fim, de 4 de Março a 5 de Abril acompanharia a equipa do programa “Portugal em Direto”, a cargo da editoria de Sociedade. A última semana de estágio estaria também destinada à avaliação dos trabalhos realizados durante o período de estágio por parte da direção e de um balanço final sobre os mesmos.

Desta forma, foi possível garantir uma rotatividade suficiente para perceber como cada um deles funciona e, como fiquei pelo período de sensivelmente um mês em cada uma das três equipas, pude integrar-me de melhor forma e ter assegurada uma experiência de trabalho mais profunda. Todas as atividades realizadas durante o período de estágio que irei descrever em diante encontram-se organizadas numa tabela que consta nos anexos.¹¹

2.2- Semana de Adaptação

A primeira semana de estágio começou no turno da Manhã 2 ao encargo do editor Frederico Moreno. A edição deste turno era, até à data de término do estágio, a única emissão feita a partir da delegação do Porto. Por esta mesma razão, as reuniões efetuadas antes do turno iniciar o seu trabalho eram feitas através de chamada telefónica que assegurava o contacto entre os elementos da equipa de Lisboa e do Porto. A chamada acontecia sempre no período que decorria entre as 9h e as 9h30. Ainda antes desta reunião, o editor encarregava-se de enviar um e-mail a todos os jornalistas do turno com os assuntos da agenda do dia, no qual indicava quem desenvolveria cada um deles, para que se pudessem começar a preparar e organizar. Na reunião por chamada eram dadas todas as indicações necessárias ao trabalho de cada um e discutidas as informações e ângulos

¹¹ Ver anexo 1: Tabela de atividades desempenhadas durante o período de estágio.

de abordagem para cada assunto em conjunto. Este processo repetiu-se todos os dias durante o mês em que estagiei neste turno. No primeiro dia fui apresentada àqueles que viriam a ser os meus colegas de turno durante aquele período e conheci, mas apenas por chamada de voz, o editor Frederico Moreno que me deu as boas-vindas e me integrou rapidamente ao atribuir-me tarefas também a mim. A minha função seria a de acompanhar os repórteres nas saídas de campo para ter uma experiência mais enriquecedora pois, segundo ele, seria nas saídas em reportagem onde mais aprenderia. Assim o fiz. Todos os dias procurei sair com um jornalista em reportagem e acompanhá-lo neste trabalho.

Durante o período em que me encontrava fora da redação com os jornalistas em reportagem procurei aprender o máximo que pude e esclarecer dúvidas que tinha e outras que iam surgindo, nomeadamente, como funcionavam os aparelhos utilizados nas saídas em reportagem como é o caso dos gravadores de áudio e microfones, como funcionava a emissão e como se estabelecia contacto através do aparelho de gravação de áudio utilizado na rua com o estúdio, como se editavam peças no local através deste mesmo aparelho, como se transmitia em direto do local de reportagem e que testes de som são feitos com a equipa de sonoplastia em estúdio antes de se iniciar o mesmo, entre outras. Durante a primeira semana acompanhei reportagens da jornalista Teresa Correia sobre manifestações que iam sucedendo associadas a diversas temáticas, como é o caso da manifestação dos enfermeiros em frente ao IPO por falta de profissionais de saúde e da manifestação dos estudantes da Escola Secundária de Camões por falta de condições no estabelecimento de ensino. Este trabalho de observação que pude experienciar durante esta primeira semana de adaptação serviu para perceber como é de facto o trabalho de um jornalista no local dos acontecimentos e a forma como se processa o mesmo. Uma das coisas que pude observar com clareza foi a maneira como os jornalistas já estão quase que “automatizados”, por assim dizer, no seu trabalho. A construção da notícia flui naturalmente e os diretos são feitos com simplicidade, quase como se fosse uma capacidade inata.

Foi também nesta semana de adaptação que o jornalista Nuno Carvalho se disponibilizou atenciosamente para me ensinar tudo o que envolve o trabalho de edição. Começou por me apresentar os programas mais utilizados na redação: o *Dalet* e o *AP-ENPS* (*Associated Press- Essential News Production System*). O primeiro é o programa utilizado pela Antena 1 para edição de sons. O segundo serve vários fins e tem funcionalidades como: a consulta da agenda e contactos; dispõe de um espaço onde se

escrevem as notícias e se faz o alinhamento dos noticiários que vão ser emitidos, tendo a possibilidade de verificar o tempo previsto para cada um, podendo aceder aos anteriormente criados e, também, é um programa que permite consultar a informação proveniente das agências noticiosas nacionais e internacionais, como por exemplo, Lusa e *Reuters*. Após ensinar-me tudo o que precisava de saber sobre os programas para iniciar o trabalho de edição autonomamente, levou-me até aos estúdios da Antena 1 onde me ensinou a gravar sons, a editá-los no momento e aprender a mexer com o *Codec*, aparelho a partir do qual se realizam as gravações, por exemplo, das chamadas. Para além disso, mostrou-me como fazer chamadas a partir do estúdio e editá-las. Primeiro é necessário pedir autorização ao interveniente para gravar a chamada e, caso a pessoa não o permita, deve-se parar a gravação e recolher o testemunho apenas por escrito.

Esta primeira semana de integração foi difícil para mim, pois de início nem sempre sentia que estava a ser útil porque, embora saísse com os repórteres para o trabalho de campo, acabava por ser mais observadora do que participante e quando regressava à redação ficava sem muito que fazer. Numa dessas saídas conheci um jornalista da rádio TSF que, ao perceber o meu desalento, sugeriu-me propor à equipa e ao editor fazer uma simulação do mesmo trabalho que um jornalista faz, ou seja, em vez de acompanhar apenas o trabalho como observadora fazer também um trabalho individual, fazer as minhas próprias peças, ainda que estas não pudessem ser emitidas, pois o protocolo de estágio da Antena 1 não o permite. Foi exatamente o que fiz. Falei com o editor e fiz-lhe esta proposta de trabalho individual que foi muito bem recebida e elogiada e que consistia em acompanhar os jornalistas sempre que possível nas saídas de campo e depois fazer as minhas próprias reportagens com os sons em bruto, ou seja, sem qualquer edição, que os jornalistas deixariam para mim de forma a poder trabalhá-los autonomamente. A partir daí tudo mudou, comecei a trabalhar e a sentir-me útil, tendo aprendido muito mais com este trabalho prático que passei a desenvolver. A ajuda do jornalista Nuno Carvalho foi essencial neste sentido, pois foi ele que me introduziu ao “mundo da edição” que eu conhecia muito vagamente e assim pude tornar-me mais entendida e ter uma experiência mais enriquecedora a partir desse momento, pois pude fazer o mesmo que um profissional da área faz.

2.3 – Turnos e primeiras notícias

Como mencionado anteriormente, na primeira semana acompanhei apenas os jornalistas nas saídas de campo, nomeadamente, manifestações e conferências de imprensa. Com a escrita das primeiras notícias pude relembrar alguns dos conhecimentos adquiridos nas aulas da unidade curricular Ateliê de Rádio e aprender ainda mais com o auxílio dos meus colegas de turno. A primeira peça que fiz foi acerca de uma manifestação de estudantes sobre as más condições do edifício da Escola Secundária Camões, que pude acompanhar com a jornalista Teresa Correia, que me deixou os sons em bruto, ou seja, o conjunto dos sons e declarações sem edição, para poder trabalhá-los do zero. Construí de raiz aquela que viria a ser a minha primeira reportagem. Tentei aplicar os conhecimentos que me foram transmitidos, trazendo-os à prática. Escrevi primeiro o texto com o cuidado de fazer um arranque chamativo para prender a atenção do ouvinte. De seguida, tentei contextualizar a notícia, dando enfoque aos detalhes mais importantes que se desenrolaram durante a manifestação e contei a história do ângulo que me pareceu mais interessante. Selecionei os sons dos intervenientes e, também, som ambiente para sonorizar a peça. Procedi à edição e depois de concluída mostrei aos meus colegas de turno e enviei também ao editor por e-mail para avaliação. O *feedback* que recebi foi positivo da parte de todos, tendo recebido várias dicas e críticas construtivas para as seguintes peças que viria a construir. Entre os ensinamentos que fui recebendo ao longo do tempo pude destacar: o tempo de cada peça não deve ultrapassar o limite de um minuto e trinta segundos; as frases devem ser curtas e devem ser evitadas cacofonias; a importância do som ambiente na sonorização e harmonia de uma peça e a existência de um fio condutor.

Continuei a fazer este trabalho repetidamente e, com o auxílio dos jornalistas do turno e do editor, senti que estava a evoluir de dia para dia e que as reportagens ficavam cada vez mais bem conseguidas. Sempre que não conseguia um resultado satisfatório pegava nas dicas e críticas que me eram dirigidas e voltava a editar a peça de novo para melhorá-la e aprender com os erros que iam surgindo.

Apercebi-me de que com a limitação temporal exigida pelo imediatismo da informação, nem sempre os jornalistas dispunham de tempo para me auxiliar e, por isso, fui desenvolvendo mais peças e fazendo outros trabalhos autonomamente como forma de experimentar um pouco de tudo. Depois reunia todos os trabalhos e quando era oportuno

mostrava-os ao editor de turno e, por vezes, também à orientadora Maria de São José. Penso que seja fundamental mostrar o nosso trabalho aos profissionais, pois só assim conseguimos perceber através da opinião de pessoas experientes onde estamos a errar e qual o melhor caminho a seguir. Caso contrário, continuamos a fazer trabalhos sem saber se está a ser bem desenvolvido e a cometer erros em vez de evoluir e aprender com os mesmos.

Durante este turno auxiliei os jornalistas a garantir traduções e dobragens. O estágio coincidiu no período em que se discutia o Brexit e, por isso, surgiam muitos sons em língua inglesa que necessitavam ser traduzidos e posteriormente dobrados para facilitar a receção da notícia por parte dos ouvintes. Como nunca tinha feito este trabalho, os jornalistas Nuno Carvalho e Marina de Castro disponibilizaram-se para me demonstrar como fazê-lo e auxiliá-los. Primeiro devemos ouvir o som original e fazer a sua respetiva tradução, tendo atenção às traduções literais, pois tudo depende do contexto em que é dito. Após este passo grava-se a dobragem em estúdio que deve ser mais curta que o som original. Na hora da edição deve-se deixar reproduzir o som original por alguns segundos e depois sim começa a dobragem para o ouvinte perceber o que está a acontecer e, no final, o som da tradução deve terminar alguns segundos antes do som original.

Para além do Brexit, a crise na Venezuela foi outro dos assuntos mediáticos durante o período que estive no turno da Manhã 2. Como tinha alguns contactos de pessoas venezuelanas sugeri ao jornalista Nuno Carvalho recolher alguns testemunhos para praticar as chamadas a partir do estúdio, pois ainda não tinha tido oportunidade de pôr em prática este ensinamento. Recolhi os sons dos intervenientes dos quais tinha o contacto e através de cada chamada que ia estabelecendo, eram-me fornecidos outros contactos. No final consegui obter sons relevantes para a situação do momento e, depois de os ouvir, o colega Nuno Carvalho pediu-me que enviasse os sons ao editor para apreciação, que logo me sugeriu fazer um medley e apresentar ao turno da Tarde para serem usados na emissão. No entanto, o turno da Tarde não achou relevante e, por isso, decidi não os incluir no noticiário. Mais tarde, consegui um testemunho de um médico que se encontrava numa manifestação na Venezuela e que me contou tudo o que se passava durante a mesma. Pedi-lhe que me descrevesse tudo o que via, incluindo o que se podia ler nos cartazes das pessoas que acompanhavam a manifestação e os cânticos que se ouviam, para poder descrever ao ouvinte o que se estava a viver naquele momento na Venezuela. Depois de editar novamente estes sons mostrei ao editor Frederico Moreno

que me indicou que me dirigisse ao editor responsável pelo turno da Noite e lhe apresentasse o trabalho que tinha feito. O editor da noite, José Manuel Rosendo ficou agradado com os sons que lhe apresentei e decidiu incluí-los no noticiário da meia-noite.

No dia 4 de Fevereiro juntei-me ao turno da Tarde. Este turno mostrou-se mais atarefado que o anterior, uma vez que, neste período do dia, existiam mais notícias e a informação estava constantemente a chegar à redação. Por ser uma equipa com outro ritmo, por vezes não existia muita comunicação entre mim e os jornalistas, pois o tempo e o mediatismo não o permitiam, tendo sentido maior necessidade de fazer trabalho de forma mais autónoma.

O trabalho que desenvolvi durante o período em que frequentei este turno foi muito semelhante ao que realizei com a equipa anterior. Saía com os jornalistas em reportagem e quando voltava à redação fazia as minhas próprias peças em relação ao que tinha sucedido. Em alguns dias, quando não havia oportunidade de sair, criava peças aleatórias sobre assuntos do dia, para continuar a praticar e não perder o ritmo. Desenvolvi alguns trabalhos, nomeadamente na área da cultura, a fim de praticar a sonorização dos mesmos. A título de exemplo, uma reportagem sobre o artista Carlos do Carmo a propósito do fim da sua carreira e também a cerca de uma exposição em homenagem à cientista Odette Ferreira, no Museu da Farmácia. Senti menos apoio neste turno, não por falta de interesse da minha parte em aprender mais, mas pela falta de tempo dos profissionais para me acompanharem diariamente nesta aprendizagem que é o estágio. As minhas peças não foram ouvidas pelo editor deste turno, mas tentei sempre mostrá-las aos meus colegas de equipa, principalmente aqueles que acompanhava nas saídas de campo, que se mostraram atenciosos e me auxiliavam sempre que possível.

Neste turno acompanhei as jornalistas Paula Verona e Sandra Henriques no trabalho de campo que era muito diversificado. Tive a oportunidade de desenvolver peças sobre os mais variados temas como, por exemplo, cultura, política, educação e saúde.

Uma das tarefas que desempenhei nesta fase, foi como elaborar uma síntese, algo que ainda não tinha aprendido até ao momento. É a Antena 1 quem produz conteúdo noticioso de outras rádios, nomeadamente da Antena 3 e, por isso, existe sempre um jornalista destacado para exercer a função de editar as sínteses noticiosas para esse canal, pois o espaço dedicado à informação na Antena 3 é mais limitado do que na Antena 1. Por norma, a jornalista responsável por esta função era a jornalista Augusta Henriques e,

por essa mesma razão foi com o auxílio da mesma que aprendi como fazê-las. Consoante ia fazendo este trabalho de forma autónoma, ia mostrando aos meus colegas para receber o feedback correspondente, tendo em conta que as sínteses diferiam em muito dos noticiários e como eram mais curtas exigiam mais precisão para manter o conteúdo mais reduzido, mas nunca perdendo a informação essencial.

Mas os novos conhecimentos não pararam por aqui. Todos os dias, com a prática e em conversas com os colegas da redação fui desenvolvendo outras competências e adquirindo mais experiência. Aprendi que no local dos acontecimentos é necessário tomar decisões quanto ao material recolhido, neste caso, os sons correspondentes às declarações dos protagonistas. O que acontece, por vezes, é que se recolhem vários sons de intervenientes, mas como se deve ter sempre em mente o princípio da relevância jornalística, alguns deles acabam por ser eliminados e nunca chegam a passar no noticiário porque não são relevantes ou porque o assunto não o exige. Por exemplo, em algumas circunstâncias, durante as manifestações, os representantes dos partidos políticos descem as escadas da Assembleia da República para acalmar aqueles que protestam e num género de campanha política fazem declarações que se tornam convenientes ao momento. Nestes casos, apenas se devem incluir sons se os mesmos forem declarações do Primeiro Ministro, um Ministro relacionado com o assunto da manifestação ou o Presidente da República. No entanto, e falando, por exemplo, numa situação em que um tema está a ser discutido por vários partidos políticos, devem ser incluídas as declarações de todos os presentes para que não se torne tendencioso. A regra é simples: ou se incluem todas as declarações ou não se inclui nenhuma.

Foi, não só no turno da Manhã 2, como no turno da Tarde que aprendi a anotar as horas dos acontecimentos para depois relatar e contextualizar o ouvinte. A simplificar a comunicação, seguindo as regras de estilo, como por exemplo: ler as horas por extenso e nunca apenas os números; não referir datas específicas, como é o caso de 1907, por exemplo, mas sim adotar por uma forma de expressão que se torne mais simples de fixar por quem escuta e, por fim, evitar também o uso de verbos no futuro e tentar manter um discurso no tempo presente.

Visto que as peças nos noticiários não devem ultrapassar um minuto e trinta segundos para que, no curto espaço de tempo que é dedicado ao “Noticiário Nacional”, se possam incluir todos os assuntos do dia, a edição rigorosa é fundamental. Quaisquer pausas, respirações ou partes no discurso de um protagonista que não sejam fundamentais

devem ser eliminados no processo de edição do som, para permitir ganhar mais tempo para incluir mais material informativo. Cada segundo é fundamental. No entanto, estas edições devem ser feitas cuidadosamente para que nunca se altere o sentido, o contexto ou o discurso dos intervenientes, que podem ter consequências graves.

No dia 4 de Março passei a integrar a equipa do programa “Portugal em Direto”. A dinâmica mostrou-se completamente diferente daquilo que tinha experienciado nos turnos dos noticiários pelos quais passei anteriormente. Fui recebida pela jornalista Arlinda Brandão que foi quem me acompanhou diariamente durante este último mês na Antena 1, uma vez que, como já tinha sido referido, neste programa os jornalistas estão dispersos pelo país e não existem horários fixos. Por isso, não havendo um espaço onde a equipa se reúne diariamente como acontecia nos turnos anteriores, o trabalho de cada um passa a ser mais autónomo e individual, embora também se realizem reuniões semanais e todos comuniquem com frequência sobre os assuntos a abordar para decidir sobre a programação semanal e que temas devem constar e ser discutidos na mesma.

No primeiro dia, foi-me sugerido, uma vez que não conhecia o programa “Portugal em Direto”, ouvir alguns dos episódios anteriores para perceber do que se tratava, como era elaborado e como funcionava a dinâmica do mesmo. Assim o fiz e organizei também uma lista de sugestões de temáticas para novas reportagens como também me tinha sido pedido e que foram recebidas com entusiasmo, tendo sido uma delas aproveitada para o programa, neste caso, a multiculturalidade na freguesia de Arroios.

Nos dias que se seguiram a minha tarefa foi, tal como nos turnos dos noticiários, acompanhar a jornalista Arlinda Brandão nas saídas em reportagem e fazer as minhas próprias peças e reportagens sobre os temas que acompanhávamos diariamente. Uma vez que o programa “Portugal em Direto” tem a duração de cerca de 45 minutos e que se trabalha na programação com uma semana de antecedência, o tempo dedicado a cada reportagem é muito maior o que acaba por conceder mais tempo aos jornalistas para trabalharem na edição e na recolha da informação, o que resulta numa maior liberdade criativa. Por isso, as reportagens incluídas no programa eram maioritariamente sonorizadas e mais bem conseguidas do que nos noticiários em que o fator tempo acaba por determinar muitas vezes a qualidade sonora e o rigor na hora da edição.

Ao frequentar e acompanhar a equipa do programa “Portugal em Direto” pude aprender de forma mais elaborada sobre edição e todo o processo de recolha de sons no

local dos acontecimentos. Para além disso pude também abordar temas muito diferentes daqueles que se trabalhavam nos noticiários e aprender a adotar outro tipo de linguagem jornalística radiofónica mais próxima, íntima e cativante para o ouvinte. Com a jornalista Arlinda Brandão aprendi que o som ambiente é fundamental para este fim. Quanto mais sonorizada está a reportagem e quanto mais som ambiente lhe conferirmos, mais cativado fica o ouvinte que, apenas usando o processo imaginativo conferido pela audição, acaba por se sentir integrado no local e ter a sensação que presenciou o mesmo que aquilo que quem lhe está a contar vivenciou no momento da reportagem.

Sempre que terminava as minhas versões de reportagem dirigia-me até aos estúdios da Antena 1 com a jornalista para que pudesse fazer uma apreciação das mesmas. Durante este tempo em que nos reuníamos as duas, aproveitava para discutir os temas que tratávamos, as dificuldades que sentia, as dúvidas que iam surgindo com o tempo e senti da parte da jornalista uma grande empatia e sentido de ajuda que facilitou em muito o meu processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências, tendo acabado o estágio com reportagens com uma qualidade muito superior àquilo que tinha feito no início do programa “Portugal em Direto”, como é o caso da reportagem sobre a arte urbana do artista SMILE no bairro do Casal Ventoso e a reportagem sobre o gradeamento no Miradouro do Adamastor em Lisboa.

Capítulo III – Estado da Arte

3.1 Os primeiros tempos da rádio em Portugal

A rádio em Portugal surge no início do século XX dominada por radioamadores, num contexto de desenvolvimento económico, social e cultural marcado por um período de regimes autoritários. Em 1910 é inaugurada a primeira estação Marconi em Portugal e 4 anos mais tarde, em 1914, realizam-se as primeiras experiências radiofónicas no país na primeira estação de rádio portuguesa, a rádio Hertz, de Fernando Medeiros. Foi através dos radioamadores que a implementação desta nova tecnologia em território nacional se tornou possível com o início das transmissões do emissor CT1AB em 1917 e, mais tarde, no dia 1 de março de 1925, com as emissões regulares de rádio na estação amadora CT1AA, fundada por Abílio Nunes dos Santos Júnior. Nesta altura fazia-se ouvir na rádio

apenas música clássica com peças tocadas ao vivo, uma vez que a gravação de discos ainda dava os seus primeiros sinais (SANTOS, 2005, p. 138). Em 1928 é fundada a estação CT1DY, ou Rádio Clube da Costa do Sol, pelo oficial do exército Jorge Botelho Moniz que participou no golpe militar de 28 de maio de 1926 com Alberto Lima Basto (GRÁCIO e MARTINS, 2022).

Durante a primeira metade da década de 30, foram-se multiplicando um pouco por todo o país estações de rádio que emitiam notícias, música, poesia, teatro, entre outros (NEVES, 2021). Em 1930 é publicado o Decreto n.º 17.899, de 29 de janeiro, que conferia ao Estado o monopólio dos serviços de radioeletricidade e cria-se o Conselho de Radioeletricidade. O Rádio Clube Português (RCP) foi inaugurado no ano de 1931, estabelecendo assim o início da profissionalização da rádio em Portugal. Foi com a criação desta estação que se instalou um novo panorama radiofónico, passando-se a transmitir outros tipos de música para além da clássica, como é o caso da música popular portuguesa e internacional, pois nesta altura já se disponibilizavam discos, e alterando-se a programação com a estreia de programas infantis, de informação, religiosos e de análise e crítica musical (SANTOS, 2005, p. 138). A partir deste momento, nos anos que se seguiram, foram surgindo novas estações emissoras, como é o caso da Emissora Nacional em 1935, de cultura simultaneamente elitista e popular e de identificação com o poder, ou seja, dominada pelo Estado, e a Rádio Renascença em 1937 ligada à Igreja Católica, que viria a desempenhar um papel fundamental para a história da rádio e do país.

Tanto as emissões de rádio, como as publicações periódicas e, posteriormente, as emissões televisivas eram altamente fiscalizadas e controladas pela censura. Os meios de comunicação estiveram ao serviço dos interesses do poder político, tendo, a partir da década de 1930, como principal objetivo defender as iniciativas do Estado Novo e a manipulação da opinião pública em prol dos valores do mesmo. Tudo aquilo que fosse transmitido em contrário ao que era proclamado pelo regime salazarista era imediatamente censurado e abolido (CORDEIRO, 2003, p. 2).

Para além de servir de veículo de transmissão de mensagens e ideais salazaristas a fim de obter a legitimação do regime, a rádio tinha, também, o intuito de entreter a população. (CORDEIRO, 2003, p. 2). Entre 1930 e 1950 são os “anos de ouro da rádio”. Numa altura em que era necessário distrair a população dos problemas sociais, políticos e económicos, os primeiros espetáculos, novelas, programas humorísticos, entre outros, começam a tomar conta das emissões, tal como já acontecia um pouco por todo o mundo.

Nos anos 50 o aparecimento da televisão em Portugal destabilizou, em parte, a radiodifusão pois o fascínio que o novo meio produzia na nação tornou-se difícil de acompanhar por uma rádio que se fazia sentir desadequada e antiquada (CORDEIRO, 2003, p. 3). Era agora necessário utilizar a criatividade para modernizar este meio e fazer nascer uma nova era.

“O alheamento da realidade e o sistema confortável de música e conversa para entreter, mostrava-se caduco, desadequado. A rádio enfrentava um momento de rutura, entre uma comunicação institucionalizada e outra que se construía de acordo com o ritmo e o dinamismo próprio do pulsar dos acontecimentos da sociedade.”

(CORDEIRO, 2003, p. 3)

A censura foi nesta altura desafiada pelo direto (CORDEIRO, 2003, p. 3) de que a rádio se valia para informar e formar os indivíduos acerca dos testemunhos daquilo que realmente se passava no país. Contestava-se e lutava-se cada vez mais pelos direitos e liberdades, que hoje tomamos como garantidos, num regime que eventualmente chegaria ao fim no ano de 1968 com a queda de Salazar de uma cadeira que provocou lesões cerebrais, levando ao seu afastamento do cargo de chefia no governo.

Os anos que se seguiram ficaram marcados pela “Primavera Marcelista” com o novo presidente do conselho, Marcello Caetano que, ao contrário da vontade que manifestava inicialmente numa democratização, deu poucos os sinais de abertura política, uma vez que ainda se impunham restrições à liberdade, que o problema colonial subsistia e que o regime mantinha um carácter não democrático (ANTÃO, 2014).

No ano de 1974, vivia-se ainda sob um regime ditatorial, o problema da guerra colonial continuava por resolver, crescia entre a população um descontentamento cada vez mais acentuado face ao aumento do custo de vida, intensificava-se a violência e fazia-se sentir uma insatisfação no setor empresarial moderno que ansiava pela aproximação à Europa comunitária (ANTÃO, 2014). É neste contexto que os militares se unem para um golpe de Estado para pôr fim à ditadura, com vista à democratização do país, e avançam

com o Movimento das Forças Armadas que viria a protagonizar a Revolução dos Cravos, como assim ficou conhecido o dia 25 de Abril, e no qual a rádio teve um papel muito importante.

Foi às 23 horas do dia 24 de Abril quando a ação militar, coordenada pelo major Otelo Saraiva de Carvalho a partir do quartel da Pontinha em Lisboa, se iniciou com a transmissão radiofónica da canção “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, por João Paulo Dinis através da antena dos Emissores Associados de Lisboa¹². Com este primeiro sinal, todos os envolvidos na revolução ficaram a saber que as operações estavam a correr como planeado e avançaram com a primeira fase do golpe de Estado. Às 00:20h do dia 25 de Abril fez-se entoar, a partir da Rádio Renascença, a famosa canção “Grândola Vila Morena”, de Zeca Afonso e assim estava dado o segundo sinal que marcou o início das operações. As unidades militares avançaram para os pontos estratégicos, sendo eles, as estações de rádio e da RTP, o Terreiro do Paço, os aeroportos civis e militares, o Quartel do Carmo, as instituições de direção político-militar, entre outros. Foi, também, através da rádio que se ouviram as primeiras notícias sobre a revolução e se obtiveram as primeiras reações da população no decorrer dos acontecimentos¹³. A operação “Fim Regime” terminou com o fim da resistência do Regimento de Cavalaria 7 e com a rendição pacífica de Marcello Caetano ao entregar o poder ao general Spínola (ANTÃO, 2014).

A partir deste dia as mudanças foram sendo feitas gradualmente, abolindo-se a censura dos meios de comunicação e alcançando-se a liberdade de expressão pela Lei da Imprensa de 1975, criando, juntamente com outros diplomas, um novo direito à imprensa que incluía o estatuto do jornalista e o regime da carteira profissional (SANTOS, 2005, p. 139). Ainda no ano de 1975 e 1976 procede-se à nacionalização das estações de rádio reunindo-as na Empresa Pública de Radiodifusão, à exceção da Rádio Renascença. A Emissora Nacional e as restantes estações nacionalizadas adotam a designação de RDP (Radiodifusão Portuguesa) (GRÁCIO e MARTINS, 2022).

A partir de 1977 surgem, um pouco por todo o país, as rádios-pirata, como é o caso da Rádio Caos, Rádio Nova, Rádio Antena Livre, TSF, entre outras, que inundam as

¹² Informação disponível no site: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-em-ondas-de-radio/> consultado em: 20 de agosto de 2022.

¹³ Informação disponível no site: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-em-ondas-de-radio/> consultado em: 20 de agosto de 2022.

ondas de frequência modulada, fazendo com que as emissoras se sobrepusessem e se tornasse difícil a audição das mesmas (SANTOS, 2005, p. 139). Para evitar que isso acontecesse, e à falta de legislação neste âmbito, a Fiscalização Radiofónica apreendia o material destas rádios. Por essa mesma razão, tornou-se necessário regulamentar o setor e estabelecer uma ordem na radiodifusão. Assim, em 1988, através da Lei da Rádio (Lei n.º 87/88, de 30 de julho), foram concedidas 314 licenças e as rádios- pirata passaram a ser legalizadas e a emitir livremente (OLIVEIRA e SILVA, 2014).

Os primeiros tempos da rádio em Portugal ficaram marcados por programas emblemáticos como, por exemplo, “Quando o Telefone Toca”, “A força do Destino”, “Retiro da Severa”, “Alegria ao Volante”, “Simplesmente Maria”, entre outros (SANTOS, 2005, pp. 138-139).

3.2 O Jornalismo Radiofónico

Com o surgimento da televisão e, alguns anos depois, da Internet, houve a sensação de que a rádio era um meio que se apresentava desadequado àquela que foi chamada “era da imagem”. No entanto, não sendo a principal fonte de notícias dos cidadãos que são confrontados com uma multiplicidade de conteúdos e de informação e apesar de apenas se valer do som, a rádio tem conseguido sobreviver. É nestes períodos que os níveis de audiências são maiores, uma vez que é neles que os indivíduos mais tempo passam dentro dos veículos, por isso, “A rádio é um meio que tem assumidamente uma relação privilegiada com o público (...)” (CORDEIRO, 2003, p.1).

Neste sentido, a rádio tira partido de um aspeto que nenhum outro meio dispõe que é a portabilidade e a mobilidade, ou seja, consegue acompanhar o ritmo dos acontecimentos, transmitindo-os em tempo real, como se tivesse uma simultaneidade com a realidade, e ser ouvida a partir de qualquer lugar. No entanto, estes aspetos deixaram de ser exclusivos ao meio radiofónico. As notícias passaram a ser emitidas de hora a hora em praticamente todos os meios e podem ser acedidas a qualquer momento e em qualquer lugar a partir de qualquer dispositivo.

Com o advento da Internet e a necessidade de adaptar os meios de comunicação às novas realidades tecnológicas, todos os meios adotaram o *online* como via de transmissão de conteúdos e informação e o carácter de portabilidade e mobilidade que antes era exclusivo da rádio, deixou de o ser. Agora podemos consultar qualquer tipo de conteúdo

online à distância de um *click*. No entanto, para aceder a esses conteúdos são necessários aparelhos eletrónicos específicos como, por exemplo, um telemóvel ou Tablet e Internet, algo que não está acessível a todos os indivíduos. Na rádio isso não acontece. Podemos ter acesso à mesma em todo o lado sem necessidade de Internet ou um dispositivo especial para ouvir as transmissões radiofónicas. Desta forma, apesar das adaptações feitas em cada meio para assegurarem cada vez mais audiência e se adaptarem a esta nova era, a rádio continua a ser um meio que beneficia deste aspeto que é poder ser ouvida em qualquer lugar de forma gratuita.

Os indivíduos procuram as notícias como forma de estabelecer contacto com o mundo exterior em relação àquilo que é a sua realidade e experiência pessoal do dia a dia, “(...) o jornalismo em geral e o radiojornalismo em particular não transmite simplesmente a realidade, antes cria uma representação sobre ela.” (MEDITSCH, 1999, p. 275). A função dos jornalistas e do jornalismo em si é a de interpretar, retratar e refletir a realidade dos acontecimentos de interesse público da atualidade e criar esta ligação entre os cidadãos e o mundo. O jornalista é um ator social e tem, por isso, um papel importante na organização da realidade quotidiana.

“O poder dos jornalistas é o poder de escolher, de seleccionar, de hierarquizar, de optar. A edição (ou montagem, como se dizia na tradição portuguesa) é o principal instrumento que o jornalista de rádio tem à disposição para concretizar... esse poder!”

(MENESES, 2003, p.88).

Este é um intérprete da realidade e define aquilo que é socialmente relevante para ser relatado em função dos critérios de noticiabilidade do jornalismo, dando visibilidade pública aos acontecimentos, sendo “(...) neste quadro que a ação dos *media* noticiosos é valorizada na medida em que comporta a narração do real e a seleção exercida pelos profissionais. A informação é vista como uma construção da realidade e não simplesmente o seu reflexo.” (BONIXE, 2012, p.18).

No jornalismo radiofónico dá-se prioridade à atualidade e a informação pretende-se transmitida no menor tempo possível, daí a sua relação simultânea com a realidade e, como diz Eduardo Meditsch, “a rádio funcionando 24 horas por dia atinge a isocronia absoluta com o tempo da vida real” (MEDITSCH, 1999). No entanto, segundo Luís

Bonixe, enquanto a atualidade é um valor-notícia do jornalismo, o fator tempo é uma condicionante da prática do mesmo (BONIXE, 2012, p.51) e é este último que gera limitações neste meio. Sendo que a rádio responde à atualidade de forma imediata, a informação não é transmitida ao pormenor ou com grande contextualização, ou seja, as notícias, muitas das vezes, são enunciadas no momento em que se dão os acontecimentos através do direto, que combate a pressão do tempo, e depois vão sendo atualizadas consoante o desenvolvimento da informação que vai sendo apurada. Enquanto na rádio um assunto que já tenha sido enunciado, por exemplo, na noite anterior, é atualizado no decorrer do dia seguinte, na imprensa só sairá uma vez e, por isso, esta última recorre a uma maior contextualização dos factos. A rádio é um meio de comunicação mais eficiente na transmissão dos factos atuais em comparação com a imprensa, mas peca então pela falta de contextualização no momento da enunciação: “(...) a rádio tenderá a transmitir o máximo de informação sobre o maior número de acontecimentos num menor espaço temporal.” (BONIXE, 2012, p.55).

Recorre posteriormente a outras formas de dar profundidade aos assuntos tratados, através de reportagens, entrevistas ou outros programas em que se contextualiza e se debatem os acontecimentos do dia.

“(...) acontecimentos temporalmente mais distantes, mas que mantenham a atualidade em relação ao *deadline* terão provavelmente uma dupla divulgação, a primeira vez ao vivo no momento mesmo da sua apuração e a segunda numa edição mais refinada para um horário privilegiado da programação.”

(MEDITSCH, 1999, p.95)

Portanto, a rádio tem um carácter contínuo-temporal o que significa que há uma necessidade por parte dos jornalistas em assegurar a continuidade informativa normalmente de hora a hora e garantir que a informação não é repetida e está sempre atualizada, para que o ouvinte não perca o interesse entre noticiários. Normalmente, “a notícia de abertura é aquela a que os jornalistas da emissora atribuem maior importância naquele noticiário.” (BONIXE, 2012, p.85) depois seguem as outras informações num alinhamento em que, por vezes, se agrupam as notícias segundo temáticas e, por outras, são dadas segundo os critérios de relevância e hierarquia noticiosa das mesmas.

Se a rádio, ao contrário dos outros meios, apenas se faz valer do som, como é que o usa para retratar, refletir e construir mensagens da realidade? Encontraremos a resposta a esta pergunta nos subcapítulos apresentados adiante.

3.3 A linguagem sonora do jornalismo radiofónico

A palavra sonora é o principal elemento comunicativo da linguagem da radiofónica.

Inicialmente, no jornalismo radiofónico transpunha-se as notícias de imprensa, que eram lidas ao microfone, não havendo uma adaptação da linguagem para o novo meio sonoro.

“Títulos quase gritados, com artigos suprimidos, e a ideia de uma “paginação” rígida com seções fixas e “espaços” limitados por assunto, originam-se neste esforço de transposição fiel da experiência gráfica através do “jornal falado”.”

(MEDITSCH, 1999, p.175)

Rápido se percebeu que havia demasiados constrangimentos na linguagem utilizada neste novo meio e, por isso, foi necessário criar novas formas de transmitir e adaptar a comunicação na rádio, captando a atenção dos ouvintes.

As novas técnicas adaptadas ao jornalismo radiofónico para garantir uma linguagem sonora eficaz e captar a atenção dos ouvintes passaram por adotar: o uso da voz ativa; imagens concretas ao invés de ideias abstratas; a reiteração, ou seja, a referência aos assuntos mais do que uma vez (por exemplo, o sujeito da ação deve ser repetido sempre que possível no início de cada frase); uma estrutura lógica; o uso do tempo verbal presente; um intercalar de vozes; o uso de um tom pessoal capaz de aproximar o locutor do ouvinte de forma mais íntima, assim como o uso de ritmos de leitura, pronúncia do texto e respirações controladas, diferentes daquelas usadas no meio gráfico; a utilização de uma linguagem preferencialmente simples tanto a nível sintático como semântico, isto é, frases curtas, ideias únicas, claras, precisas e, se possível, sem ambiguidades; e, por fim, o uso de vocabulário simplificado para evitar constrangimentos no ouvinte ao tentar desvendar o significado de certas palavras utilizados que escapem à sua compreensão por

não fazerem parte do seu vocabulário corrente. Assim passamos a ter uma frase de abertura que capta logo a audiência e depois a informação vai sendo desenvolvida segundo estas técnicas específicas do meio radiofónico.¹⁴

Estas novas técnicas foram progressivamente adotadas por parte dos profissionais que estavam habituados à redação para o formato impresso e que viram impostas novas regras exclusivas a este novo meio que é a rádio, “Daí a dificuldade de adaptação ao meio por parte de redatores condicionados aos meios impressos.” (MEDITSCH, 1999, p.178).

Segundo Luís Bonixe, existem quatro elementos que compõem a linguagem radiofónica que conjugados ajudam na construção das mensagens, são eles: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio (BONIXE, 2012, p.33). Iremos abordá-los em seguida, tal como outros elementos que achamos fundamentais na construção da linguagem sonora como veremos adiante.

3.3.1 A Palavra

“Revelou-se um mundo sedutor e excitante, que engloba não só o maior estímulo que conhece o homem para os sentidos, a música, a harmonia e o ritmo, mas também, ao mesmo tempo, é capaz de dar uma descrição da realidade por meio de ruídos e com o mais amplo e abstrato meio de divulgação que o homem possui: a palavra.”.

(ARNHEIM, 1936)

É através da palavra que os indivíduos se expressam nos processos de socialização do dia a dia, por isso, ela não deixa de ser implicitamente fundamental nos meios de comunicação que transmitem informação sobre o mundo exterior. No entanto, a palavra oralizada apresenta vantagens sobre a palavra escrita, uma vez que consegue transpor um carácter emocional que o formato gráfico não consegue descrever.

¹⁴ As técnicas que aqui são referenciadas foram estudadas durante o período de frequência do Ateliê de Rádio do Mestrado em Jornalismo, posteriormente observadas durante o período de estágio na Antena 1 e encontram-se aprofundadas na obra MENESES, João Paulo. 2003. Tudo o que se passa na TSF – ... para um “livro de estilo”. Edição Jornal de Notícias.

Segundo Balsebre, a palavra na rádio parte de um princípio de criatividade, ou seja, apresenta-se como uma “palavra imaginada” (2004, p.35), o que quer isto dizer que tudo aquilo que é dito, e independentemente da forma como é transmitido, será recriado pelo ouvinte através de uma experiência que envolve os sentidos, mas acima de tudo, da experiência sensorial e pessoal do mesmo. Aquilo que para uns terá um significado, para outros adquirirá outro, mediante a vivência pessoal de cada um.

“Não podemos esquecer que a linguagem radiofónica é uma linguagem artificial, e que a palavra radiofónica, ainda que transmita a linguagem natural da comunicação interpessoal, é a palavra imaginada, fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa.”

(BALSEBRE, 2004, p.35).

Meditich desenvolve o conceito de “escola da visualização”, sugerindo que, não havendo imagens visuais na rádio, é necessário que o ouvinte tenha a capacidade de imaginar visualmente dentro da sua própria mente e, por isso, importa trabalhar uma complementação imaginativa (1999, p.156). Sem recurso a imagens, a palavra na rádio permitiria o acesso à imaginação do ouvinte. No entanto, há que saber guiar essa imaginação através da narrativa pois, não se trata apenas de representar a realidade tal como ela é. Segundo a ideia de Kolb, ou o ouvinte tem conhecimentos *a priori* sobre a mesma, por de alguma forma já a ter experienciado, ou terá capacidade limitada para imaginar situações que nunca foram vivenciadas pelo mesmo, através de um único sentido: a audição (1931). Neste sentido, a palavra na rádio necessita de um suporte: a voz. Falaremos sobre a mesma mais adiante.

A palavra no jornalismo radiofónico funciona como instrumento de transmissão da informação, auxiliando o ouvinte na construção de imagens mentais, utilizando a mesma para descrever, por exemplo, ambientes ou os locais onde se dão os acontecimentos, permitindo que o mesmo sinta que teve a mesma experiência que o jornalista que se deslocou até ao local. Serve também para relatar os acontecimentos, fazendo uso da expressividade oral, conferindo-lhe intensidade e ritmo e é através da mesma que se

discutem os assuntos, ideias e se trocam opiniões na rádio, por exemplo, nos debates ou entrevistas.

3.3.2 A Voz

Como foi referido anteriormente, a palavra na rádio é suportada pela voz. Esta atribui à palavra sentido, emoção e efeito, conferindo-lhe um contexto através de técnicas vocais tais como: a entoação; a dicção; a respiração; a articulação; o tom; a melodia; o timbre; a duração e a intensidade, com a qual o locutor projeta a mensagem. Balsebre (2004, p.58) dá o exemplo de como estas técnicas funcionam num contexto de relato de um jogo de futebol:

“A melodia da palavra radiofónica, nesta situação-tipo, descreve o movimento espacial e o movimento afetivo que significam essa dramaturgia da realidade que representa a retransmissão de um jogo de futebol. As pausas indicam a transição espacial, a translação da bola de um espaço para outro no campo de jogo. A aceleração da atividade do jogo, trocas de bola mais frequentes, corridas mais rápidas traduzem-se por uma aceleração do ritmo verbal: menor duração das pausas, mais velocidade de emissão das palavras”.

O modo como pronunciamos certas frases ou entoamos determinadas palavras atribui significados às mesmas. Por isso, a palavra radiofónica deve ser dita de uma forma precisa, consoante aquilo que se pretende transmitir para evitar interpretações indesejadas ou que a mensagem não passe de forma correta, “Na rádio, uma palavra ou frase pronunciada inadequadamente põe em questão o conteúdo da mensagem e, com ele, também a competência do locutor.” (MEDITSCH, 1999, p.183). Por exemplo, se nos referimos a um acontecimento dramático relacionado com a morte de alguém, não podemos transmitir a informação com tons irónicos ou com uma entoação feliz. Daí que, aos profissionais de rádio, lhes seja muitas vezes exigido a utilização de um tom de voz firme, mas que se mostre natural e informal, não só para haver transparência, objetividade

e imparcialidade sobre os assuntos, mas também para permitir que se estabeleçam laços emocionais de proximidade e de confiança com quem o ouve, e que o processo de criação de mensagens mentais seja facilitado. Uma boa dicção ajuda na receção das mensagens por parte do ouvinte quando segue o “português falado”. No entanto, uma má dicção pode provocar irritabilidade a quem nos está a ouvir e alterar ou influencia a sua compreensão.

“A dificuldade que acompanha o discurso do rádio informativo desde a sua origem é encontrar uma maneira de expressar de forma sonora um conteúdo que tomou forma originalmente na tecnologia da imprensa.”

(MEDITSCH, 1997, p.4)

O jornalista na rádio funciona como um ator e o seu papel começa por adotar artificialismos para disfarçar a leitura dos textos pois não se pretende que o ouvinte perceba que está a ser lido um texto, mas sim que o jornalista está a falar diretamente consigo de forma natural, mesmo sabendo que a oralidade no seu sentido puro é quase impossível de se conseguir no meio radiofónico, pois o texto é ensaiado, ainda que, por vezes, se recorra ao improvisado.

A forma como se escreve o texto para a rádio condiciona a sua leitura. Cada jornalista, consoante o tempo de experiência, vai adotando um estilo próprio de escrever, para posteriormente ser lido por si mesmo. No entanto, como refere João Paulo Meneses (2003, p. 106), nada lhe garante que no último minuto, antes da transmissão, não seja necessário que esse mesmo texto que escreveu seja lido por um colega. Por isso, e para não comprometer a leitura por parte de outro colega numa emergência, os textos devem ser escritos segundo algumas regras para que seja perceptível para qualquer jornalista deste meio. Falaremos mais tarde sobre o texto no subcapítulo adiante.

Segundo João Paulo Meneses (2003, p.108) no momento da transmissão da informação o jornalista deve adotar uma atitude. E por atitude refere-se aos sentimentos que demonstramos através da voz de forma inconsciente. Podemos ter a dicção, o tom, a entoação, entre outros, na medida certa, mas se não se tiver atitude perde-se a mensagem e, com isso, a credibilidade. Se transmitimos ao ouvinte sentimentos de ansiedade,

tristeza, felicidade ou distração, estes vão ser percebidos pelo mesmo. Portanto, a atitude é ter-se convicção naquilo que está a ser dito a fim de transmitir segurança e credibilidade a quem nos está a ouvir e ter a capacidade de disfarçar os sentimentos pessoais, ou seja, “Ter atitude, no fundo, é nunca esquecer que é o jornalista/animador que se deve identificar com o ouvinte e não o contrário...” (MENESES, 2003, p.109).

3.3.3 O Texto

No jornalismo radiofónico, o texto é escrito para ser lido, por isso, a escrita deve ser clara e simples para evitar, quando transposta para o microfone, distrações ou até mesmo dúvidas em relação àquilo que está a ser transmitido, ou seja, “Na rádio procuramos a essência da comunicação oral, mas escrevendo” (MENESES, 2003, p.32).

Segundo João Paulo Meneses (2003, p.35) existem alguns aspetos essenciais a ter em conta na escrita para o formato radiofónico: a simplicidade e clareza, ou seja, o jornalista deve ser direto e dizer tudo ao ouvinte nunca deixando nada subjacente ou informação por interpretar e fazer uma escolha semântica e sintática simples para não dificultar o processo de descodificação das mensagens por parte do ouvinte; o rigor, evitando adjetivos, fazendo escolhas de palavras certas para determinados momentos, evitar os preciosismos, no fundo ter rigor é ser exato e preciso; e, por fim, a variedade, em que se espera do jornalista que consiga evitar erudições, repetições e, também, uma linguagem monótona capaz de fazer o ouvinte perder o interesse ou desviar rapidamente a sua atenção para outros assuntos.

Ainda que, como se referiu anteriormente, se devam evitar repetições nos textos, há que saber diferenciá-las das redundâncias. De acordo com João Paulo Meneses (2003, pp. 39-40) o que se deve evitar é a repetição de informação, mas a redundância, se usada com bom senso e sensibilidade, ajudará o ouvinte a fixar a informação sem que haja propriamente uma repetição da informação. No caso das redundâncias, existe uma repetição de uma ideia: por exemplo, o editor faz um rodapé no final de cada notícia a fim de recuperar o essencial do chamado “lead” em forma de resumo daquilo que acabou de ser dito, ajudando na assimilação da informação. Uma técnica que pode ser utilizada para evitar a repetição da informação ou de palavras pode simplesmente passar pelo uso de sinónimos que mantêm a atenção do ouvinte pois não existe uma repetição constante

das mesmas palavras, revelando-se uma forma de dar vida a uma ideia durante o texto através da redundância.

O que se pretende no texto radiofónico é que o jornalista tenha uma escrita criativa, ou seja, que tenha a liberdade criativa para escolher abordagens aliciantes para o ouvinte, surpreendendo-o com o uso de palavras sugestivas para evocar imagens mentais, sem nunca abandonar um registo simples e claro.

Existem algumas recomendações que podem ser aplicadas no momento da construção do texto para facilitar posteriormente a sua leitura ao microfone. Tomou-se conhecimento dessas mesmas regras no Ateliê de Reportagem, Entrevista e Edição Radiofónica (do presente curso de Mestrado), no desenvolver do estágio curricular e também com o autor João Paulo Meneses (MENESES, 2003, p.106), e são elas:

- a substituição de palavras ou frases complexas por expressões que facilitem o entendimento: por exemplo, no caso de medições, em vez de se utilizar a medida exata e obrigar o ouvinte a fazer contas, perdendo a atenção do mesmo ou ainda, por este não saber a quanto se refere o jornalista exatamente, acabar por captar a informação de forma errada. Podem, assim, ser usadas expressões como “foram vendidos 6 terrenos equivalentes a 4 campos de futebol” ou “os terrenos vendidos correspondem à área metropolitana de Lisboa” que me foram aconselhadas a usar durante o estágio curricular;

- a de não incluir siglas no texto pois, todas elas devem ser decodificadas para o ouvinte entender a que entidade nos referimos e para evitar que na hora da leitura o jornalista tenha de perder tempo a decifrá-las (como é o caso da sigla IPMA, correspondente a Instituto Português do Mar e da Atmosfera, bastante utilizada quando se informa sobre o tempo), por isso, devemos primeiro decodificar a sigla para facilitar a compreensão de quem nos ouve e depois podemos recorrer à mesma durante o restante texto, quando já a tivermos identificado;

- o faseamento do texto, para se poder fazer respirações de forma natural e se conseguir identificar melhor onde termina cada uma das frases, podendo usar-se também um tipo de letra maior e com traços mais curvos, ou seja, a estética do texto também tem um peso importante na hora da sua leitura; outro conselho passa por assinalar o sítio onde os sons dão entrada assim como as interrogações para o jornalista que lê o que escreveu saiba exatamente que tipo de entoação dar à frase que está a ler ou saber quando terminar de ler para entrar o som respetivo àquele momento;

- sublinhar as palavras complexas de pronunciar para avisar o leitor que aquela palavra deve ser dita com maior cuidado tal como as palavras estrangeiras devem ser escritas da forma como se leem, ou seja, foneticamente.

“A forma como se escreve vai condicionar muito a maneira como se vai ler. Dir-se-á que o ouvinte não tem acesso ao nosso texto, razão pela qual não vale a pena perder tempo a retocá-lo. Mas não é diretamente pelo ouvinte que temos de o fazer, mas por nós próprios, jornalistas.”

(MENESES, 2003, p.105).

A melhor recomendação que pode ser dada na hora de escrever um texto para ser lido posteriormente passa por fazer uma leitura prévia daquilo que foi escrito antes do momento da sua enunciação em direto. A redação de um texto simples, claro e compreensível é um dos principais aspetos que torna a leitura perfeita.

3.4 O Silêncio

“(…) a chamada “sociedade audiovisual”, a nossa, rejeita claramente o valor comunicacional do silêncio como um dos elementos da linguagem sonora e, como consequência, o ouvinte desabitua-se.

Parece não ser missão de quem faz jornalismo na rádio recuperar o silêncio!”.

(MENESES, 2003, p.156)

O silêncio é considerado um sinal de “ruído” na comunicação que se estabelece entre locutor e ouvinte e, por isso, é eliminado ou evitado sempre que possível. No entanto, o silêncio é um dos principais elementos expressivos da rádio e a sua correta utilização pode adquirir vários significados e até mesmo ser, ele próprio, informação.

Na nossa vida quotidiana, enquanto seres comunicacionais, o silêncio, segundo Luís Bonixe (2012, pp. 40-41) pode traduzir-se em constrangimentos ou desconforto em situações sociais, por exemplo, numa conversa em que se prolonga o silêncio por muito tempo ou num espaço fechado com pessoas que desconhecemos tendemos a sentir-nos

incomodados ou pode desenvolver-se um ambiente de mal-estar. No entanto, para o autor “A presença do silêncio nas mensagens radiofônicas é fundamental.” (BONIXE, 2012, p. 41).

Na rádio o silêncio não é uma prática frequente e nem sempre é intencional. Este elemento informativo é usado, por exemplo, em situações em que os intervenientes num debate ou numa entrevista hesitam nas suas respostas, adquirindo estes silêncios um valor informativo, ou seja, quando os mesmos demoram a responder pode significar que não sabem a resposta, que preferem não responder ou que estão a ser confrontados com determinadas perguntas que os deixam pressionados. Nestes casos os silêncios são admitidos na hora da edição se não excederem meros segundos. No entanto, se os silêncios forem muito prolongados, na hora da edição há que cortá-los ao máximo, deixando apenas o tempo necessário para que o ouvinte entenda o valor informativo e sem que este se transforme em “ruído”.

Outras situações em que a rádio faz uso do silêncio, sem que este represente “ruído”, são, por exemplo, de acordo com Luís Bonixe (2012, p. 41), ajudar na marcação do ritmo enquanto se lê ou para indicar momentos dramáticos, despertando no ouvinte estados emocionais, através da criação de momentos de tensão ou reflexão.

Fora estes exemplos que foram dados e outras exceções, o silêncio é sempre considerado “ruído” e, por isso, deve ser eliminado sempre que possível, até mesmo conforme João Paulo Meneses (2003, p. 156-157) quando se refere ao “minuto de silêncio”, em que a tendência é adicionar uma música de fundo a fim de que a emissão não fique vazia.

3.5 A Música

“(…) a interpretação que o ouvinte faz de determinada mensagem é distinta se um texto é lido só com palavra ou acompanhado de um trecho musical.”

(BONIXE, 2012, p.36)

A música aliada à palavra atribui novos sentidos à informação. De acordo com Luís Bonixe (2012, p. 36) a música na rádio pode representar dois tipos de momento: um conteúdo programático, quando é emitida isolada de um noticiário e com o intuito de entreter, ou um elemento da linguagem radiofônica, dando um significado expressivo às mensagens e estimulando o ouvinte.

Importa-nos referir em que contextos e espaços informativos é que a música é utilizada como elemento de suporte à informação. Para Luís Bonixe (2012, p. 37) os noticiários são um bom exemplo, pois têm sempre uma música que acompanha a sua abertura, para marcar e distinguir o início de um momento informativo de outros programas radiofônicos. Esse excerto musical, muitas vezes, acompanha em *background* a leitura dos títulos das principais notícias antes de se iniciar o noticiário em si. Nas peças e reportagens os jornalistas incluem, por vezes, músicas ou excertos musicais para atribuir mais expressividade à informação, para descrever ambientes ou para preencher o vazio sonoro entre as pausas criadas durante a leitura dos textos ou apenas para reforçar o sentido da palavra.

“(…) a música é utilizada para narrar e expressar sensações que estimulam a imaginação ajudando o ouvinte a formar imagens-mentais acerca daquilo que lhe está a ser transmitido.”.

(BONIXE, 2012, p.37)

Outro exemplo de utilização da música é quando se faz uma homenagem a um artista ou se promove um evento musical e se coloca em plano de fundo música para preencher o vazio e para que o ouvinte faça uma associação mental e identifique a quem nos referimos com maior facilidade.

3.6 Os Efeitos Sonoros

O som, tal como as imagens e vídeos, é usado como suporte à informação, ou seja, à narrativa dos acontecimentos e, por isso mesmo, concluímos que o som é, também ele,

informação. Assim, “sugerir que o som é uma âncora da narrativa implica reconhecer que o som é uma forma de expressão, de manifestação, de revelação, mas, antes de tudo, uma forma de interpretação (...)” (BONIXE et.al., 2021, p. 160). Neste sentido, e tomando o som como informação, que o é, o jornalista tem a obrigação de aproximá-lo o mais possível da verdade, transmitindo a veracidade sobre os factos, tendo como objetivo primordial informar o ouvinte sobre o que está a acontecer no mundo em redor.

De acordo com Robert Mott (1990, p. 1), o som radiofónico, enquanto complemento da palavra oralizada, começou a ser empregue quando se teve a sensação de que faltava qualquer coisa para envolver o ouvinte e a imaginação do mesmo. A palavra não chegava, era preciso mais. É, então, numa altura em que o entretenimento, mais concretamente as novelas, dominavam o tempo de antena na rádio, que começam a surgir sons criados com diversos objetos para simular sons reais, que ficaram conhecidos por efeitos sonoros.

Para o autor Robert Mott (1990, p. 4) nesta altura os efeitos sonoros e a música eram adicionados às novelas para evitar períodos de *dead air*¹⁵, ou seja, silêncios constrangedores que, muitas vezes, faziam com que o ouvinte mudasse para outra rádio, perdendo a audiência. Começaram-se a criar imagens nos ouvintes através da sugestão do som. As pessoas não precisavam de ver para imaginar, para serem transportadas para uma nova realidade. Aliás, “o som não é necessariamente o avesso da imagem e pode ter uma natureza visual, porque contribui para a construção de imagens mentais e, por conseguinte, de um imaginário potencialmente criativo. Ouvir é, na verdade, uma forma de ver mentalmente.” (BONIXE et.al., 2021, p. 150).

Se era possível através da voz de uma só pessoa criar diversas personagens, então esta ilusão também podia ser aplicada às coisas. É a partir desta altura que a ideia de manipulação do ouvinte começa a ganhar alguma força, apesar de ainda ser muito pouco elaborada. No entanto, já se afirmava que “Se a rádio era o “teatro da mente”, também era certamente o “drama do engano” (MOTT, 1990, p. 1, tradução nossa), ou seja, como a rádio não tem a possibilidade de transmitir imagens, há uma necessidade crescente de criá-las de outra maneira. Como essa imagem criada parte da imaginação de cada um, isso pode gerar engano ou discordância do que realmente é pretendido pelo locutor e o ouvinte pode ser facilmente manipulado não só por quem lhe transmite a mensagem, mas

¹⁵ O termo “dead air” é utilizado na obra *Sound Effects*, p. 4, para fazer referência aos períodos de silêncios prolongados na emissão da rádio, normalmente utilizados como pausas dramáticas. MOTT, Robert L. 1990. *Sound Effects: Radio, TV, and Film*. Boston, Focal Press.

também pela sua própria imaginação. Por exemplo, um ouvinte que esteja familiarizado com sons de animais, facilmente reconhecerá o som de um cão a ladrar ou de um gato a miar. No entanto, outro que nunca tenha ouvido tais sons, poderá ficar confuso quando confrontado com o mesmo e perder-se o sentido da mensagem sonora. Outro exemplo pode ser quando um ouvinte associa o som a uma emoção de felicidade e outro ouvinte associar esse mesmo som a tristeza, então a mensagem certamente não será recebida com o mesmo valor informativo aos dois ouvintes, que ouvindo o mesmo som, o interpretam de diferentes maneiras.

O som é, então, uma forma de expressão que nos ajuda a interpretar as situações que estão a ser descritas e transmitidas. Aliado à criatividade, memória e vivências de cada indivíduo, a interpretação do significado das mensagens difere entre sujeitos e cabe a cada um determinar o significado que um som pode adquirir num determinado contexto e que sensações transmite, pois através dos sons, constroem-se mensagens. Para além disso, “O som liga, cria relações. Tem um poder orientador no espaço. Preenche imagens. Dá dimensão aos lugares vazios. É fluxo e, como tal, exprime o tempo. Sugere identidades.” (BONIXE et.al., 2021, p. 150).

A forma como o som é usado na construção narrativa das notícias faz dele um elemento fundamental para a simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização, consonância, todos eles valores-notícia de construção segundo Nelson Traquina (2002) e, por isso, o som surge “(...) como o elemento fundamental que estabelece a ligação entre a realidade e a reconstrução sonora dessa mesma realidade.” (BONIXE, 2012, p. 45). É através do som que se constrói a realidade neste meio de comunicação, tornando-se um elemento valorativo no momento da transmissão da informação, pois “O som tem propriedades narrativas. Ele também conta histórias. Informa, credibiliza, introduz ritmo e emotividade” (MENESES, 2016, p. 53). Nas rotinas produtivas dos jornalistas há a procura de sons que se assemelhem à realidade e de protagonistas que possam ajudar na sonorização dos conteúdos noticiosos, conferindo-lhes credibilidade, confirmando os factos e garantindo a continuidade informativa do dispositivo.

A linguagem radiofónica é caracterizada por quatro elementos fundamentais relacionados com o som: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, como já referimos anteriormente e, por isso, “O desafio do jornalista da rádio é transformar os acontecimentos em som seja através da sua palavra, da palavra dos outros (...), de efeitos sonoros como os sons de ambiente ou através da sonorização das peças jornalísticas através da inserção, por

exemplo, de músicas.” (BONIXE, 2012, p.47). A palavra é geradora de sentidos e ajuda na criação de imagens mentais. A música faz parte da componente semiótica da linguagem radiofónica e ajuda na sonorização das peças, criando ambientes e ajudando na distinção de momentos.

Os efeitos sonoros determinam códigos imaginativos visuais. Estes permitem: representar uma realidade objetivamente, acentuando a realidade; transmitir estados de ânimo ao ouvinte; sinalizar a transposição de espaços e dar um carácter estético daquilo que está a ser dito. Por fim, “Dizer-se que o som é o principal elemento expressivo não significa que a rádio viva apenas dele. O silêncio é igualmente importante (...)” (BONIXE, 2012, p. 40). De facto, o silêncio tem um papel fundamental, pois “(...) um dos modos mais evidentes de sublinhar a presença do som é, geralmente, o de fazer sobressair, em determinados momentos, a sua ausência quase total.” (GIACOMANTONIO, 1976, p.129).

Assim, podemos dizer que a rádio faz uso de um processo de construção sonora da realidade e é necessária uma boa sonoridade para que um acontecimento seja transformado em notícia pois, ao valorizar a informação, “o som é parte do acontecimento, como é parte do discurso.” (BONIXE et.al., 2021, p. 151).

O som, tal como vimos anteriormente, ajuda os indivíduos a assimilar mensagens, estabelecendo uma relação entre a realidade e a reconstrução sonora da mesma. O jornalismo sonoro é, então, o trabalho elaborado em torno do som para transmitir os acontecimentos.

Existe um compromisso ético que o jornalista estabelece com o público no que concerne à verdade dos relatos e, por essa mesma razão, os sons incluídos nas peças devem corresponder à realidade. Ou seja, será de esperar da parte do jornalista a captação direta do som e a sua posterior emissão. No entanto, nem sempre isto acontece.

“Quanto à *fonte*, os efeitos sonoros naturais podem ser gravados diretamente da natureza ou recriados artificialmente se obtidos através da técnica e tecnologia radiofónicas. Contudo, o seu objetivo é representar algo existente na realidade. Por exemplo, batendo duas cascas de coco com a finalidade de representar um cavalo a galope.” (BONIXE, 2012, p.40)

Na maior parte das vezes, os jornalistas não saem para o exterior por falta de meios ou tempo e acabam por construir a realidade a partir do estúdio, incluindo sons e efeitos sonoros que se assemelhem ao som desejado ou recriando um ambiente, como é o caso do exemplo exposto por Luís Bonixe, “Por exemplo, o som de pratos, de pessoas ou de copos em simultâneo recriará um espaço próprio de um restaurante.” (BONIXE, 2012, p.40).

Quando este tipo de situações ocorre, estarão os jornalistas a serem éticos perante quem os ouve? Ao recriar sons a partir do estúdio, estará o jornalista a manipular a realidade e conseqüentemente o ouvinte? Falaremos desta relação de compromisso que existe entre o jornalista e a verdade adiante neste capítulo.

Por agora, detemo-nos noutra elemento organizador da mensagem radiofónica: os géneros.

3.7 Os Géneros Jornalísticos radiofónicos

Até há relativamente pouco tempo, a classificação dos géneros nos meios de comunicação que foram surgindo ao longo dos tempos, como é o caso da rádio e da televisão, seguia, por norma, os parâmetros literários e de imprensa respeitantes ao texto (REIS, 2009, p. 152) e, “Na verdade, a maioria das regras básicas da redação jornalística moderna tem a sua origem nos manuais de escrita literária dos finais do século XIX e princípios do século XX, que concebiam os textos jornalísticos como variantes da literatura” (PARRATT, 2008, p. 16). No entanto, e falando no meio radiofónico em particular, a categorização dos géneros jornalísticos, parecia não ter em conta o aspeto fundamental do meio: o som. Por essa razão, como sugerem Martínez-Costa e Herrera (2005), tornou-se urgente reformular a teoria dos géneros radiofónicos de modo a “(...) que resulte operativa, funcional e que ao mesmo tempo se ajuste à atual narrativa radiofónica.” (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2005, p. 68, tradução nossa).

A discussão em torno do tema intensificou-se e tem vindo a ser estudada e debatida uma nova classificação no que diz respeito aos géneros radiofónicos, por vários profissionais e estudiosos da área do jornalismo que “apesar dessa associação lógica, e sem negar nem esquecer o legado deixado pela literatura(...)”, proclamam “(...) a

existência dos géneros jornalísticos independentes dos literários porque se desenvolveram de uma forma particular própria da imprensa.” (PARRATT, 2008, p.16 tradução nossa). Os parâmetros textuais da literatura e da imprensa ainda continuam a servir de referência ao meio, no entanto, dá-se agora primazia às características dos meios.

Foram várias as propostas que surgiram por parte de diversos autores com vista na definição dos géneros radiofónicos, tendo em consideração as especificidades do meio, e que daremos a conhecer.

Primeiramente, há que definir o que se entende, afinal, por géneros jornalísticos. No jornalismo entende-se por género a relação existente entre o texto e a função que o mesmo cumpre (REIS, 2010, p. 53), funcionando como “(...) respostas estruturais e estilísticas às diferentes necessidades expressivas dos homens (...)” portanto, “(...) os géneros jornalísticos satisfazem as necessidades expressivas do jornalismo.” (SÁNCHEZ; LOPEZ PAN, 1998, p.17, tradução nossa). De acordo com Martínez Albertos (2007), um autor de referência para vários outros autores que se seguiram, os géneros jornalísticos são “diferentes modalidades de criação literária destinadas a ser divulgadas através de qualquer meio de difusão coletivo com o propósito de atender aos objetivos próprios do jornalismo: a informação, a interpretação e o comentário” (ALBERTOS, 2007, p. 460, tradução nossa) e refere que estas modalidades podem classificar-se em dois grupos: o relato dos acontecimentos e o comentário de ideias/opiniões (ALBERTOS, 2007, pp 264-265). O autor salienta a importância do canal através do qual a mensagem jornalística é difundida e refere que é neste que assenta a distinção daquilo que é específico a cada meio de comunicação como a linguagem para a elaboração de mensagens e os géneros que caracterizam os quatro tipos de média: imprensa, rádio, televisão e cinema. Por outras palavras, conteúdos iguais dão origem a mensagens diferentes na sua linguagem ao serem transmitidas pelos diferentes canais de comunicação, ou seja, o canal é o originador da linguagem e é com base na mesma que os géneros jornalísticos são determinados (ALBERTOS, 2007, p. 175). Refere ainda que a evolução dos géneros jornalísticos está de certa forma associada às etapas do jornalismo nas quais surge primeiramente o jornalismo de opinião, isto é, “(...) uma imprensa opinativa que responde a uma etapa histórica de partidismos e lutas ideológicas.” (ALBERTOS, 2007, p. 265, tradução nossa) e só posteriormente o jornalismo informativo que “(...) é basicamente um jornalismo de acontecimentos, não de comentários.” (ALBERTOS, 2007, p. 266, tradução nossa).

No que respeita à rádio, Martínez Albertos afirma que os géneros têm o propósito de servir de orientação para o ouvinte e de critério de classificação para quem cria as mensagens e para quem as estuda a posteriori (ALBERTOS, 2007, p. 267). Em conformidade com esta última afirmação, Martínez-Costa e Herrera (2005) sugerem que os géneros jornalísticos servem, tanto para quem produz a mensagem como para quem a consome. Martínez-Costa, na mesma linha, afirma que no caso da rádio, o emissor/jornalista e o recetor/ouvinte, respetivamente, e acrescentam que estes cumprem três funções essenciais. A primeira tem a ver com o facto de os géneros servirem de horizonte às expectativas do recetor da mensagem (MARTÍNEZ-COSTA, 1989, p. 108) uma vez que, os géneros radiofónicos orientam a audiência para o compromisso existente entre o jornalista e a realidade que relata e guiam-na para a finalidade do texto produzido, criando-se um “pacto de leitura” entre autor e recetor da mensagem (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2005, p. 64). A segunda refere-se ao facto de o uso dos géneros aumentar o interesse naquilo que está a ser relatado, pois torna possível recuperar a atenção do público através das formas expressivas com que as diferentes mensagens são transmitidas e se vão alternando consoante o género que lhe corresponde (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2005, p. 64). Ou seja, para haver um maior engajamento, os programas noticiosos devem fazer variar os géneros durante a emissão. A título de exemplo, devem começar o noticiário com uma notícia, em seguida difundir uma crónica, depois novamente uma notícia e, por fim, uma reportagem. Por último, mas não menos importante, a terceira função dos géneros é, segundo Muñoz (1994), manter uma relação de respeito com os receptores que têm o direito de conseguir distinguir os factos de uma opinião (MUÑOZ, 1994, p. 122).

Segundo Martínez-Costa e Herrera Damas (2005) os géneros radiofónicos são rasgos construtivos que fornecem uma estrutura formal aos conteúdos discursivos da rádio e, a esta definição, Arturo Merayo acrescenta que estes constituem “modos de harmonizar os distintos elementos da linguagem radiofónica - especialmente a palavra - de maneira que a estrutura resultante possa ser reconhecida como pertencente a uma modalidade característica da criação e difusão radiofónica” (2000, p.163, tradução nossa), ou seja, os géneros sejam eles audiovisuais ou não, correspondem a uma determinada forma de tratamento, mas isto não significa que o jornalista deva seguir as regras de forma restrita, pelo contrário, deve tê-las em conta, mas criar o seu próprio estilo dentro das mesmas. Pastora Moreno Espinosa (2012, p. 41) refere, por sua vez, que os géneros

radiofónicos são formas de harmonizar os vários elementos presentes nas mensagens radiofónicas de forma que a estrutura que resulta das mesmas possa ser identificada como concernente a uma categoria específica da informação e opinião radiofónicas.

Ainda que alguns autores considerem os géneros radiofónicos de forma semelhante, é na definição dos mesmos que se começam a sentir os primeiros dissensos. A título de exemplo, Martí considera os géneros como “modos de comunicação culturalmente estabelecidos, reconhecíveis no seio de determinadas comunidades sociais” (MARTÍ, 1990, p. 28), ou seja, aborda os géneros de uma perspectiva cultural e social, já outros autores como é o caso Cebrián Herreros consideram que os géneros são modos de configuração textual (HERREROS, 1992, p. 15) e Merayo, como vimos, dá primazia às formas de tratamento e estilo que a mensagem radiofónica pode adotar (MERAYO, 2000, p. 163).

Outro ponto em que os autores não parecem chegar a entendimento é na categorização dos géneros e nas suas subunidades, ou seja, na tipologia dos mesmos. Martí, Cebrián Herreros e Merayo estão em consonância no que diz respeito à importância que os géneros têm tanto para quem produz as mensagens como para quem as recebe e, também, relativamente à relação que existe entre género radiofónico e a sua função, à composição histórica e cultural dos géneros e, ainda, ao carácter flexível dos mesmos (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA, 2004). No entanto, estão em desacordo relativamente à definição dos géneros radiofónicos e à sua respetiva categorização.¹⁶

¹⁶ Para Josep María Martí, a identificação dos géneros não é homogénea, ou seja, não tem uma leitura única, evolui e reconstrói-se dependendo do modelo radiofónico em que atua (MARTÍ, 1990, p. 28). O autor retoma a tradição dos géneros literários, destacando a importância dos géneros como modelos de enunciação e criadores de pactos de leitura entre emissor e receptor. Associa o conceito de género e programa como um “conjunto de conteúdos diferenciados do discurso radiofónico, dotado de uma estrutura própria e diferenciada, assim como de uma duração concreta” (MARTÍ, 1990, p. 28), dando-lhe o nome de “géneros de programas”. Martí é um dos primeiros autores a incluir géneros não informativos na categorização, sendo que os “géneros de programas”, como apelidou, compreendem modalidades: informativas; musicais; dramáticos; entretenimento e mistos (MARTÍ, 1990, pp. 40-53). No entanto, a teorização do autor acaba por ser limitada, uma vez que os programas são unidades maiores compostas por géneros, logo, estes conceitos não podem ser vinculados um ao outro. Assim, apenas define tipos de programas e não estabelece uma tipologia de géneros válida.

Outro autor importante para o estudo dos géneros foi Mariano Cebrián Herreros, o primeiro autor espanhol a fazer uma proposta em que incluía na definição de géneros informativos audiovisuais, os géneros radiofónicos (HERREROS, 1992). A teorização de Cebrián Herreros acaba por se mostrar limitada pois, o autor compara a televisão com a rádio, afirmando serem iguais, e apenas apresenta uma definição e tipologia de géneros informativos, deixando em aberto para desenvolvimentos futuros os géneros não informativos.

Arturo Merayo, para definir a sua tipologia e ao considerar que os géneros são “modos de harmonizar os distintos elementos da mensagem radiofónica (...)” (MERAYO, 2000, p. 163, tradução nossa), fez a

Em síntese, Sonia Parratt refere que “a comunidade científica tende a concordar que os géneros não são cânones estáticos e invariáveis, mas sim sistemas de referência ou modalidades discursivas que se modificam porque estão em processo de constante evolução.” (PARRATT, 2008, p.15, tradução nossa).

3.7.1. Uma tipologia de géneros

Para o presente trabalho de investigação tomaremos como ponto de partida o trabalho de Martínez Albertos (2007) e Faus (1981), tendo em conta as respetivas definições de géneros e categorização dos mesmos.

Partiremos, em seguida, para a definição dos géneros notícia e reportagem, incluídos na categorização de géneros radiofónicos estabelecida por estes autores, pois são aqueles que têm maior relevância para o nosso trabalho.

3.7.1.1. A Notícia

O género jornalístico informativo é, segundo Martínez Albertos, o mais conciso, objetivo, tanto no propósito teórico como na linguagem utilizada, e que mais dá enfoque à estrutura pura dos factos (ALBERTOS, 2007, p. 288). Inserida neste género, a notícia é “um fato verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que é comunicado a um público que pode ser considerado massivo (...)” (ALBERTOS, 1972, p.37), mas não só. Interessa que a notícia seja brevemente relatada e que consiga compreender no menor discurso possível todas as informações importantes e com maior destaque a cerca de um acontecimento recente.

Na composição de uma notícia, como refere Nelson Traquina, devemos ter em consideração a sua noticiabilidade:

- “(...) o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento,

distinção entre monólogo e diálogo. Introduziu aquilo a que chamou de ‘géneros mistos’ que correspondem a géneros que utilizam em conjunto técnicas estruturais discursivas de monólogo e de diálogo.

ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia” (...)” (TRAQUINA, 2002, p. 173).

Com base em Galtung e Ruge (1965), Ericson, Baranek e Chan (1987) e Wolf (1987), Traquina afirma que os valores-notícia não se observavam somente do ponto de vista da seleção noticiosa, mas também se encontram presentes ao longo da construção das notícias, distinguindo entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção, respetivamente.¹⁷

De acordo com Faus, citado por Martínez Albertos (2007, pp. 461-462), a estrutura básica de elaboração de uma notícia na rádio apresenta um conjunto de elementos e cada um deles possui técnicas de redação/estilísticas que devem ser tidas em consideração: arranque, *lead*, narração e fecho.

O arranque ou frase de abertura permite lançar a informação de forma a captar desde logo a atenção do ouvinte e, por isso, começa-se a notícia de um modo sugestivo utilizando para tal três elementos fundamentais: os *gags* sonoros que dizem respeito à música e aos efeitos especiais; as fontes ou elementos mistos que combinam simultaneamente a música, os efeitos sonoros e a palavra; e, por fim, a palavra falada que é lida ao microfone ou gravada (FAUS, 1981, pp. 255-258).

Segundo Angel Faus, citado por Martínez Albertos (2007 p. 461), o *lead* caracteriza-se pelo parágrafo que encabeça um texto informativo. Tanto na imprensa como na rádio, este deve ser claro, objetivo e conciso de modo a captar desde logo a atenção do público a quem se destina a mensagem e a possibilitar que o mesmo retenha o seu conteúdo.¹⁸

¹⁷ Os valores-notícia de seleção estão subdivididos em dois: os critérios substantivos, isto é, “que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia” (WOLF, citado por TRAQUINA, 2002, pp. 186-187) e os critérios contextuais, respeitantes ao contexto de produção noticiosa. Deste modo, de acordo com Nelson Traquina Traquina (2002, pp. 187-196) os valores-notícia de seleção substantivos são os seguintes: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade; o tempo; a notabilidade; o inesperado e o conflito. Já aos valores-notícia contextuais pertencem: a disponibilidade; o equilíbrio; a concorrência; a visualidade e o dia noticioso. Por último, os valores-notícia de construção dizem respeito aos seguintes elementos: a amplificação; a relevância; a personalização; a dramatização e a consonância.

¹⁸ Para Faus no meio radiofónico, o *lead*, “(...) responde somente a duas das cinco perguntas clássicas que se combinam de acordo com a natureza da notícia (...)” (1981, p. 259, tradução nossa) e são elas: Quem/O quê? ou O quê/Quem? e Onde/O quê? ou O quê/Onde?. Assim, o *lead* responde aos elementos que se referem à ação, isto é, que respondem à pergunta “O quê?” e depois são adicionados os elementos

Na imprensa, toda a restante informação contida na notícia denomina-se por corpo da notícia que se dispõe numa “pirâmide invertida”, ordenada por ordem decrescente consoante a importância do conteúdo (ALBERTOS, 2007, p. 294). No entanto, no meio radiofónico o corpo é substituído pela narração, pois é necessário manter o ouvinte interessado até ao final da notícia para que este não mude de estação ou se distraia. Na narração o objetivo é dividir o interesse da informação ao longo de toda a notícia, isto é, “(...) procurar que haja tantos elementos importantes no princípio como no final (...) criar uma tensão no desenrolar da notícia.” (FAUS, 1981, p. 260, tradução nossa).¹⁹

O fecho é um resumo final da informação que foi transmitida. Neste último elemento da elaboração de uma notícia, repetem-se as respostas às perguntas que correspondem à informação com maior destaque, semelhante ao *lead*, mas com lugar no final do texto. Assim, “(...) um fecho bem redigido completa cada notícia, deixando que a atenção descanse por uns instantes para ser recuperada pelo arranque da informação seguinte.” (FAUS, 1981, p. 261, tradução nossa).

Em concordância com Faus (1981) e Martínez Albertos (2007) a rádio apresenta um grande leque de programas informativos e, por essa mesma razão, é necessário organizá-los primeiro por géneros como vimos anteriormente.

Tendo em conta todos os pontos fundamentais explorados e revistos até então, podemos concluir que, segundo as propostas de Martínez Albertos (2007) e Angel Faus (1981), uma notícia é um género jornalístico que possui uma estrutura básica que consiste, pela respetiva ordem, no arranque, no *lead*, na narração e no fecho. É caracterizada por ser uma informação atual e por ser relatada de forma breve, objetiva e clara, sendo-lhe adicionados os conteúdos de maior relevo para fazer compreender num curto espaço de tempo toda a informação possível a respeito de um acontecimento. Por norma, a notícia não se repete nem lhe é dada continuidade a não ser que surjam pormenores

básicos do acontecimento referentes às perguntas “Onde?” ou “Quem?”. De modo a fornecer um maior nível de imediação da informação adiciona-se ao *lead* a resposta a uma outra pergunta o “Quando?” (FAUS, 1981, p.259).

¹⁹ A narração responde, portanto, às restantes questões que não foram incluídas no lead, sendo elas “Como?”, “Porquê?” ou a uma das duas “Onde?” ou “Quem?” que não tenha sido respondida. Esta deve ter em consideração regras de estilo próprias do meio: clareza e objetividade no discurso, frases curtas, ritmadas e simples para que a leitura do locutor seja inteligível por parte do ouvinte, repetindo, sempre que necessário, a informação mais importante (FAUS, 1981, p. 260), reforçando-a e dando a possibilidade de o locutor reter a generalidade da notícia.

imprescindíveis à mesma, por isso, tem um carácter ocasional e costuma ser escrita por um repórter ou redator.

3.7.1.2 A Reportagem

De acordo com Faus, a reportagem é o género que mais possibilidades tem em se adaptar a qualquer meio de comunicação devido às suas características, nomeadamente por apresentar uma estrutura flexível e uma linguagem muito rica (FAUS, 1981, p. 264). Assim, “Na reportagem há expressões que se completam; conceitos que se cruzam. Ousadia, criatividade, imaginação são características que apenas podemos encontrar na reportagem.” (BONIXE et.al., 2021, p. 97).

Normalmente as reportagens são mais extensas do que as notícias e, por isso, as informações podem ser mais profundamente desenvolvidas, fornecendo uma explicação mais detalhada dos acontecimentos atuais ou não, desde que a linguagem adotada seja clara, objetiva e exata para facilitar a compreensão do ouvinte como se repórter e ouvinte estivessem a ter uma conversa. Embora envolva um estilo literário muito narrativo e seja um espaço onde reina a criatividade, “Quem reporta não acha, expõe factos” (BONIXE et.al., 2021, p. 156), por isso, na reportagem não se emitem juízos próprios, isto é, não são dadas opiniões pessoais a cerca das temáticas abordadas por quem as escreve, neste caso, os repórteres (ALBERTOS, 2007, p. 271).

Tal como a notícia, a reportagem - considerada como o “género nobre” do jornalismo (BONIXE et.al., 2021, p. 95) - tem ligação com a atualidade, podendo em grande parte dos casos, a última estar a ser narrada em simultâneo com o desenrolar dos acontecimentos, fazendo com que o ouvinte se aproxime mais da realidade do momento e cumprindo “(...) um papel de testigo dos acontecimentos uma vez que facilita um testemunho da realidade de modo mais completo possível dando maior autenticidade à mensagem informativa.” (FAUS, 1981, p. 265, tradução nossa).

De modo a tornar a experiência do ouvinte o mais próximo da realidade possível, o repórter deve fazer uma descrição dos acontecimentos de tal forma que o ouvinte tenha a sensação de estar a ver com os seus próprios olhos aquilo que lhe é relatado e, para tal, contribuem o tom de voz com que se pronunciam as palavras, a modulação do discurso e o vocabulário utilizado pelos personagens envolvidos no momento que são algumas das

características que, segundo Faus, permitem fornecer dados suficientes para que o ouvinte consiga formar uma imagem real do sucedido. Por isso, “por muita “garra” que tenha uma narração literária, dificilmente poderá igualar o impacto de uma voz protagonista dos acontecimentos recolhida no seu ambiente ou reproduzida no estúdio.” (FAUS, 1981, p. 266, tradução nossa). Tanto a notícia como a reportagem partilham de um carácter ocasional, ou seja, não se repetem no tempo.

Resumidamente, “o básico para preparar qualquer reportagem passa por, no lugar do acontecimento, o repórter observar tudo e recolher toda a informação. Há que ouvir as pessoas com ligação ao assunto, encontrar resposta para todas as dúvidas, pesquisar tudo para conseguir compreender e, depois, relatar os factos tal como eles são.” (BONIXE et.al., 2021, p. 152). Assim, ultrapassa-se “a rigidez da estrutura clássica: a simples alternância entre declarações e texto” (ABECASIS et.al., 2020, p. 23) e retrata-se, através do som, a paisagem em redor.

3.8 O compromisso da mensagem com a verdade

A verdade é o conceito em que assenta a relação de compromisso entre jornalista e, neste caso, o ouvinte, perante o conhecimento da realidade. É expectável, por parte de quem ouve, que aquilo que lhe está a ser transmitido seja fidedigno, estabelecendo confiança com quem o faz.

Ainda que a forma de fazer jornalismo tenha vindo a sofrer alterações com o passar do tempo e os instrumentos de trabalho tenham incorporado as novas tecnologias, não nos podemos afastar da ideia de que o jornalismo é legitimado pelo seu papel de fiabilidade no que toca ao retrato da realidade e, por essa mesma razão, quando se fala em verdade do relato, o jornalismo deve ter em conta as suas origens e não se afastar delas.

Sabemos que o jornalismo não espelha totalmente a realidade, pois o processo de seleção da informação, por si só, já implica que é o jornalista quem define a importância e hierarquia dada a determinados assuntos e a abordagem que escolhe dar aos mesmos. Ou seja,

“(…) jornalismo é uma narração do real medida por sujeitos (no exercício de suas subjetividades) e que as escolhas se

dão da pauta à edição, passando pela apuração, pela seleção das fontes e pela hierarquização das informações. Tendo consciência desse processo ou não, o leitor ainda assim busca no jornalismo uma porta para o real.”

(BENETTI e JACK, 2001)

Quando pesquisamos pela palavra “verdade”²⁰ no dicionário observamos que são várias as definições sugeridas pelo mesmo, o que nos leva a verificar que não existe um consenso na própria definição do conceito ou que o mesmo pode adquirir vários significados quando aplicado em diversos contextos.

Alguns autores têm ensaiado a definição do conceito de verdade no contexto do jornalismo. Américo de Sousa (2002, p.3), recupera algumas dessas tentativas chamando a atenção para o impasse na investigação teórica acerca da compreensão da verdade e afirmando:

“Conhecer ou dizer o que é verdade estará por isso fatalmente conxionado com os diferentes graus de certeza ou fiabilidade cognitiva que somos levados a admitir: a certeza, a probabilidade, a verosimelhança e a conjectura ou mera possibilidade.(...) É esta diferente graduação da certeza que não pode deixar de moldar o conhecimento em cada um de nós, desse modo influenciando, decisivamente, todo o campo da comunicação de que o jornalismo é hoje, como se sabe, um dos lugares de maior difusão e visibilidade. Aproximamo-nos assim do tipo de relação que o jornalismo pode manter com a verdade, a qual, tanto no caso da notícia como da opinião, só pode ser a de uma certeza de grau e

²⁰ No Dicionário on-line Priberam as definições apresentadas para o conceito de verdade são as seguintes: (latim veritas, -atis, verdade, sinceridade, realidade) nome feminino. 1. Conformidade da ideia com o objecto, do dito com o feito, do discurso com a realidade. ≠ ERRO, ILUSÃO, MENTIRA; 2. Qualidade do que é verdadeiro. = EXACTIDÃO, REALIDADE; 3. Coisa certa e verdadeira. ≠ ILUSÃO, MENTIRA; 4. [Por extensão] Manifestação ou expressão do que se pensa ou do que se sente. = AUTENTICIDADE, BOA-FÉ, SINCERIDADE ≠ MENTIRA5. Princípio certo. = AXIOMA; 6. [Belas-artes] Expressão fiel da natureza, de um modelo, etc. "verdade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/verdade> [consultado em 16-11-2020].

intensidade variáveis, quer no tocante ao rigor dos factos quer no que se prende com a sua descrição, relato ou avaliação.

(SOUSA, 2002, p.4)

América de Sousa (2002) remete então para uma verdade jornalística retoricamente construída a partir da seleção que faz dos factos, da interpretação que lhes confere, dos debates que promove, em consonância com os valores da profissão.

Daniel Cornu (1999) reforça a ideia de que as exigências de verdade não são somente impostas ao jornalista na qualidade de observador, mas também como narrador e intérprete da realidade do mundo exterior. Deste modo, ao jornalista é-lhe exigido um conjunto de competências metodológicas centradas na objetividade, imparcialidade e autenticidade, a fim de produzir informações verídicas com base nestes princípios.

A Declaração dos Deveres e Direitos dos Jornalistas, conhecida também por Declaração de Munique²¹, aprova em 1971 na cidade alemã um conjunto de direitos e deveres a aplicar no meio profissional do jornalismo. A primeira das obrigações morais do jornalista, presentes neste documento, é precisamente a de “Respeitar a verdade, sejam quais forem as consequências que daí advenham para si próprio, e isto como consequência do direito do público a conhecer a verdade” (Deveres, 1)²². O que quer isto dizer que o papel do jornalista é informar o público sobre a verdade dos acontecimentos, pois os indivíduos têm esse direito, mesmo que isso implique consequências para o próprio jornalista. A este cabe-lhe o dever de retratar aquilo que observa e o tratamento dessa realidade deve ser exato e adequado, para que a informação não deixe de ser o que é e se transforme noutra.

O jornalismo é, como já referimos anteriormente, detentor de uma credibilidade perante os indivíduos que confere há muito legitimidade a profissão. A credibilidade tem relação direta com a verdade da informação, ou seja, será considerada uma boa informação quando a mesma reflete os factos, é tratada com honestidade, é exata e não existe manipulação do conteúdo das mensagens. No entanto, nem sempre as expectativas de um público exigente e atento estão satisfeitas. Sempre que é cometido um erro por parte dos jornalistas, ainda que não intencional, devem rever-se os factos, verificar as fontes e fazer as necessárias correções perante o público, assumindo aquilo a que se

²¹ Informação consultada no site: <https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>.

²² Informação consultada no site: <https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>.

chama *mea culpa*²³ e admitindo as falhas cometidas, tal como é referido na Declaração de Munique, onde se lê que o jornalista deve “Retificar qualquer informação publicada que se revele inexata.” (Deveres, 6)²⁴ e no código deontológico dos jornalistas no qual consta que “O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta retificação das informações que se revelem inexatas ou falsas.” (Ponto 5)²⁵.

Também em relação ao tratamento das fontes está implicado o conceito de verdade, cabendo ao jornalista “Publicar somente as informações cuja origem seja conhecida; não suprimir as informações essenciais e não falsificar documentos.” (Deveres, 3)²⁶. É esperado que o trabalho jornalístico, no que toca ao tratamento das fontes materiais, passe por identificá-las, completar as informações recolhidas com os dados necessários e confrontar as versões apresentadas pelas diferentes fontes, para que a informação final esteja o mais próximo da realidade dos factos.

A questão da verdade tem sido um dos temas mais focados nos últimos tempos, dada a proliferação de informação falsa, muitas vezes mascarada de jornalismo e que desestabiliza o contrato de confiança do jornalismo com o público. Para fazer frente a este problema e combater os seus efeitos devem ser fortalecidos aspetos como a responsabilidade e a transparência nas organizações e no processo jornalístico (MEDEIROS, 2021, p. 37) assim como, apostar em novas estruturas como as agências de *fact checking* que se dedicam a esclarecer as informações, determinando a sua veracidade (VIANA, 2021, p. 1).

Há cada vez mais uma maior facilidade no acesso a ferramentas que permitem a manipulação da informação - o distorcer de sons, a adulteração de imagens, entre outros - e que dão origem às chamadas *deep fakes*. Por isso, é importante discutir do papel destes suportes na construção das narrativas jornalísticas sobre os acontecimentos.

Assim, que cuidados tem um jornalista na construção das suas peças recorrendo ao som? Em que situações o usa, que recursos tem à sua disposição, com que objetivos e de que forma o edita? São estas as perguntas que guiaram a análise que se faz em seguida.

²³ A “mea culpa” é uma expressão latina que pode ser traduzida como “minha culpa” e que diz respeito a uma expressão usada quando se comete um erro, se admite a culpa e há um pedido de desculpas. "mea culpa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/mea%20culpa> [consultado em 16-11-2020].

²⁴ Informação consultada no site: <https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>.

²⁵ Informação consultada no site: <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/>.

²⁶ Informação consultada no site: <https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>.

Capítulo IV – Estudo de Caso

Tendo em conta o enquadramento anterior, propomo-nos agora fazer uma investigação empírica referente ao período de estágio realizado na Antena 1 no qual pudemos observar, em primeira mão, as rotinas de produção noticiosa do “Noticiário Nacional” e do programa “Portugal em Direto” e a forma como, nestes dois formatos, o som é utilizado na construção das mensagens nos diferentes géneros para valorizar a informação.

Primeiramente, iremos abordar as opções metodológicas e as técnicas de recolha de informação adotadas e, posteriormente, apresentar o universo do estudo referente ao período de estágio na Antena 1.

4.1 Metodologias e desenho da investigação

A estratégia metodológica de trabalho delineada consiste numa análise de conteúdo a espaços de informação emitidos em antena, recorrendo aum conjunto de técnicas que permitem a análise de processos comunicativos dos quais resultam dados interpretativos qualitativos ou quantitativos, ou seja, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (Bardin, 1977, p.38). Começou-se por uma observação exploratória de materiais, com vista a delinear as nossas hipóteses de trabalho e a definir os objetivos do nosso estudo.

Foi definido o nosso *corpus* de análise, fazendo uma seleção do conteúdo que se revelou mais significativo para a investigação e que serviu de suporte a todo o estudo aqui apresentado. Deste modo, focando-nos no período que inclui o estágio na Antena 1, decorrido entre os dias 7 de Janeiro e 5 de Abril de 2019, optou-se pela escolha de 20 noticiários do “Noticiário Nacional”, equivalentes ao período de 1 mês, à exceção dos fins de semana e feriados, e 10 emissões do programa “Portugal em Direto”, correspondendo a um intervalo de 2 semanas, excluindo fins de semana.

Os critérios utilizados na escolha do programa “Noticiário Nacional” foram os seguintes:

- seleção sistemática de noticiários: emitidos em dias sucessivos com horários semelhantes (como é o caso dos dias 7,8 e 9 e 21,22 e 23 de janeiro e 1e 2, 18,19 e 20 e 25 e 26 de fevereiro)

- seleção não sistemática de noticiários: emitidos em dias alternados em dias alternados e não consecutivos (11, 14, 25 e 30 de janeiro e 8, 11 e 15 de fevereiro).

Esta opção teve como objetivo abranger o maior leque de temáticas possível e a maior variedade de jornalistas a contribuir com o seu trabalho para os noticiários.

A escolha das emissões do programa “Portugal em Direto” teve como critério:

- seleção sistemática e contínua; foram escolhidas 10 emissões (correspondentes a 2 semanas consecutivas e que englobam os dias 11, 12, 13, 14 e 15 e 18, 19, 20, 21 e 22 do mês de março,) pois, no tempo decorrente do período de estágio, apenas existiam dois editores e uma equipa estipulada para o exercício das suas funções e as temáticas abordadas no programa eram raramente reiteradas.

Organizámos a informação numa grelha de análise, disponível adiante, que serviu de modelo a todas as 20 emissões do “Noticiário Nacional” e a todas as 10 emissões do programa “Portugal em Direto”.

De forma a tornar a análise de conteúdo mais eficaz, foram definidas categorias para uma melhor organização dos dados, agrupando-os, validando os mesmos e atribuindo-lhes uma significação, como refere Laurence Bardin “A categorização, é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: O inventário: isolar os elementos. A classificação: repartir os elementos, e, portanto, procurar ou impor uma certa organização às mensagens.” (BARDIN, 1977, p.118). Desta forma, dispusemos os dados organizados por categorias em tabelas de análise²⁷.

²⁷ As tabelas de análise encontram-se em Anexos, nos anexos 5 e 6, para consulta.

				Duração	Autor	Género	Assunto	Deslocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?	
P r o g r a m a	Data		Peça1																
	Hora		Peça2																
	Editor		Peça3																
	Duração (aprox.)		Peça4																
	Total de Notícias		Peça5																
	Total de Reportagens		Peça6																

Tabela 1: Modelo de tabela utilizado para a análise dos programas

Num dos eixos da tabela incluem-se os dados de análise geral para cada noticiário ou programa de forma individual, onde consta a data do mesmo, a hora em que foi emitido, quem foi o editor, a duração e, por fim, o total de notícias e reportagens. Importa, contudo, referir que a designação destes dois géneros radiofónicos teve como ponto de partida as perspetivas dos autores Martínez Albertos (2007) e Angel Faus (1981), abordadas no subcapítulo 3.7.1. “Uma tipologia de géneros” do presente trabalho.

As peças²⁸ jornalísticas foram analisadas individualmente consoante os parâmetros assinalados no topo da tabela. A duração de cada uma destas é um fator importante para perceber o seu critério de relevância e o tempo que lhe foi dedicado. Identificámos também os autores de cada peça para distinguirmos quais notícias/reportagens são dadas apenas pelo contexto do editor e quais são transmitidas por um jornalista. O assunto foi outra das especificações também analisadas para melhor entender de que forma o assunto pode ter influência no género jornalístico adotado, na sonorização das peças, entre outros parâmetros que vamos clarificar em seguida.

Outros fatores de análise dizem respeito ao local de produção da peça: o jornalista pode deslocar-se ao terreno para recolher informação ou produzir a peça no estúdio, sem ter de sair da redação através, por exemplo, de uma chamada telefónica, vídeo-chamada ou uma entrevista nos estúdios da Antena 1. Estes dois parâmetros também servem para analisar questões relacionadas com o mediatismo, fator tempo e os meios disponíveis pois

²⁸ Quando mencionamos o termo “peças” referimo-nos às notícias e reportagens.

o consumo rápido e descartável da informação, a velocidade a que os jornalistas trabalham e os meios necessários para obter uma informação comprometem, por vezes, o rigor das peças.

Importa também fazer uma distinção que clarifique os parâmetros alusivos à sonorização e ao som ambiente. A sonorização indica que à notícia foram conferidos elementos sonoros para além daquele que é a voz do editor ou jornalista, ou seja, foram adicionados sons para complementar ou reforçar aquilo que é dito no contexto dado pelo profissional. Assim, quando não estamos perante uma notícia ou reportagem sonorizada, significa que não foi necessário acrescentar-lhes mensagens ou elementos sonoros para reforçar a palavra. O som ambiente diz respeito ao som que acompanha toda a notícia em *background* ou em momentos específicos para reforçar aquilo que é dito e estimular a criatividade do ouvinte, transportando-o para o local dos acontecimentos. Esta é uma técnica que auxilia o ouvinte a memorizar aquilo que lhe foi transmitido e a contruir a realidade daquilo que ouve.

Outros critérios de análise utilizados foram a existência ou a ausência de lançamentos de sons, o contexto do jornalista, o contexto do editor e as declarações dos protagonistas. O lançamento de sons indica que à notícia foram adicionados sons ou declarações de protagonistas e, por isso, estes dois critérios funcionam em conjunto, servindo o parâmetro das declarações dos protagonistas para contabilizar quantos sons de pessoas diferentes foram necessários recolher para sustentar aquilo que foi dito. Nas peças em que existe lançamento de som, esta tem a contextualização do assunto, que pode ser feita pelo próprio editor, quando não se justifica pelos critérios de relevância noticiosa dar muito tempo de antena a um assunto, ou pelo jornalista quando é necessário que se elabore um tema e recolha informação mais aprofundada sobre o mesmo.

Os últimos elementos da tabela são: “Som usado como reforço da mensagem?”; “Som valorizou a mensagem?”. O primeiro serviu para identificar em que situações o som reforçou a mensagem. O segundo, se o som foi usado como elemento de valorização da mensagem transmitida.

Escolhido o nosso *corpus* de análise e definidos os parâmetros da grelha de análise tornou-se possível, primeiramente, fazer uma comparação entre edições, confrontando os trabalhos individuais de cada jornalista, verificando se a sonorização varia consoante o jornalista que está encarregue da notícia e ainda em que circunstâncias e temáticas é que

o som é usado como reforço da mensagem e valoriza a informação. Em seguida fez-se uma comparação entre o programa “Noticiário Nacional” e as emissões do programa “Portugal em Direto”, analisando os dados obtidos e cruzando a informação adquirida, no sentido de avaliar em que circunstâncias é que o som é objeto de valorização e auxiliador no processo de construção de mensagens nos diferentes géneros jornalísticos presentes na rádio.

Em contexto de estágio, foi realizada observação participante direta e indireta, com registo das tarefas e procedimentos dos jornalistas das redações onde aquele foi efetuado. Este método permitiu complementar o nosso estudo de uma forma significativa, pois a “observação participante é um método no qual um investigador faz parte das atividades diárias, rituais, interações, e eventos de um grupo de pessoas como um dos meios de aprender ambos os aspetos explícitos e tácitos das suas rotinas de vida e cultura.” (MUSANTE, 2014, pp. 251-252, tradução nossa), ou seja, ao tornarmo-nos parte da experiência neste caso, no estágio na Antena 1, foi possível recolher informação que não seria exequível através de nenhum outro método pois, com esta técnica, observámos e participámos de forma direta e mais próxima na experiência, por isso, considerámos que faria todo o sentido dar a nossa perspetiva sobre a mesma ainda no desenvolvimento deste capítulo. Assim, foi possível procurar, no contexto social e cultural das equipas integradas durante o período de estágio, respostas à nossa questão de partida, compreendendo a forma como a informação é tratada pelos jornalistas e editores, os aspetos a ter em consideração na hora de noticiar os acontecimentos e a forma como a linguagem sonora é utilizada na criação das mensagens, consolidando alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado e também da bibliografia consultada na fase exploratória da investigação. De forma a organizar a informação obtida durante o período de estágio e facilitar a posterior consulta da mesma, registou-se diariamente, num diário de bordo²⁹, todas as tarefas realizadas. O registo das atividades desempenhadas durante o período de estágio permitiu recolher dados e realizar uma análise de conteúdo dos mesmos.

Ainda no âmbito das técnicas de investigação não documentais, foram realizadas 2 entrevistas³⁰, que se revelaram as mais adequadas ao nosso estudo, visando verificar e aprofundar algumas das informações que obtivemos com o auxílio dos métodos descritos anteriormente. As entrevistas foram efetuadas com o intuito de confrontar os

²⁹ O diário de bordo encontra-se em anexo, no Anexo 1, para consulta.

³⁰ As entrevistas realizadas figuram em anexo, no anexo 3, para consulta.

entrevistados com os dados obtidos através da análise de conteúdo, compreender o seu trabalho enquanto jornalistas do meio radiofónico, entender as dificuldades, os desafios do som como elemento único, preocupações em relação ao futuro da rádio, compreender os critérios que diferenciam o trabalho exercido nos diferentes formatos e géneros, perceber de que forma é utilizada a linguagem sonora na construção das mensagens, entre outras questões. Este método permitiu recolher e acrescentar informação relevante ao nosso estudo, que tal como no método anterior, não conseguiríamos obter através de nenhum outro anteriormente referido, uma vez que este nos dá acesso direto a depoimentos dos profissionais do meio em questão, a rádio Antena 1. Tendo em vista a complementação e finalização da nossa investigação, entrevistámos a jornalista Arlinda Brandão, do programa “Portugal em Direto” e o jornalista João Gomes Dias, do “Noticiário Nacional” e Editoria do Desporto. Os depoimentos resultantes das entrevistas permitiram aproximarmo-nos das respostas à nossa pergunta de partida e das conclusões do nosso estudo, uma vez que proporcionaram a comparação dos dados obtidos na análise de conteúdo e as declarações dos entrevistados.

4.2 Universo de estudo: O “Noticiário Nacional” e o programa “Portugal em Direto”

Propusemo-nos, de acordo com os objetivos definidos, a identificar de que forma é que o som é utilizado nos programas analisados e se o mesmo é usado como reforço da mensagem e elemento de valorização a informação transmitida nos dois géneros identificados: notícia e reportagem.

Analisámos, primeiramente, o “Noticiário Nacional”, durante o período de sensivelmente um mês compreendido entre janeiro e fevereiro de 2019. Este tem um tempo médio de emissão de cerca de 10 minutos, apresentando uma dinâmica de resposta rápida ao imediatismo e que testa o fator tempo enquanto obstáculo à relação entre som e palavra. O “Noticiário Nacional” é um programa transmitido todos os dias de hora a hora, no qual são apresentadas “As principais notícias do país e do mundo, em momentos-chave do dia, com o rigor da rádio pública portuguesa.”³¹, permitindo a atualização constante da informação e do público. No total foram contabilizadas 155 unidades de

³¹ Citação retirada da página oficial da RTP, que consta na informação apresentada sobre o programa “Noticiário Nacional”. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/radio/p1009>. Consultado a 31 de Maio de 2021.

contagem (u.c.) individuais respeitantes às 20 emissões do programa “Noticiário Nacional”.

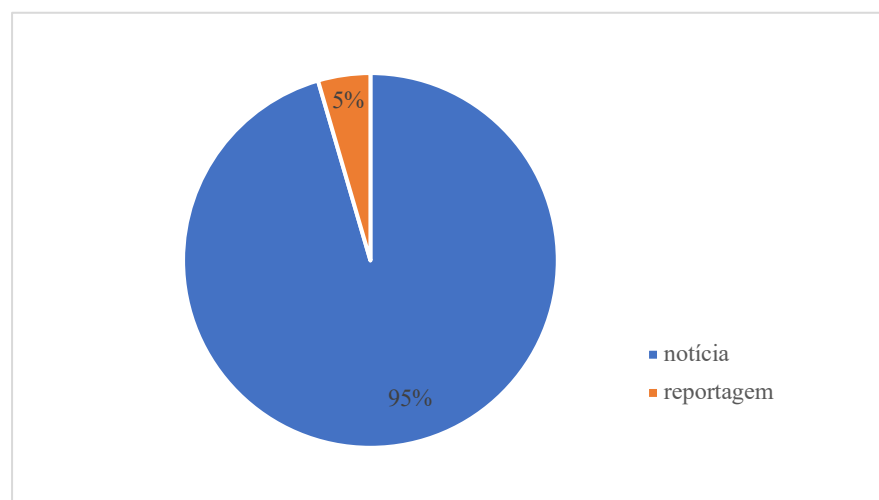


Gráfico 1: Distribuição das 155 unidades de contagem por género, em percentagem.

Das 155 u.c. individuais, 148 foram notícias que, tal como no gráfico acima indica, correspondem a 95% do total e 7 foram reportagens, correspondendo a uma percentagem de 5%.

A partir destes resultados já podemos notar que, sendo o “Noticiário Nacional” um programa que trabalha e enfrenta um maior mediatismo e rapidez na execução das tarefas, é reservado pouco tempo para as reportagens. Quer isto dizer que a maioria das notícias dadas são mais curtas, não necessitam de edição nem contextualização por parte de um jornalista, bastando o contexto do editor e o lançamento de sons de protagonistas para justificar e fundamentar a informação que está a ser transmitida.

Em seguida, tomámos em consideração o período de duas semanas do programa “Portugal em Direto”, com um tempo médio de 45 minutos por emissão. Ao apresentar um tempo de antena maior em relação ao que se verificou no “Noticiário Nacional”, este espaço informativo contém, naturalmente, mais reportagens e com duração superior pois, existe mais tempo e é dada maior liberdade para que os profissionais se possam dedicar mais rigorosamente à edição das mesmas, utilizando o som como mensagem de construção da realidade. Este programa, tal como a maior parte dos programas emitidos na Antena 1, rege-se pelo *slogan* tão conhecido desta emissora pública nacional “Liga

Portugal”, ou seja, ele estabelece uma ligação entre todos os pontos do país, aproximando “Todas as regiões num só programa. De norte a sul, da Madeira aos Açores, do interior ao litoral. Os grandes temas que atravessam o país, em reportagem, debate e entrevista.”³². Apesar de se apresentar como um programa diário, no “Portugal em Direto” os jornalistas não trabalham sobre os assuntos no próprio dia. Normalmente preparam o seu trabalho alguns dias antes ou até uma semana de antecedência o que lhes permite não só uma edição mais rigorosa e elaborada, como mais tempo para tratarem os acontecimentos.

As 10 emissões seleccionadas para análise correspondem a um total de 88 u.c., subdivididas igualmente em 2 géneros: notícia e reportagem.

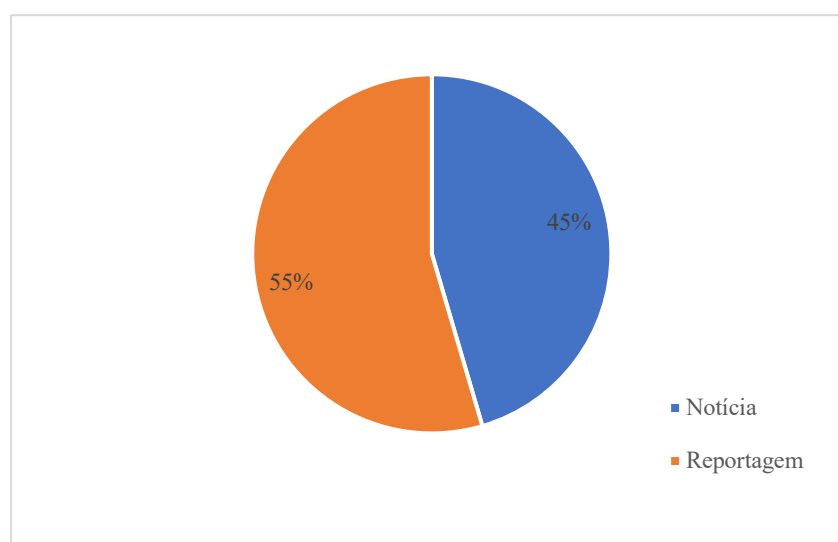


Gráfico 2: Distribuição das 88 u.c. por género em percentagem.

Como se pode verificar no gráfico acima reproduzido, foram emitidas neste espaço noticioso um total de 40 notícias, que correspondem a 45% e 48 reportagens, correspondendo a uma percentagem de 55%. Ao contrário daquilo que pudemos verificar no “Noticiário Nacional”, onde existia um número muito reduzido de reportagens, este género predomina no programa “Portugal em Direto”. Em contrapartida, no que diz respeito à notícia, verificámos a predominância deste género no “Noticiário Nacional”,

³² Citação retirada da página oficial da RTP, que consta na informação apresentada sobre o programa Portugal em Directo. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/radio/p1043>. Consultado a 31 de Maio de 2021.

enquanto a percentagem de notícias no programa “Portugal em Direto” corresponde a menos de metade.

Outro dos parâmetros analisados diz respeito à sonorização, que concerne elementos sonoros que são adicionados às notícias ou reportagens para reforçar o conteúdo ou acrescentar informação, podendo ser feita através de efeitos sonoros, declarações de protagonistas, música, entre outros. Definiu-se que qualquer peça que apresente elementos sonoros é sonorizada e no caso da ausência dos mesmos é não sonorizada.

Quando analisámos o “Noticiário Nacional”, percebemos que existe uma preocupação na sonorização das notícias e reportagens por parte das equipas responsáveis pelo turno já que, como podemos confirmar ao observar a tabela 2 representada adiante, há uma maioria visível de sonorização nos géneros identificados.

Noticiário Nacional			
Género	Sonorizada		Total Geral
	Sim	Não	
Notícia	100	48	148
Reportagem	6	1	7
Total Geral	106	49	155

Tabela 2: Distribuição das 155 u.c. pelo critério “Sonorizada”, segundo os géneros identificados no “Noticiário Nacional”.

Verificou-se que num total de 148 notícias, 100 são sonorizadas e apenas 48 dizem respeito às não sonorizadas. No que concerne às 7 reportagens presentes no programa “Noticiário Nacional”, 6 são sonorizadas e apenas 1 é não sonorizada.

A tabela 3 figura os resultados obtidos no programa “Portugal em Direto” no qual se afere, visivelmente, que a grande maioria das notícias e reportagens são sonorizadas e que uma módica minoria corresponde à não sonorização.

Portugal em Direto			
Género	Sonorizada		Total Geral
	Sim	Não	
Notícia	36	4	40
Reportagem	48	0	48
Total Geral	84	4	88

Tabela 3: Distribuição das 88 u.c. pelo critério “Sonorizada”, segundo os géneros identificados no “Portugal em Direto”.

Os números indicam que em relação às notícias, num total de 40, 36 são sonorizadas e apenas 4 são não sonorizadas. Quanto às reportagens houve sempre sonorização no processo de edição dos mesmos, o que significa que todas as 48 reportagens identificadas foram sonorizadas.

Quando fazemos a comparação entre os programas “Noticiário Nacional” e “Portugal em Direto” percebemos que em ambos há uma preocupação com a sonorização, sendo representada pela maioria nos dois casos. No entanto, apesar de no “Noticiário Nacional” as notícias sonorizadas representarem a maioria (100 u.c.), as não sonorizadas (48 u.c.) têm um valor significativamente superior ao verificado no programa “Portugal em Direto” (4 u.c.). Isto significa que, apesar de haver uma maioria de notícias sonorizadas, a minoria representada pela não sonorização no “Noticiário Nacional” difere em muito daquilo que acontece no programa “Portugal em Direto” em que parece existir uma maior preocupação com este parâmetro.

Passemos à verificação dos dados relativamente ao parâmetro som ambiente. Este critério pode confundir-se erradamente com a sonorização analisada anteriormente. Apesar de diferentes, podemos estabelecer uma relação entre os mesmos: sempre que uma peça apresenta som ambiente ela é obrigatoriamente sonorizada, mas isto não acontece na situação contrária, pois quando uma peça é sonorizada isso não significa que esta tenha som ambiente. Ou seja, uma notícia é sonorizada quando apresenta qualquer elemento sonoro, mas isso não significa que tenha som ambiente pois, a título de exemplo, o jornalista pode dar o contexto da notícia e adicionar-lhe declarações de protagonistas, mas

não apresentar som ambiente, ou seja, existir silêncio no plano de fundo da mesma. Assim, diz-se que uma peça tem som ambiente quando estamos, por hipótese, no decorrer de uma manifestação e conseguimos ouvir de fundo o som dos protestos. O som ambiente é sinónimo da recolha de sons no local dos acontecimentos, os quais são adicionados como “fundo” das peças, ou seja, o som ambiente decorre por detrás do relato dos factos por parte do editor ou do jornalista.

No programa “Noticiário Nacional” parece existir uma menor preocupação com o som ambiente. A maior parte das notícias e reportagens não apresentam este elemento.

Noticiário Nacional			
Género	Som Ambiente		Total Geral
	Sim	Não	
Notícia	9	139	148
Reportagem	5	2	7
Total Geral	14	141	155

Tabela 4: Distribuição das 155 u.c. pelo critério “Som Ambiente”, segundo os géneros identificados no “Portugal em Direto”.

No entanto, podemos observar na tabela 4 acima apresentada que no género reportagem embora exista um total de apenas 7, a maioria (5 u.c.) apresenta som ambiente e apenas 2 não têm, o que quer dizer que neste género existe uma maior ênfase dada a este parâmetro. Isto acontece porque o tempo dedicado às reportagens é maior, o que acaba por dar mais liberdade aos jornalistas na hora da edição para adornarem o trabalho. Nas notícias nem sempre é possível este trabalho de edição e sonoplastia porque os jornalistas trabalham a uma maior velocidade para corresponderem ao mediatismo exigido pelo noticiário, o que acaba por comprometer este parâmetro do som ambiente o que se consegue verificar dado que, num total de 148 notícias, 139 apresentavam ausência de som ambiente e apenas 9 continham este elemento.

Já no programa “Portugal em Direto”, segundo a análise da tabela 5 apresentada adiante, conseguimos concluir que, no género notícia não foi incluído som ambiente em nenhuma das notícias analisadas. Nas 48 reportagens foi incluído som ambiente na

maioria (35 u.c.). No que toca a este parâmetro parece existir uma semelhança entre o que acontece no programa e nos noticiários, pois verificam-se dados semelhantes.

Portugal em Direto			
Género	Som Ambiente		Total Geral
	Sim	Não	
Notícia	0	40	40
Reportagem	35	13	48
Total Geral	35	53	88

Tabela 5: Distribuição das 88 u.c. pelo critério “Som Ambiente”, segundo os géneros identificados no “Portugal em Direto”.

Os parâmetros analisados em seguida correspondem à forma como foi recolhida a informação, ou seja, se o jornalista se deslocou ao local ou se recolheu a informação a partir do estúdio e, por isso, não foi preciso deslocar-se. Se verificarmos na tabela 6 infra apresentada, a maioria das notícias foram feitas a partir do estúdio (109 u.c.). No entanto, percebemos que em 7 reportagens, apenas numa não houve deslocação ao local. Como as reportagens são normalmente mais longas e lhes é dedicado mais tempo, o jornalista acaba por ter uma maior liberdade para se deslocar ao encontro dos factos e adquirir a informação no local onde se dão os acontecimentos.

Noticiário Nacional			
Género	Modo de realização		Total Geral
	Deslocação ao local	Em Estúdio	
Notícia	39	109	148
Reportagem	6	1	7
Total Geral	45	110	155

Tabela 6: Distribuição das 155 u.c. pelos critérios “Deslocação ao Local” e “Em Estúdio”, segundo os géneros identificados no “Noticiário Nacional”.

É de notar que a informação adquirida em estúdio ocorre, muitas vezes, porque existe falta de meios e tempo para o jornalista se deslocar até ao local dos acontecimentos, mas

também porque boa parte da informação pode ser recolhida através de chamadas telefónicas com os protagonistas ou intervenientes numa determinada situação ou, por exemplo, realizando entrevistas presenciais nos estúdios.

A tabela 7 refere-se aos dados obtidos nestes mesmos parâmetros no programa “Portugal em Direto”. Verificou-se que a maioria das notícias (30 u.c.) foram feitas a partir do estúdio e em apenas 10 o jornalista se deslocou ao local. No entanto, das 48 reportagens, em 44 houve deslocação ao local e apenas 4 foram realizadas sem deslocação ao local.

Portugal em Direto			
Género	Modo de realização		Total Geral
	Deslocação o Local	Em Estúdio	
Notícia	10	30	40
Reportagem	44	4	48
Total Geral	54	34	88

Tabela 7: Distribuição das 88 u.c. pelos critérios “Deslocação ao Local” e “Em estúdio” segundo os géneros identificados no “Portugal em Direto”.

Se compararmos os resultados nos programas “Noticiário Nacional” e “Portugal em Direto” percebemos que existe uma semelhança no que toca às notícias pois, tanto no “Portugal em Direto” como no “Noticiário Nacional” verifica-se que a maior parte delas foram feitas a partir do estúdio. No género reportagem concluiu-se que em ambos os programas a maioria é representada por reportagens feitas com deslocação ao local dos acontecimentos.

A tabela que se segue diz respeito à forma como as notícias são lançadas durante o programa “Noticiário Nacional”. Para esta análise contribuem quatro parâmetros, aqui acompanhados da sua definição: “Lançamento de sons e contexto do Editor”, ou seja, o editor deu o contexto à notícia e adicionou-lhe elementos sonoros para reforçar aquilo que está a dizer ou acrescentar informação; “Lançamento de sons e contexto do Jornalista”, quando é o jornalista quem dá o contexto à notícia e lhe confere elementos sonoros para comprovar o que está a dizer ou acrescentar informação; “Só contexto do Editor”, quando não são adicionados quaisquer sons e apenas é dado o contexto por parte

do editor; e, por fim, “Só contexto do Jornalista”, significando que a notícia foi dada apenas pelo contexto do jornalista e não lhe foi adicionado qualquer elemento sonoro.

	Notícia	Reportagem	Total
Lançamento de sons e contexto do Editor	80	-	80
Lançamento de sons e contexto do Jornalista	16	6	22
Só contexto do Editor	42	-	42
Só contexto do Jornalista	10	1	11
Total	148	7	155

Tabela 8: Distribuição das 155 u.c. pelos critérios “Lançamento de sons e contexto do Editor”; “Lançamento de sons e contexto do Jornalista”; “Só contexto do Editor” e “Só contexto do Jornalista”, segundo os géneros identificados no “Noticiário Nacional”.

Na tabela 8 verificou-se que em 148 notícias, 80 foram dadas com o contexto do editor e lançamento de sons, 16 com o contexto do jornalista e lançamento de sons, 42 só com o contexto do editor e 10 só com o contexto do jornalista. Em 7 reportagens, 6 foram contextualizadas por um jornalista com lançamento de sons e apenas 1 só com o contexto do jornalista.

Estes números representam que a maioria das notícias e reportagens foram contextualizadas ora pelo editor ora pelo jornalista e auxiliadas com lançamento de sons, ou seja, elementos sonoros para reforçar aquilo que estava a ser dito pelos mesmos. A minoria corresponde a situações em que não se recorreu ao lançamento de sons e funcionou apenas o contexto do jornalista ou do editor.

No programa “Portugal em Direto” como pudemos concluir ao observar a tabela 9 abaixo indicada em 40 notícias, 20 foram dadas com o contexto do editor e lançamento de sons, 16 foram dadas com o contexto do jornalista e lançamento de sons, 3 só com o contexto do editor e apenas 1 foi dada só com o contexto do jornalista. Em 48 reportagens,

todas elas foram dadas com o contexto do jornalista e lançamento de sons, tal como podemos verificar na tabela que aqui dispomos.

	Notícia	Reportagem	Total
Lançamento de sons e contexto do Editor	20	-	20
Lançamento de sons e contexto do Jornalista	16	48	-
Só contexto do Editor	3	-	3
Só contexto do Jornalista	1	-	1
Total	40	48	88

Tabela 9: Distribuição das 88 u.c. pelos critérios “Lançamento de sons e contexto do Editor”; “Lançamento de sons e contexto do Jornalista”; “Só contexto do Editor” e “Só contexto do Jornalista”, segundo os géneros identificados no “Portugal em Direto”.

Tal como o que sucedeu nos noticiários “Noticiário Nacional” em que a maioria dizia respeito a notícias e reportagens contextualizadas pelo editor ou pelo jornalista e auxiliadas com elementos sonoros para reforçar aquilo que estava a ser dito pelos mesmos, também na análise do programa “Portugal em Direto” se verificou uma situação semelhante.

O lançamento de sons é um parâmetro muito importante pois, ao adicionarmos elementos sonoros estamos a contribuir com mais informação para completar aquilo que é dito e, sendo que, em ambos os géneros, grande parte é dada com lançamento de sons significa que houve uma preocupação por parte dos jornalistas em reforçar a verdade e comprovar perante os ouvintes que aquilo que é dito é factual. Quando há ausência de elementos sonoros a credibilidade do jornalista pode ficar comprometida ou a informação não ser retida tão facilmente pelos ouvintes que, por ouvirem repetidamente a mesma voz, podem ver a sua atenção desviada para algo diferente daquilo que está a ser transmitido.

O gráfico que se segue diz respeito ao parâmetro “Declarações de Protagonistas” avaliado no “Noticiário Nacional”. Quando existe a presença de declarações durante uma notícia ou reportagem quer dizer que ao contexto dado pelo editor ou jornalista é adicionado um som de um ou mais intervenientes no acontecimento para fundamentar, complementar ou até sustentar aquilo que está a ser transmitido, garantindo a verdade daquilo que está a ser dito, como se uma declaração funcionasse como comprovativo do sucedido.

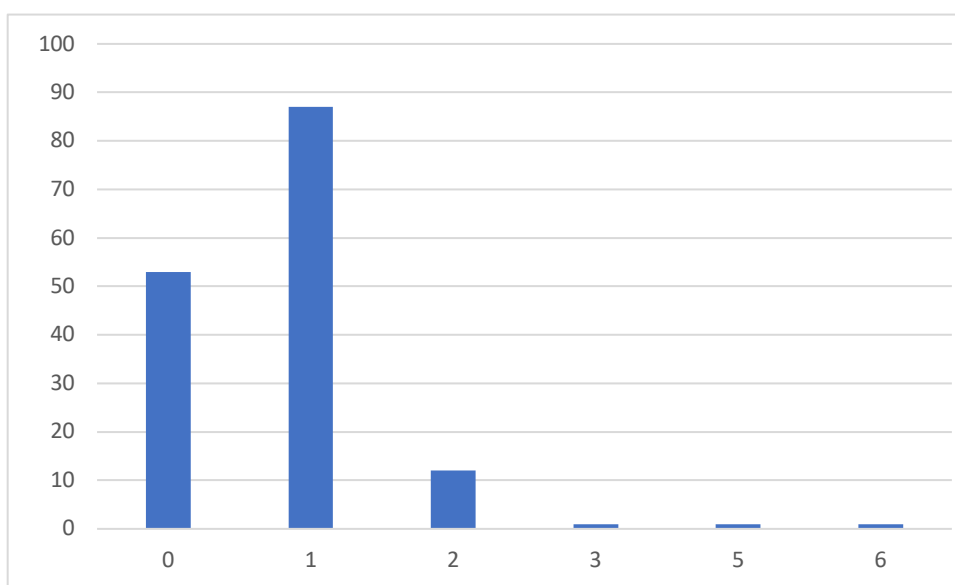


Gráfico 3: Declarações de Protagonistas por peça no programa “Noticiário Nacional”.

Segundo a análise feita ao gráfico conseguimos concluir que a média de declarações por notícia, peça ou reportagem é de 1. No entanto, verificámos também que existe ainda um grande número de notícias e reportagens que não fizeram uso de nenhuma declaração, sendo esta situação representada pelo 0 no gráfico. Quer isto dizer que, apesar de o número mais frequente de declarações ser 1, ainda existe uma ausência de declarações muito acentuada e evidente.

No gráfico referente ao parâmetro “Declarações de Protagonistas” no “Portugal em Direto” conseguimos concluir que a média de declarações por notícia e reportagem é de 1. No entanto, ao contrário daquilo que foi verificado nos noticiários não existem muitas peças sem recurso a declarações, sendo esta situação representada pelo 0 no

gráfico. Quer isto dizer que, enquanto o segundo valor mais frequente de declarações no “Noticiário Nacional” era 0, aqui o mesmo não se verifica, sendo o segundo valor mais alto o 2, como se observa no gráfico seguinte. Ou seja, no programa “Portugal em Direto” fez-se mais uso das declarações do que nos noticiários.

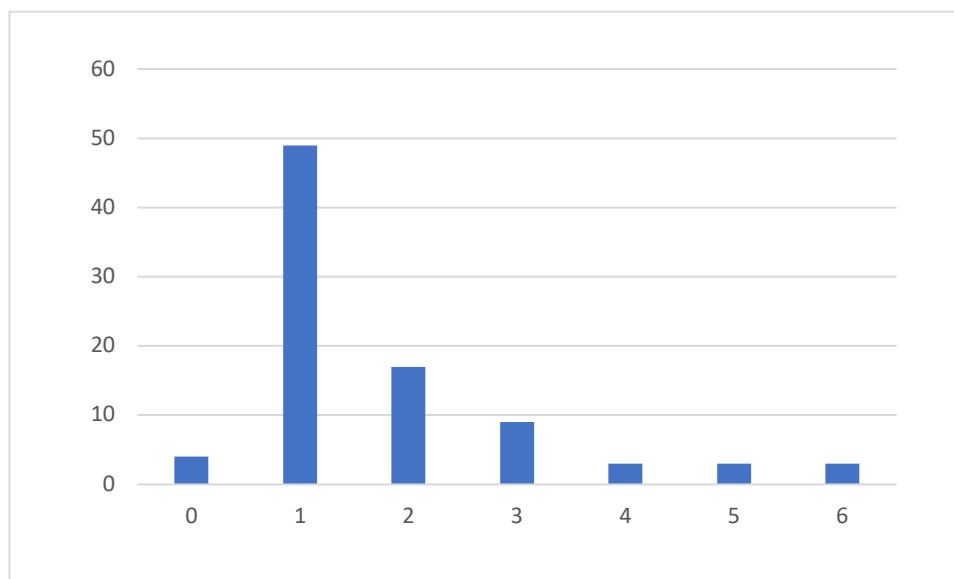


Gráfico 4: Distribuição das 88 u.c. pelo critério “Declarações de Protagonistas” no programa “Portugal em Direto”, sendo que cada número representa a quantidade de declarações usadas por peça.

Os dois últimos parâmetros analisados dizem respeito à forma como o som foi utilizado nos programas “Portugal em Direto” e “Noticiário Nacional”. Dividimos em duas categorias: “Som usado como reforço da mensagem?” e “Som valorizou a mensagem?”, sendo que a primeira pretende avaliar se o som foi usado para reforçar aquilo que estava a ser dito quer pelo editor quer pelo jornalista e a segunda prende-se em verificar se o som utilizado serviu para valorizar a mensagem já contextualizada pelo editor ou pelo jornalista, ou seja, se acrescentou informação nova e relevante. Tendo em conta que em ambas as categorias as respostas foram sempre positivas em todas as notícias e reportagens dos dois programas, não foi necessário criar um gráfico para demonstrá-lo pois não haviam dados comparativos que justificassem. Assim, podemos

concluir que em 100% das peças do “Noticiário Nacional” e do “Portugal em Direto” o som foi usado como reforço da mensagem e valorizou-a.

Verificando as hipóteses formuladas no início deste trabalho, pudemos constatar através deste estudo que, ao contrário daquilo que era a nossa expectativa, a maioria das peças são sonorizadas, isto é, apresentam elementos sonoros na sua composição sejam eles efeitos sonoros, música, declarações de protagonistas, som ambiente, etc., pois aferiu-se que, em ambos os programas, nos dois géneros identificados (notícia e reportagem) a maioria corresponde à presença de sonorização.

Capítulo V – A visão dos jornalistas sobre a importância do som

O som no meio radiofónico possibilita estabelecer uma relação com o ouvinte, transportando-o para o local dos acontecimentos através de um processo sugestivo de mensagens sonoras para recriar a realidade. As entrevistas realizadas durante este trabalho, e que articularemos em seguida, dão conta da visão que os jornalistas têm sobre a importância do som na rádio e as suas dinâmicas.

Arlinda Brandão, jornalista na Antena 1, trabalha há quase 30 anos na rádio, tendo dedicado grande parte da sua carreira à reportagem e às temáticas do ambiente e cidadania. João Gomes Dias, também jornalista na Antena 1, trabalha na rádio há cerca de 8 anos junto da editoria de Desporto, mas sempre em contato com os noticiários, nos quais foi recentemente editor. Embora trabalhem na mesma emissora, os jornalistas dedicam-se a diferentes áreas e géneros jornalísticos, o que nos permite ter visões diferenciadas do uso do som nas peças.

Arlinda Brandão, que ainda trabalhou com bobines e cassetes, considera que as possibilidades oferecidas pelos suportes digitais são “uma grande revolução em termos do som e em termos de tecnologia (...) que ajudou a rádio a crescer em termos de som”.³³

Atualmente, as mudanças continuam a fazer-se sentir e nem todas são tão positivas quanto as anteriores. Desde há alguns anos, os dois jornalistas revelam ter sentido que as dinâmicas nas redações mudaram, sendo que para João Gomes Dias as grandes

³³ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

transformações na rádio Antena 1 constatam-se pela existência de cada vez “menos gente e, por isso, mais dificuldade em cobrir as coisas da melhor forma, o que tem implicado um esforço enorme por parte das pessoas”.³⁴ Segundo este jornalista, tem havido uma menor capacidade de resposta a um público que se revela cada vez mais exigente. Arlinda Brandão diz existir muita pressão para dar a informação mais depressa que os outros, sendo que nem sempre há tempo para a confirmar e isso revela-se num grande desgaste “de muitas horas passadas a frente de um computador, ou em reportagem, muitas vezes sem tempo para preparar (...) com essa pressão para irem para o ar e isso também não é positivo, porque pode não ajudar ao rigor da informação.”³⁵. Regista ainda a menor solidariedade entre colegas pois, como nos conta, ao contrário do que se fazia sentir antes, em que as redações “viviam sempre momentos que ajudavam a criatividade porque eram descontraídas, uns ajudavam os outros”³⁶ atualmente depende dos próprios jornalistas a criação dessa solidariedade, mas o exercício da profissão com as dinâmicas dos dias de hoje tem criado alguns obstáculos para que isso aconteça.

Todos estes aspetos destacados pelos jornalistas têm também implicância na forma como o som é utilizado na rádio, isto é, na sonorização das peças: se há cada vez menos meios para ir até ao local dos acontecimentos, há cada vez menos recolha de som e posteriormente as peças têm cada vez menos elementos sonoros, ficando menos ricas. João Gomes Dias acrescenta que “muitas vezes, isto é, uma correria e não dá propriamente para andar a sonorizar para que a peça chegue a tempo de um noticiário a não ser que seja aquele corta e cola jornalista, declaração, jornalista, declaração”³⁷ e refere que pode haver situações em que o uso do som não faça sentido, como é o caso das entrevistas feitas por telefone.

Seguindo esta problemática, inquirimos os jornalistas sobre a hipótese de haver um crescente abandono do uso do som na rádio e ambos afirmaram que os aspetos referidos anteriormente são uma das grandes causas para que tal aconteça. Como afirmou Arlinda Brandão, na impossibilidade de ir ao local dos acontecimentos “muitas vezes utiliza-se o telefone... demasiadas vezes e isso empobrece a informação”³⁸, acabando-se

³⁴ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

³⁵ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

³⁶ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

³⁷ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

³⁸ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

“por dar a notícia só através das palavras (...) e isso não é igual”³⁹ pois, para a jornalista, “o som que é captado pelo repórter é o mais fiável e para isso tem de se sair da redação”⁴⁰. João Gomes Dias, na mesma linha de pensamento, refere que além de nem sempre haver meios humanos, há que considerar a importância dos protagonistas, confessando que muitas vezes são estes, e não os assuntos em si, que condicionam a deslocação”.⁴¹ Considera, apesar disso, muito importante que os jornalistas vão aos locais porque, caso contrário, “qualquer pessoa que está em casa faz exatamente aquilo que nós fazemos. Portanto, se for possível ir o máximo, acho que devemos ir.”⁴²

“O som é essencial (...) é o que permite darmos proximidade e mostrar ao ouvinte que estamos a contar a história. Não somos nós apenas que estamos a dar voz a essa história, mas é o protagonista (...) quem estamos a ouvir e é esse som que vai passar”⁴³ sublinha a jornalista Arlinda Brandão e acrescenta que o som é o que dá rigor à mensagem, é o que lhe confere interesse e vivacidade e é também o que faz com que quem está a ouvir oiça porque o faz sentir envolvido no acontecido e, por isso, a jornalista afirma que “O som é importantíssimo. A rádio é som, e o som é tanto do jornalista, que fala e que conta, como do entrevistado que também explica o que está a acontecer.”⁴⁴ Por isso, numa peça não pode faltar, rigor, criatividade e verdade e o jornalista deve saber contar a história, descrevendo-a tal como a vê, sendo que “na rádio não há olhos, há ouvidos, e as pessoas têm que “olhar com os ouvidos”.⁴⁵

Para João Gomes Dias “o som é o mais importante”⁴⁶ e, por isso, coloca o som como o elemento central do seu trabalho e depois complementa-o com outros elementos pois se privilegiar o som e construir o texto à volta desse som “(...) as pessoas acabam por captar muito mais a mensagem”.⁴⁷ Para este jornalista o importante é “além de informares as pessoas (...) essa capacidade de trazeres o ouvinte para o teu jornal (...)” e refere que utilizava uma metáfora: nos meus jornais: “como se eu pegasse na mão do ouvinte e o levasse pelo jornal. É como se ele percorresse o jornal comigo.”⁴⁸

³⁹ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁴⁰ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁴¹ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

⁴² Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

⁴³ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁴⁴ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁴⁵ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁴⁶ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

⁴⁷ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

⁴⁸ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

Questionados quanto ao futuro do som na rádio os jornalistas mostraram-se confiantes. João Gomes Dias afirma que o som tem de ter o papel principal mesmo que se venham a adotar novas linguagens pois para o jornalista é importante ter “o som sempre presente”⁴⁹. Para Arlinda Brandão, que considera que a rádio é som, “o futuro só pode ser promissor”⁵⁰ e, por isso, que venham “inovações tecnológicas, para usar bem, que venham bons jornalistas para utilizar e contar boas histórias, para que os ouvintes e as pessoas confiem num jornalismo rigoroso, informativo e esclarecedor”⁵¹, mostrando-se otimista em relação ao futuro do uso do som na rádio, pois “se não houver som, não há rádio”⁵².

⁴⁹ Entrevista 1 em anexo para consulta. Anexo 5 – João Gomes Dias.

⁵⁰ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁵¹ Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

⁵² Entrevista 2 em anexo para consulta. Anexo 6 – Arlinda Brandão.

Conclusão

Nos últimos anos, têm-se observado profundas transformações nos meios de comunicação social que tiveram de adaptar-se e reinventar-se para corresponder a esta nova realidade. Embora tenham surgido novas plataformas digitais e continuem a emergir a cada dia novos suportes e novas formas de obter informação, os meios de comunicação continuam a desempenhar um papel importante na transformação dos acontecimentos em notícias. A rádio não é exceção.

Sendo detentora de uma dinâmica diferenciada dos outros meios de comunicação ao possuir uma linguagem própria e utilizar técnicas específicas características do meio, a rádio, considerando as mudanças nos últimos anos, acrescentou elementos multimédia como imagens, texto, vídeo, entre outros recursos visuais aos novos suportes sem nunca perder a sua essência e aquilo que melhor a caracteriza: o som.

No início deste trabalho propusemo-nos precisamente a dar conta do papel do som na construção dos sentidos das mensagens jornalísticas na rádio a fim de responder à pergunta de partida “Qual é a valorização dada ao som na construção das mensagens nos diferentes géneros jornalísticos na Antena 1?”.

A principal ilação que tiramos deste estudo é que o som é, sem dúvida, um elemento valorizado e fundamental na valorização da informação e construção das mensagens nos diferentes géneros na Antena 1, em especial na reportagem.

Na análise de conteúdo verificámos que o som utilizado não só reforçou a mensagem, isto é, reforçou aquilo que estava a ser dito quer pelo editor, quer pelo jornalista, como também valorizou a informação transmitida, ou seja, acrescentou-lhe algo novo.

Outra ilação que retiramos deste estudo é que a maior parte das peças sonorizadas, têm declarações de protagonistas e não elementos sonoros ou até mesmo som ambiente. João Gomes Dias afirma que isso se deve a muitas vezes as peças serem de conferências de imprensa, de declarações a porta, de um ministério, de um tribunal, que sendo “declarações a seco se calhar muitas vezes não faz sentido teres esse ambiente”. O fator falta de tempo é outra das razões citadas por João Gomes Dias: “Portanto, acho que é um

bocado uma gestão de logística. Outra porque se calhar não faz sentido, porque não havia ambiente onde a pessoa falou.”

Em suma, o som constitui um elemento indissociável da mensagem radiofónica, pois como explica Arlinda Brandão, “se não houver som, não há rádio”. As novas plataformas convocarão o som de uma forma distinta do da rádio em antena, mas, ainda assim, ele permanecerá como um elemento essencial na construção da mensagem.

O estágio realizado na Antena 1 permitiu, além do alargar de experiências e aprendizagens práticas, uma reflexão sobre o fenómeno, que esperamos que dê um contributo, ainda que modesto, para o conhecimento dos seus usos e para o questionamento das opções que sobre ele são tomadas na rotina das redações.

A rádio é um dos meios mais antigos de difusão de informação. Esta concorre diretamente com outras plataformas e meios de comunicação e, por isso, cada vez mais é necessário fazer-se mudanças para acompanhar e sobreviver par a par com os outros meios, se não até mesmo tentar superá-los. Os jornalistas entrevistados refletiram sobre uma tendência cada vez maior do abandono do uso do som na rádio e mostraram-se preocupados com a crescente falta de meios, com a conseqüente sobrecarga de trabalho nas redações, com a escassez de tempo para corresponder à velocidade exigida e com a falta de inovação nas dinâmicas da rádio Antena 1. Se o modo como se transmite e se produz informação for reinventado, se se der mais espaço e tempo para o aprimoramento das peças, tirando proveito da criatividade e se houver mais gente a trabalhar nas redações talvez, no futuro, a rádio possa voltar a ser uma das principais fontes de informação e quem sabe para um público mais alargado. Se esta dinâmica mudar e se se abrir espaço para novas ideias e novas formas de dinamizar as rádios, neste caso a Antena 1, talvez no futuro haja mais espaço para o som na rádio, que como aqui vimos, é essencial.

Bibliografia

- ABECASIS, T., COELHO, P., MARINHO, S., MARTINS, P., SOARES, D. (2020). *Livro de Estilo do REC*. Consultado a: 10/10/2022. Disponível em: https://www.reportereseconstrucao.pt/wp-content/uploads/2020/07/LivroEstilo_paginas.pdf;
- ANTÃO, António. (2014). *Preparação para o Exame Nacional 2014: História A 12º Ano*. [S.L.]. Porto Editora;
- ARNHEIM, Rudolf. (1936/1986). *Radio*. New Hampshire: Ayer Company Publishers;
- ALBERTOS, J. L. M. (1972). *La Información en una sociedad industrial*. Madrid: Tecnos;
- ALBERTOS, J. L. M. (2007). *Curso General de Redacción Periodística: Lenguaje, estilos y géneros periodísticos em prensa, radio, television y cine*. 5ª Edição. Madrid: Paraninfo;
- BALSEBRE, Armand. (2004). *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid, Cátedra;
- BARDIN, Laurence. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%201977%20-%20Análise%20de%20Conteúdo.pdf>. Consultado em: 26/05/2021;
- BENETTI, M.; JACKS, N. (2001). *O Discurso Jornalístico*. Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf. Consultado em: 10/11/2020;
- BONIXE, Luís. (2012). *A Informação Radiofónica: Rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte;
- BONIXE, L., COELHO, P., REIS, A. I. (Org.). (2021). *Manual de Reportagem*. Covilhã: Editora LabCom. Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/202105211432-202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf;
- CARDOSO, G.; PAISANA M.; e PINTO-MARTINHO, A. (2021). *Digital News Report Portugal 2021*. OberCom - Observatório da Comunicação. Disponível em:

https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/06/DNR_PT_2021_final.pdf. Consultado a: 26/04/22.

CORDEIRO, Paula. (2003). *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*. Dissertação, Universidade do Algarve. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>. Consultado a: 02/09/2020

CORNU, Daniel. (1999). *Jornalismo e Verdade: Para uma Ética da Informação*. Lisboa, Instituto Piaget;

ESPINOSA, P. M. (2012). *Géneros Periodísticos en Radio: Técnicas de Redacción y Estilo*. 1º Edição. Sevilha: EGAUDIM (Equipo de Investigación en Géneros Audiovisuales e Imágenes);

FAUS, A. (1974). *La radio: introducción al estudio de un medio desconocido*. Madrid: Guadiana de Publicaciones;

FAUS, A. (1981). *La radio: introducción a un mundo desconocido*. Madrid: Latina, D. L. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.ceu.es/handle/10637/2129?mode=full>. Consultado a 18/02/2022;

FLICK, Uwe. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor, pp.41-53;

GIACOMANTONIO, Marcello. (1976). *Os Meios Audiovisuais*. Lisboa, Edições 70;

GRÁCIO, C. e MARTINS, C. (coords.). (2022). *A Rádio em Portugal. Uma década de intervenção regulatória*. Disponível em: <https://www.flipsnack.com/ercpt/a-r-dio-em-portugal-uma-d-cada-de-interven-o-regulat-ria/full-view.html>;

HERREROS, M. C. (1992). *Géneros Informativos audiovisuales: Radio, televisión, periodismo gráfico, cine, video*. Madrid: Ciencia 3;

JENKINS, H. (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York University Press.

KOLB, Richard. (1931). *O Desenvolvimento da Peça Radiofônica Artística a Partir da Essência da rádio*, in SPERBER, George Bernard (1980) (org.) *Introdução à Peça Radiofônica*. São Paulo, EPU;

MARTÍ, J. M. (1990). *Modelos de programación radiofónica*. Barcelona: Feedback ediciones;

MARTÍNEZ-COSTA, M.P. (1989). *Actualización de las teorías de los géneros periodísticos desde las aportaciones de las categorías literarias*. Tesis para la obtención del grado de Master of Arts en Periodismo. Pamplona: Universidad de Navarra;

MARTÍNEZ-COSTA M.P. & HERRERA S. (2005). *Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos*. Global Media Journal Edición Iberoamericana, Volumen 2, Número 3 pp. 62-70. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Globalmediajournalenespanol/2005-06/vol2-3/no3/7.pdf>. Consultado a 20/11/2021;

MEDEIROS, K. B. (2021). *Respostas à desinformação e contribuições de uma prática jornalística mais transparente*. In CHRISTOFOLETTI, R., COSTA, C. W., PAGOTO, L. G., SILVA, M. T. (Coord.), *Cadernos de Resumos 2021: 11ª Jornada Discente* (pp. 36-38). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR). Disponível em: https://jornadadiscentepggior.paginas.ufsc.br/files/2022/03/Caderno_de_Resumos_11a_Jornada_Discente_PPGJOR-UFSC_2021.pdf#page=29;

MEDITSCH, Eduardo. (1997). *A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.pdf>. Consultado a: 14/10/2020;

MEDITSCH, Eduardo. (1999). *A Rádio na Era da Informação*. Coimbra, Edições Minerva;

MENESES, João Paulo. (2003). *Tudo o que se passa na TSF – ... para um “livro de estilo”*. Edição Jornal de Notícias. Porto;

MENESES, João Paulo. (2016). *Jornalismo radiofónico*. Braga: CECS;

- MERAYO, A. (2000). *Para entender la radio*. 2ª edição. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca;
- MOTT, Robert L. (1990). *Sound Effects: Radio, TV, and Film*. Boston: Focal Press;
- MUÑOZ, J.J. (1994). *Redacción periodística. Teoría y práctica*. Salamanca: Cervantes.
- MUSANTE, K. (2014). *Participant Observation*. In H. Bernard & C. Gravlee (Eds.), *The Handbook of Methods in Cultural Anthropology* (pp. 251-22). Rowman & Littlefield;
- NEVES, F. (2021). O Rádio Clube Português e a Guerra Civil Espanhola. Livros ICNOVA. Obtido de <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/23>;
- OLIVEIRA, M. e SILVA, E. C. e. (2014). *A linguagem do local e as rádios piratas: memória do episódio 'Marcianos em Braga'*. *Revista Media & Jornalismo*, 24, 25-37. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29996>;
- PARRATT, Sonia. (2008). *Géneros periodísticos en prensa*. Editorial “Quipus”, CIESPAL. Quito-Ecuador. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/catalog/resGet.php?resId=55350>;
- PRADO, Emili. (1981). *Estructura de la información radiofónica*. Barcelona: ATE;
- QUANDT, T., e SINGER, J. B. (2009). Convergence and Cross-Platform Content Production. In K. Wahl-Jorgensen e T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (pp. 130–144). New York: Routledge.
- QUIVY e CAMPENHOUDT, R. e L.V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva. Lisboa;
- QUIVY e CAMPENHOUDT, R. e L.V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª edição. Gradiva. Lisboa. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf>. Consultado a: 22/05/2021;
- REIS, A. I. C. M. (2009). *O Áudio no Jornalismo Radiofónico na Internet*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Portugal). Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19749/1/tese.pdf>;

REIS, Clóvis. (2010). *Taxonomia dos géneros jornalísticos no rádio: proposta de uma nova tipologia*. Comunicação & Sociedade, Ano 32, n. 54, p. 51-70, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Comunicacao&sociedade/2010/vol32/no54/3.pdf>;

SANTOS, Rogério. (2005). *Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade*. Comunicação e Sociedade, vol. 7, pp.137-152. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1351/1333>;

SÁNCHEZ, J. F.; LOPEZ PAN, F. (1998). *Tipologías de géneros periodísticos en España. Hacia un nuevo paradigma*. Comunicación y estudios universitarios, Nº 8, pp. 15-35. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/34984>;

SCOTT, C. P. (1921). *A Hundred Years*. Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sustainability/cp-scott-centenary-essay>;

SOUSA, Américo. (2002). *A retórica da verdade jornalística*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-americo-retorica-verdade-jornalistica.pdf>. Consultado a: 12/11/2020;

TRAQUINA, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Quimera Editores. Lisboa;

TRAQUINA, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis. Insular, 2ª edição. Disponível em: <https://alexandraaguirreucb.files.wordpress.com/2018/04/traquina.pdf>;

VIANA, T. D. (2021). *O Jornalismo Digital e as Fake News: um estudo das plataformas digitais de fact-checking —Lupa|| (Brasil) e —Polígrafo|| (Portugal)*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10905/1/TD_39318.pdf;

WARREN, C. (1951). *Modern News Reporting*. 2ª edição. Nova Iorque.

Sites Consultados

<https://jornalistas.eu/declaracao-de-munique-1971/>

<https://media.rtp.pt/80anosradio/historia/cronologia/>

<http://media.rtp.pt/empresa/rtp/historia/>

<https://www.rtp.pt/programa/radio/p1043>

<http://www.erc.pt/documentos/legislacaosite/ContratoConcessaoServicoPublicoRadiodifusaoSonora.pdf>

<http://img.rtp.pt/mcm/pdf/5a7/5a7fb346da3d705b5bdd24eb306d47871.pdf>

<https://dicionario.priberam.org/verdade>

<https://dicionario.priberam.org/mea%20culpa>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-em-ondas-de-radio/>

Anexos

Anexo 1 – Diário de bordo: tabela de atividades desempenhadas durante o período de estágio.

Data	Atividade/Tarefas	Jornalista
07/01	Primeiro dia. Definição dos postos e horários de trabalho. Visita ao espaço e edifício da RTP e Antena 1. Apresentação dos colegas.	Maria de São José
08/01	Iniciei o estágio na Manhã 2. Reunião da equipa com o editor por telefone. Saída em reportagem com Teresa Correia – IPO (manifestação dos enfermeiros)	Teresa Correia
09/01	Saída em reportagem com Rita Soares à sede do PSD para uma conferência de imprensa sobre as novas propostas no ensino superior.	Rita Soares
10/01	Saída em reportagem com Teresa Correia – manifestação de estudantes sobre as más condições da escola secundária de Camões. Peça sobre a manifestação.	Teresa Correia
11/01	Edição da peça sobre a manifestação.	Nuno Carvalho
14/01	Aprendizagem sobre como fazer uma chamada e gravar o testemunho ou declaração em estúdio.	Nuno Carvalho
15/01	Acompanhamos a conferência das decisões do Brexit – chumbo da proposta. Aprendi a gravar um som de uma conferência online e a traduzir para fazer uma peça.	Marina de Castro
16/01	Edição da peça com os sons da conferência online sobre o chumbo do Brexit para praticar as traduções e a gravação online.	Marina de Castro
17/01	Saída em reportagem com Marina de Castro ao protesto dos bombeiros e ao Conselho de Ministros para conhecer a proposta do governo português relativamente ao Brexit.	Marina de Castro
18/01	Peça sobre o Conselho de Ministros.	Marina de Castro e Nuno Carvalho

21/01	Reformulei a peça sobre o chumbo do Brexit depois da avaliação da jornalista Marina de Castro.	Marina de Castro
22/01	Saída em reportagem com Marina de Castro à Polícia Judiciária – apreensão de droga e conferência de imprensa sobre as greves da PJ.	Marina de Castro
23/01	Edição da peça sobre apreensão de droga e greves da Polícia Judiciária.	Marina de Castro
24/01	Saída em reportagem com Marina de Castro ao Conselho de Ministros – campanha contra os incêndios “Portugal Chama” e <i>briefing</i> das propostas da semana.	Marina de Castro
25/01	Edição da peça sobre a campanha contra os incêndios “Portugal Chama”.	-
28/01	Pratiquei fazer chamadas no estúdio sobre o assunto predominante da atualidade – crise na Venezuela. Contactei algumas pessoas e recolhi os sons das entrevistas.	Marina de Castro e Nuno Carvalho
29/01	Entrevistei um médico português que trabalha na Venezuela durante uma manifestação e recolhi os sons. Fiz um <i>medley</i> de todos os sons que recolhi sobre a crise na Venezuela e apresentei-os aos turnos da Tarde e Noite. Foram utilizados na emissão da Noite.	João Gomes Dias e Nuno Carvalho
30/01	Edição de peça sobre os sons recolhidos da crise da Venezuela.	Natércia Simões
31/01	Mostrei os trabalhos ao editor da Manhã 2 e recebi o feedback.	Frederico Moreno
01/02	Melhorei algumas das peças anteriores tendo por base as críticas construtivas do editor. Mostrei alguns dos meus trabalhos à orientadora do estágio para apreciação.	Maria de São José.
04/02	Não saí com a Paula Verona, mas fiz duas peças	Paula Verona
05/02	Peça sobre violência doméstica	
06/02	Editor da manhã 2 ouviu a peça da Venezuela e elogiou Pesquisei notícias	Frederico Moreno
07/02	Pesquisei notícias	
08/02	Saí com a Sandra Henriques, fui à residência do Primeiro Ministro, por	Sandra Henriques

	causa da manifestação dos professores	
11/02	Editei uma peça	
12/02	Pesquisei notícias	
13/02	Não estive presente	
14/02	Sandra Henriques ouviu a peça	Sandra Henriques
15/02	Saída com a Paula Verona ao Ministério do Trabalho e da Saúde – Cuidadores Informais	Paula Verona
18/02	Não estive presente	
19/02	Não estive presente	
20/02	Pesquisei notícias	
21/02	Sínteses	Augusta Henriques
22/02	Sínteses	Augusta Henriques
25/02	Saída com a Sandra Henriques – Ministério da Educação (Profs.)	Sandra Henriques
26/02	Não estive presente	
27/02	Não estive presente	
28/02	Saída com a Paula Verona – Prémios do Grémio Literário	Paula Verona
01/03	Sínteses	
04/03	PAUSA CARNAVAL	
05/03	PAUSA CARNAVAL	
06/03	Análise ao programa “Portugal em Direto” e sugestões para próximos programas	Arlinda Brandão
07/03	Saída em reportagem ao centro social e polivalente do bairro Padre Cruz que se baseia no novo conceito de CoHousing	Arlinda Brandão
08/03	Análise do programa diário. Início da construção de peça sobre o CoHousing	Arlinda Brandão
11/03	Peça CoHousing – texto da voz <i>off</i>	Arlinda Brandão
12/03	Peça CoHousing – Sonorização, gravação do voz-off e edição da peça Prática de construção de noticiários	Arlinda Brandão
13/03	Saída em reportagem à BTL – feira de turismo	Arlinda Brandão
14/03	Análise do programa diário. Construção da peça sobre a BTL	Arlinda Brandão
15/03	Saída em reportagem sobre as trotinetes em Lisboa.	Arlinda Brandão

18/03	Edição da peça sobre as trotinetes. Saída em reportagem a uma ETAR	Arlinda Brandão
19/03	Peça sobre ETAR.	Arlinda Brandão
20/03	Finalização da peça sobre a ETAR.	Arlinda Brandão
21/03	Saída em reportagem ao LX Factory – feira do café.	Arlinda Brandão
22/03	Peça sobre feira do café.	Arlinda Brandão
25/03	Finalização das peças. A jornalista Arlinda Brandão acompanhou-me aos estúdios para ouvir e fazer apreciação do trabalho que desenvolvi.	Arlinda Brandão
26/03	Melhorei as peças consoante as críticas construtivas dadas pela jornalista. Saída em reportagem ao Miradouro do Adamastor.	Arlinda Brandão
27/03	Análise do programa diário.	Arlinda Brandão
28/03	Saída em reportagem ao Casal Ventoso para assistir à pintura de um artista num prédio do bairro. Voltamos ao Miradouro do Adamastor para continuar a reportagem sobre o gradeamento e entrevistar mais duas intervenientes.	Arlinda Brandão
29/03	Peça sobre o gradeamento no Miradouro do Adamastor.	Arlinda Brandão
01/04	Peça sobre pintura no Casal Ventoso.	Arlinda Brandão
02/04	Finalização das peças.	Arlinda Brandão
03/04	Saída em reportagem a Arroios sobre multiculturalidade.	Arlinda Brandão
04/04	Análise do programa diário.	Arlinda Brandão
05/04	Saída em reportagem ao Pavilhão Carlos Lopes no Parque Eduardo VII – festival gastronómico “Peixe em Lisboa”. A jornalista Arlinda ouviu as minhas peças. Reunião final com orientadora de estágio da Antena 1 para feedback do trabalho desenvolvido.	Arlinda Brandão Maria de São José

Anexo 2 – Modelo de Ficha de Leitura

FICHA DE LEITURA (MODELO)

<p>TÍTULO DA OBRA:</p> <p>AUTOR:</p> <p>DATA:</p> <p>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:</p>
<p>PEQUENA BIOGRAFIA</p> <p>DO AUTOR:</p>
<p>RESUMO:</p> <ul style="list-style-type: none">• 2 OU 3 PARÁGRAFOS;• É A ÚLTIMA COISA A SER FEITA;• RESUMO DO RESUMO QUE A FICHA CONSTITUI:<ul style="list-style-type: none">○ INCLUI: 1º PRINCIPAL IDEIA DO AUTOR / 2º PRINCIPAIS IDEIAS RELEVANTES (TENDE EM CONTA O NOSSO OBJETIVO).
<p>ANÁLISE DA LEITURA:</p> <ul style="list-style-type: none">• CONDENSAÇÃO DAS IDEIAS PRINCIPAIS E MAIS RELEVANTES (TENDE EM CONTA O NOSSO OBJETIVO);• REUNIÃO DAS IDEIAS CENTRAIS QUE AUTOR DEFENDE NO TEXTO + RELACIONAMENTO DESTAS COM AS IDEIAS QUE INTERESSAM AOS NOSSOS OBJETIVOS;• TEXTO CLARO COM UMA ESTRUTURA (IMPLÍCITA OU EXPLÍCITA) OBJETIVA;• COMENTÁRIOS: DESTACADOS A COR DIFERENTE OU ENTRE PARÊNTESES RETOS.

Anexo 3 – Entrevista 1

Entrevistado: João Gomes Dias, jornalista e editor na Antena 1.

Rita Albano: Uma vez que não existe um livro de estilo na Antena 1, qual é o critério de sonorização de uma notícia ou reportagem nos noticiários?

João Gomes Dias: É assim, como não existe nenhum livro de estilo, isso acaba por ser um pouco aleatório. No sentido em que depende de pessoa para pessoa. Eu acho que isso é particularmente visível quando olhas para os vários editores, seja na informação generalista ou no desporto, tu percebes que a forma de editar entre as pessoas difere um pouco. Por isso, eu coloco o som como a parte mais importante do meu jornal. Ou seja, eu sou um editor que quer ao máximo fazer com que a notícia seja o som, que nem sempre é possível, mas quando existe privilegiar o som e construir o texto à volta desse som. Porque eu acho que as pessoas acabam por captar muito mais a mensagem, por muito eloquente que sejas a falar, captam mais a mensagem através do som e dos protagonistas do que propriamente ser eu a falar muito e o som acabar por complementar um pouco aquilo que eu disse e, portanto, não havendo livro de estilo é um pouco difícil tu encontrares um padrão. Mas no meu caso, em particular, o cuidado que sempre tive foi tentar ao máximo que o som seja o principal e à volta construir o texto.

Rita Albano: Então, para ti, o mais correto seria sonorizar as peças, é isso?

João Gomes Dias: Sim, porque eu acho que para mim rádio é som. É o principal e, portanto, o mais correto seria tu tentares ao máximo utilizares esse som e depois enfim, complementares no texto aquilo que o som não tem. E o som não tem porquê? Pode haver duas coisas: ou porque a pessoa não disse e convém complementares obviamente porque a pessoa não disse e tens de contextualizar aquilo que foi dito, ou então porque, e eu também fazia isso, há sons muito longos. Som de um minuto para mim acho que é um exagero, a não ser que seja numa grande reportagem, mas num noticiário se um som exceder um determinado tempo eu acho que para nós convém cortarmos um pouco o som.

Imagina reduzirmos o som de um minuto para quarenta segundos e aquilo que cortarmos em vinte segundos darmos nós em texto.

Rita Albano: Já tendo sido editor e feito parte dos noticiários e mesmo na editoria do Desporto, como é que se determina a relevância de uma notícia e que tempo de antena lhe deve ser concedido?

João Gomes Dias: Depende, a relevância de uma notícia...

Rita Albano: Tem sempre critérios, não é?

João Gomes Dias: Sim acho que são os critérios básicos na verdade. Acho que são os critérios básicos que se utilizam sempre, não é? Se é algo que é inesperado, se é algo que tem a ver com a proximidade, se é algo que tem impacto sobre muitas pessoas. Acho que são os critérios básicos, não me afasto sobre aquilo que por norma aparece nos livros, eu acho é que tu com o decorrer do tempo vais ganhando cada vez mais noção daquilo que realmente interessa, e que realmente bate nesses critérios, mas não utilizo assim nenhum critério fora da caixa.

Rita Albano: Uma das coisas que eu consegui observar na análise que eu fiz ao “Noticiário Nacional” foi que a maioria das peças apresentava sonorização e com isto quero dizer que possuía algum elemento sonoro, seja música, sejam declarações etc...No entanto, a maioria das peças não usava som ambiente. Isto é comum? Porque é que acontece?

João Gomes Dias: É, isso é comum. Porque muitas vezes as peças que tu tens primeiro são de, imagina, conferências de imprensa, de declarações a porta, sei lá... de um ministério, de um tribunal, do que tu quiseres e, portanto, como são declarações a seco se calhar muitas vezes não faz sentido teres esse ambiente. E depois há outra resposta também: é que, muitas vezes, isto é uma correria e não dá propriamente para andar a

sonorizar para que a peça chegue a tempo de um noticiário a não ser que seja aquele corta e cola jornalista, declaração, jornalista, declaração, jornalista, declaração. Portanto, acho que é um bocado uma gestão de logística. Outra porque se calhar não faz sentido, porque não havia ambiente onde a pessoa falou. Numa sala de imprensa não há ambiente e muitas vezes nas situações que te falei também não há ambiente a não ser que sejam situações, por exemplo a abertura da época balnear, se calhar faz sentido ter ali o som de fundo da praia do mar etc., mas na maior parte das vezes, e até porque muitas peças são feitas resultando de entrevistas que são feitas ao telefone, como também te deves ter apercebido, acho que o som ambiente nem se quer faz sentido. Isto em termos de peças de noticiários, porque se depois estamos a falar de uma reportagem etc., também já é diferente.

Rita Albano: Sim, neste caso estamos a falar dos noticiários. Quais são os fatores que influenciam a saída de um jornalista até ao local dos acontecimentos, tendo em conta que a maioria das notícias foram feitas através do estúdio? Ou seja, o que é que leva um jornalista a movimentar-se ao local? Ou porque é que não vão tantas vezes ao local?

João Gomes Dias: Não vamos tantas vezes, sim não vamos tantas vezes. Acredito ser porque muitas vezes não há pessoas suficientes para todo o lado e depois depende o grau de importância, quer dizer Primeiro Ministro, Presidente da República, isso há sempre alguém que os acompanhe. No caso do desporto, Benfica, Porto e Sporting, também estamos lá sempre. Acho que isso é resultado do grau de importância que se atribui a determinados protagonistas, às vezes, nem tanto os assuntos, mas mais dos protagonistas que fazem com que os jornalistas vão lá e acho que é importante continuarmos a ir lá, porque se deixarmos de ir lá qualquer pessoa que está em casa faz exatamente aquilo que nós fazemos. Portanto, se for possível ir o máximo, acho que devemos ir.

Rita Albano: E achas que isso tem a ver também, para além de não haver pessoas, com a falta de meios ou a falta de tempo por causa do mediatismo, de tudo ser cada vez mais rápido?

João Gomes Dias: Sim, mas sobretudo é por falta de pessoas e meios. Repara, as redações estão super apertadas. Muitas vezes tens um editor, tens as outras pessoas que estão ali de apoio, não pode um editor ficar sozinho e, portanto, no máximo sai uma pessoa para o terreno e certos acontecimentos relevantes se calhar ficam sem ninguém a fazer cobertura. Eu acho que é sobretudo isso. É a questão das redações serem muitas curtas hoje em dia e de dificultarem que exista resposta a vários acontecimentos em simultâneo.

Rita Albano: Agora seguindo um bocadinho isto que estávamos a falar... Há quanto tempo é que tu estás na Antena 1?

João Gomes Dias: Desde dezembro 2014, quase 8 anos.

Rita Albano: Desde que entraste em 2014 até ao momento presente sentiste grandes diferenças, grandes alterações, alguma coisa significativa nestes assuntos que temos vindo a falar?

João Gomes Dias: Sim. Menos gente e, por isso, mais dificuldade em cobrir as coisas da melhor forma, o que tem implicado um esforço enorme por parte das pessoas. Se calhar não acompanhamos tanto, tanta coisa como acompanhávamos antes. Tiveram de ser feitas algumas escolhas e isso é mau sinal. É mau sinal que as redações sigam este caminho porque estou-te a falar do que era há oito anos para cá, se daqui a oito anos continuar se calhar ainda vai ser pior se nada mudar e não sei bem qual é que é o caminho que a gente vai trilhar... sinceramente. Portanto, acho que está mais difícil, sobretudo porque temos menos meios e isso não tenho dúvidas nenhuma. Temos cada vez menos gente, cada vez menos capacidade de resposta e o público está cada vez mais exigente, o que é natural. Tu convém fazeres essa diferença porque, hoje em dia, tu tens notificações no telemóvel, tu acompanhas mil *podcasts*, tu ouves a imprensa nacional, ouves a imprensa internacional e se calhar quando ligas a rádio acaba o jornal e pensas: “Do que

e que eu fui informado? De algo que já sabia antes?”. E está cada vez mais difícil de fazer a diferença.

Rita Albano: Sentes que isso afeta a qualidade do vosso trabalho?

João Gomes Dias: Sem dúvida. Eu acho que ainda assim, mediante as condições, é feito um excelente trabalho. E eu sou pouco corporativista... se eu achasse que não estava a ser feito um bom trabalho eu era primeira pessoa a dizer, mas atendendo às condições acho que se faz um bom trabalho, mas acho também que se podia fazer um muito melhor trabalho.

Rita Albano: Como e que vês, então, o futuro da rádio? Ou seja, se as coisas continuarem assim como estão, como têm vindo progressivamente a tornar-se, o que achas que vai ser da rádio no futuro? E, já agora, o que achas que vai ser do uso do som na rádio? Porque, como nós falamos, presumes que haverá cada vez menos meios para ir ao local, menos tempo para fazer as coisas, portanto... Qual vai ser o futuro da rádio e o futuro do som na rádio?

João Gomes Dias: Certo. Acho que a rádio tem futuro, ponto. Acho que a rádio já superou alguns obstáculos que muitas pessoas achavam que não ia superar e a rádio adaptou-se. Para mim é certo que a rádio tem futuro, ponto final. Portanto, não estou assustado com o futuro da rádio em si. Na rádio, em particular, a Antena 1, sim, assustame, porque há certas... há certos *upgrades* que já deviam ter sido feitos e não são feitos. Para mim, não faz sentido a nossa rádio não ter vários *podcasts* importantes. Hoje em dia, sei lá, as pessoas vão no carro têm *Spotify*, têm a sua biblioteca de *podcasts* preferida e vão sendo avisados quando é são atualizados e isso é uma boa forma de continuares a suportar a rádio, mas de uma forma não tão convencional. Eu acho que é preciso é mudar um pouco a forma de como nós comunicamos com as pessoas. Temos de perceber que aquele formato de ser só um noticiário à hora certa e isto e aquilo, que já dura há muitos, muitos anos, já não é suficiente para responder a toda a gente. Acho que o aproveitamento multimédia na Antena 1 é zero ou abaixo de zero, isso é para mim incompreensível. Basta

ires ao *Twitter* da Antena 1. O *Twitter* é possivelmente a rede social mais associada ao jornalismo a nível mundial, e desafio-te a pesquisar alguma coisa do *Twitter* da Antena 1 que não seja desporto. É ridículo! Só nós é que, por exemplo, damos uso àquilo, só nós é que temos, no Desporto, um programa que vai todas as semanas para o ar e que tem o tal *podcast*. Acho que na componente informativa falta muito. Esses *podcasts*, por exemplo, essa outra forma de comunicar... a programação tem-los, mas estou a dizer só na informação, que é o meu departamento. Acho que, se nós não mudarmos a forma de comunicar se não nos adaptarmos a uma nova linguagem que existe, vamos ter muitas dificuldades em continuar. O som, retomando aquilo que te disse no início e que vai um pouco ao encontro da minha primeira resposta, tem de ser sempre o principal, portanto, tem de ser uma nova linguagem, mas tendo o som sempre presente, indispensável na minha opinião.

Rita Albano: Em relação à primeira parte da tua resposta, então consideras que parece quase que está desatualizada a Antena 1?

João Gomes Dias: Sim, sem dúvida. Está cristalizada, está acomodada, se quiseres, e não tem havido resposta para outros, para novas necessidades ou uma tentativa de mudança para novas linguagens, isso não tenho dúvida. Se calhar, lá esta, vai bater um pouco na falta de gente que é preciso para assegurar os noticiários de hora a hora, mas acho que não podes deixar de arranjar alternativas, não podes deixar de tentar comunicar melhor com as pessoas. E as redes sociais, hoje em dia, são paradigmáticas disso. Repito, não faz sentido nós não termos uma continuidade no *Twitter* sobre aquilo que até damos nos jornais à hora certa, e isso vai ser cada vez mais visível e preocupante se não for mudado.

Rita Albano: Estavas a falar na dinâmica que existe na editoria do Desporto... Achas que o Desporto está um bocadinho mais à frente, está a tentar acompanhar as coisas e, por isso, notas uma dinâmica diferente entre a vossa editoria e os restantes por exemplo?

João Gomes Dias: Sem dúvida. E isso é particularmente visível nas audiências que nós temos porque, por exemplo, olhando aqui só para as rádios generalistas, a Antena 1, TSF e Renascença não sei os números do Observador, mas estas 3, o *gap* entre aquilo que são os nossos ouvintes na informação generalista e em relação ao desporto é enorme e na TSF e na Renascença não é tão grande. Ou seja, mostra que nós em termos de informação generalista estamos a perder para as outras rádios. Mas quando entra o nosso departamento, e estou a dizer isto não é por trabalhar no Desporto, seria o primeiro a criticar se as coisas não fossem assim, mas no Desporto nós conseguimos estar à frente e, portanto, isso vai um pouco bater naquilo que eu estava a dizer, nós temos conseguido comunicar de uma forma se calhar mais apelativa e isso tem trazido resposta positiva também por parte dos nossos ouvintes. Mas nós somos um departamento que funcionamos um pouco sós, não há propriamente a mesma grande comunicação entre a nossa direção e o Desporto, enfim há o Paulo Sérgio que, fazendo parte da direção, faz a ponte connosco, mas de resto é como se nós fôssemos uma ilha ali dentro da redação e acabamos por ser um pouco a exceção à regra.

Rita Albano: Como é que funciona a dinâmica na Antena 1? Uma vez que também já fizeste parte dos noticiários e, portanto, conheces mais do que a dinâmica da editoria de Desporto.

João Gomes Dias: É assim, na parte da informação generalista, eu estive lá só na altura do COVID e sei que a dinâmica pode ser diferente do que acontece hoje em dia. Daquilo que me vou apercebendo, há um editor certo, há as pessoas que dão apoio, todos reúnem, existem estes temas, vamos tentar telefonar para estas pessoas, não passa muito do mesmo. No desporto, que é aquilo que eu conheço melhor, por exemplo, na tarde desportiva de domingo, ainda ontem estive a fazer conteúdo diversificado para tentar preencher a Antena, hoje vou fazer também uma reportagem à tarde que vai servir para os noticiários, mas também vai servir para uma rádio online que temos agora que se chama “Brasil 200”, enfim, há tentativa de responder em vários formatos e para vários espaços. O que eu noto ali é que existe muito aquela coisa da informação generalista. “Ok, eu faço parte deste turno, vou fazer uma peça para este turno” enquanto nós somos um pouco mais “amplos”. Por exemplo, vou fazer agora um trabalho, pode passar só no

domingo, pode passar em formato “peça”, pode passar no formato de “sons soltos”. Até durante a emissão, imagina, eu faço uma reportagem e tiro dois ou três excertos, dos protagonistas, e vamos pondo durante a emissão para promovê-la. Acho que nós temos sido mais dinâmicos nesse sentido, em vez de ser uma linguagem estanque. Se tu estivesses a analisar os noticiários - eu não sou nada fã de peças, vou ser sincero – eu edito e, até para dar privilégio ao som, edito e meto um som, falo pouco e meto um som, falo pouco meto o som, sempre assim... por isso é que eu chegava a fazer noticiários de dezassete minutos em que dez desses minutos eram sons, mais de cinquenta por cento. E tu, a maior parte dos jornais que analisaste são assim: há um tema “x”, uma jornalista acompanha e ela faz uma peça – um minuto e meio de peça com sons pelo meio – depois, outro assunto, foi outra jornalista que acompanhou, vai fazer mais um minuto e meio de peça com sons, muito chato. Isso não dá privilégio aos sons, é como se estivessem “enlatados” lá no meio, percebes?

Rita Albano: Sim, por acaso foi disso que me apercebi.

João Gomes Dias: Mas, por exemplo, se tu vires o nosso jornal do meio-dia e meio, o do Desporto, com o José Pedro Pinto, vais perceber que não há peças assim pelo meio. Ele fala e mete som, fala e mete som, sempre assim com aquela dinâmica, que é o que eu defendo.

Rita Albano: O que eu notei também e nos resultados que eu tenho do estudo que fiz é que, na maior parte dos noticiários, há pouco espaço para a reportagem. Em vinte noticiários consegui identificar apenas sete reportagens. A maior parte das notícias que eu identifiquei eram dadas com o contexto do editor apenas.

João Gomes Dias: Sim, é verdade! Mas é que isso não vai chegar a lado nenhum ... Porque hoje és tu que já não consegues ouvir, amanhã sou eu que já não consigo ouvir, e por aí fora.

Rita Albano: Já está muito ultrapassado esse formato de noticiário?

João Gomes Dias: Para mim está, mas também temos uma redação em que só eu e outro é que nascemos no final do século XX, não é ... é uma visão muito antiquada, sabes? Nós temos de ouvir os mais velhos, como é óbvio. Temos de respeitar e aprender com eles, mas também é preciso haver abertura da parte deles para tentar compreender as linguagens dos mais novos. Sem deixar de informar. Agora, a forma como o fazes é muito importante. Para mim, se não fores dinâmica na rádio, esquece!

Rita Albano: O que é que é importante na realização de uma peça? Por peça entende-se uma notícia ou uma reportagem. Se pudesses fazer uma distinção simples entre o que é uma notícia e uma reportagem e depois o que é importante em cada uma delas ou o que é mais importante nas duas, o que dirias?

João Gomes Dias: Nas duas o mais importante é conseguires passar a mensagem que queres. As pessoas devem acabar de ouvir e perceber aquilo que tu tentaste explicar. Na notícia, tentar ser mais conciso, mais sintético, ir mais direto ao ponto. Na reportagem tentar se calhar ter mais um pouco de criatividade, sem deixar obviamente de falar sobre aquilo que é importante, mas conseguir falar sobre algumas coisas, que são acessórias na notícia, mas que na reportagem têm espaço, fazendo sempre do som a principal arma para cativar as pessoas e para passar a mensagem. Portanto, na notícia, talvez a maior dificuldade seja conseguir fazer a síntese daquilo que queres expor, ser capaz de comprimir a informação, conseguindo passar a mensagem, que é o mais importante. Na reportagem, para se diferenciar da notícia, não deixando de transmitir a mensagem, incluir algumas curiosidades ou assuntos que estejam à volta e que acabem por transformar a reportagem em algo mais rico e que acabe por aproveitar esse espaço que tem a mais do que a notícia.

Rita Albano: Consideras que o som é usado como reforço e valorização das mensagens?

João Gomes Dias: Sem dúvida. Para mim, o som é o mais importante. Muitas vezes as pessoas perdem-se e acham que o som não contém a mensagem. Por exemplo, se o Presidente da República disser algo como: “Nós não apoiamos a Ucrânia, estamos do lado de Vladimir Putin e apoiamos a anexação das províncias do Leste da Ucrânia.” é preciso fazeres alguma coisa? No som está lá tudo, se ele dissesse isto, estaria lá toda a informação. Depois podes é referir “Declarações do Presidente da República”, por exemplo. O que eu noto é que, muitas vezes, a notícia começa assim: “ O Presidente da República hoje defendeu Vladimir Putin e o regime Russo, dizendo isto e aquilo.”, passando depois o som onde se ouve o que ele efetivamente disse. No entanto, tem mais força e impacto ouvir-se voz e o tom, neste caso, do Presidente da República, com os espaçamentos da voz, se ele gagueja ou não, se é firme ou não... depois sim, complementas o resto. Acho que muitas vezes, não sei se é por os editores terem muita sede de serem eles a dizer as coisas, não valorizam o som. O som é o mais importante na rádio. É o que eu te digo, quando eu fazia os noticiários, olhava para os sons, aproveitava o máximo que conseguia deles e depois escrevia à volta dos sons. Fazia o alinhamento dos sons antes de fazer o meu texto, mas confesso que é algo que pouca gente faz lá. Muito pouca, 5% se calhar é muito.

Rita Albano: Pois, eu também observei muito isso. E fiquei com essa dúvida...
Qual seria a forma certa de fazer as coisas?

João Gomes Dias: Vais ter que aprender um pouco por ti, a vida é assim, eu também fiz assim.

Rita Albano: Já que estamos a falar de aprender por ti próprio, como estudante de ESCS que foste, as ferramentas que lá aprendeste foram suficientes para começares a trabalhar ou tiveste de te adaptar e aprender sozinho algumas coisas?

João Gomes Dias: As ferramentas práticas sim, ajudaram, as ferramentas teóricas não. Não serviram para nada. Eu já disse isto quando fui convidado uma vez para uma aula na ESCS e a professora não gostou, mas eu disse – “Lamento professora mas não estou a ser avaliado aqui, os seus alunos, enfim, vão ter que estudar porque é bom para a média mas, quando forem a uma entrevista de trabalho, seja na Antena 1, seja noutra rádio, ninguém lhes vai perguntar se sabem de semiologia ou teoria da comunicação, etc. Vão pôr-lhes um texto à frente, escrito, e vão ter que adaptá-lo para a rádio e vão ter que falar e improvisar, porque no fundo vão ter que dar resposta aos ouvintes.” Portanto, as ferramentas práticas sim foram úteis. As ferramentas teóricas não foram e, para mim, o mais importante para um jornalista é ter cultura geral, mais do que saber semiologia, ou o que for, é saber ir consultar quem é que é o Presidente de um país importante, se esse país tem um governo de esquerda ou de direita, o que é que está na berra agora na ciência, se é descobrir um novo planeta ou a cura para uma nova doença... é saberes de tudo um pouco. Não podes saber tudo como é óbvio mas, saber um pouco de tudo, isso sim, é a parte teórica que um jornalista deve saber que depois é aplicada na prática. A ESCS para mim fez a diferença nas ferramentas práticas que te dá e que tu aplicas verdadeiramente na rádio. Depois depende das rádios. Eu apliquei essas técnicas, mas também fui um bocado “fora da caixa” lá porque há coisas que, por exemplo, a Antena 1 segue, há um padrão, e eu não sigo.

Rita Albano: Que aparelhos é que usam para captar som, editar, etc.?

João Gomes Dias: Nós agora utilizamos o Quantum que é uma espécie de gravador, mas é um gravador que permite uma ligação em direto com a rádio. Portanto é uma espécie de dois em um, o que faz sentido agora. Não faz sentido hoje em dia teres um gravador que não tenha essa “interconectividade” com o estúdio. É um equipamento que levas para o exterior, ligas ao microfone, ligas os auscultadores, tem também uma saída para gravares, por exemplo, uma conferência de imprensa, se não pudeses estar ao lado do protagonista para captar o som da caixa de som e isso depois permite que entres em direto e gerir os sons em direto ou então que envies os sons para quem os estiver a editar os possa pôr em direto. É uma espécie de gravador mais evoluído, pronto. A forma

mais fácil de explicar o Quantum é isso, é um gravador que te dá essa possibilidade, essa “interconectividade” com o estúdio, seja em que sítio estiveres do planeta.

Rita Albano: E o programa onde editam, como se chama?

João Gomes Dias: Agora chama-se *Galaxy*, que é uma versão do *Dalet*.

Rita Albano: O que é que para ti é importante que um jornalista tenha e o que é que é importante para uma peça ser rica?

João Gomes Dias: Para mim o mais importante para um jornalista é cultura geral, a produção não faz assim tanta diferença. Há imensas pessoas a fazerem *Podcasts* em casa. Portanto, na verdade, é tu apresentares desde logo, uma cultura geral acima da média e teres capacidade de informar com uma linguagem que seja acessível a todos. Ires direto ao ponto. Passares a mensagem. No fundo o que estás a fazer, além de informares as pessoas, estás a falar com elas. Por acaso aquilo que estás a dizer é informação, mas, no fundo, essa capacidade de trazeres o ouvinte para o teu jornal, ou para a tua peça ou reportagem é o mais importante. Eu utilizava muito esta metáfora nos meus jornais: como se eu pegasse na mão do ouvinte e o levasse pelo jornal. É como se ele percorresse o jornal comigo. Tentar ter uma linguagem não tão formal, de maior proximidade. Passar a mensagem como deve ser e passá-la, não só em termos de conteúdo, mas também da forma, identificando-se mais com o ouvinte, para mim é o fundamental para que as coisas tenham sucesso. Não criar uma grande distância. Fazer com que a distância entre jornalista e ouvinte seja a menor possível. Que haja essa proximidade que, noutros formatos que já aqui falámos, é mais fácil.

Rita Albano: Achas que há possibilidade de o som ser utilizado para, de alguma forma, para manipular o ouvinte, se sim, como é que isso pode ocorrer?

João Gomes Dias: Sem dúvida, é muito fácil. Basta tirares as coisas do contexto. Basta trocares. É muito fácil editar sons. Então se fores particularmente bom a editar como eu acho que sou – não para fazer esse tipo de coisas – mas para perceber que utilizar algumas respirações e fazer parecer que não houve ali um corte na declaração, é muito fácil. Depois alguma coisa pode ser completamente retirada do contexto... é só tu querer.

Rita Albano: Obrigada João.

João Gomes Dias: Ora essa!

Anexo 4 – Entrevista 2

Entrevistada: Arlinda Brandão, jornalista na Antena 1.

Rita Albano: Qual é o teu percurso na Antena 1 e há quanto tempo trabalhas nesta emissora?

Arlinda Brandão: Trabalho faz em maio vinte e nove anos, portanto estou há vinte e oito anos e o meu percurso passou maioritariamente por repórter, mas fiz também edição de noticiários durante alguns anos, mas, a minha verdadeira vocação é mesmo a reportagem, sendo que a notícia “está cá fora” e gosto de ir à procura dela.

Comecei como repórter de um turno, fazia tudo: A manifestação, o incêndio, a conferência de imprensa... acompanhava as várias comissões na Assembleia da República, fosse o que fosse, era a atualidade do dia-a-dia e fiz isso durante vinte e cinco anos.

Ao mesmo tempo segui, praticamente sempre, uma área de que gostava e continuo a gostar, que é a área de ambiente e clima e que, para além de fazer essas reportagens e acompanhar o turno na redação, ainda fazia peças e reportagens ligadas ao ambiente... “extra-horário”, digamos assim. Isso permitiu-me fazer algumas reportagens internacionais, algumas cimeiras do clima no estrangeiro, alguns acordos... foi interessante. Também durante algum tempo estive a fazer saúde, durante os anos da *Troika*. Foi duro. Foi um tempo bastante difícil em termos de acesso aos cuidados de saúde e havia muito para fazer, muitas notícias para fazer, muitas reportagens, mas atualmente estou no “Portugal em Direto” há cerca de dois anos. É uma área do jornalismo que eu gosto muito, ligado mais à vertente social, com maior proximidade das pessoas e por isso, no dia a dia, faço muitas reportagens desse jornalismo de proximidade, que eu chamo de jornalismo de cidadania.

Rita Albano: Se pudesses contar-me um pouco da história da Rádio e utilização dos sons, o que destacavas?

Arlinda Brandão: Isto da história da Rádio, para quem tem quase trinta anos de percurso profissional e, neste caso, na rádio pública, na Antena 1, tem muito que se lhe diga, tendo em conta a utilização do próprio som.

Eu quando cheguei à Rádio, ainda fui para as instalações da antiga Emissora Nacional, Rádio Difusora Portuguesa (RDP), que era na altura, mas nessas instalações na Rua do Quelhas e ainda trabalhei com bobines. Foi pouco depois das rádios locais, do movimento das rádios locais, e que também faz parte da história da rádio em Portugal. Vim de uma rádio local, da emissora “Voz da Bairrada” e também da Rádio Província, em Anadia e também em Oliveira do Bairro e trabalhávamos com cassetes e, para editar as peças cá na RDP ainda era com bobines, ainda era “a fita”. Tínhamos os técnicos que colavam os sons através dessas fitas nas bobines. Também na gravação, quando íamos para a rua, era através de cassetes. Havia os cartuchos, nas rádios locais.

Também trabalhei, mais tarde, na gravação através do *MiniDisk* e, entretanto, veio o ficheiro digital. Eu costumo dizer que a nossa geração de jornalistas viveu uma grande revolução em termos do som e em termos de tecnologia durante todos estes anos, porque foi uma grande transformação. Já há bastante tempo que utilizamos o som digital através de ficheiro e, na história da rádio, foi um grande salto e, de facto, o trabalhar através da forma digital, através da internet, foi uma grande evolução, veio dar uma grande ajuda e isto foi um aspeto muito positivo que ajudou a rádio a crescer em termos de som.

Também na história da rádio utilizamos sempre a gravação através do telefone. Mais tarde, através do telemóvel, fazíamos diretos, ou seja, a reportagem em direto a partir dos locais através do telemóvel! Quantas vezes tentava encontrar uma cabine telefónica, quando comecei, para enviar esses relatos, essas reportagens de viva-voz. Hoje em dia já temos meios muito mais sofisticados que nos permitem, através do 5G e da forma digital de enviar sons e falar em direto. Também podemos gravar na própria redação através do Zoom, pela internet, através do *WhatsApp* ou *Cleanfeed*. São várias formas que nos facilitaram muito a vida e que nos ajudaram a ter muito bom som, muito melhor som. Já lá vão os tempos em que carrinhas que faziam a ligação via satélite iam connosco para os locais dos acontecimentos. Nós neste momento não precisamos de

técnico que vá conosco porque conseguimos fazer tudo com uma pequena caixinha, que é o nosso Quantum, que nos permite trabalhar o som e falar em direto como se estivéssemos num estúdio de rádio.

A importância dos sons é essencial, a importância do som... é importante para a reportagem, é o que permite darmos proximidade e mostrar ao ouvinte que estamos a contar a história. Não somos nós apenas que estamos a dar voz a essa história, mas é o protagonista. O protagonista é quem estamos a ouvir e é esse som que vai passar.

Rita Albano: Qual é a dinâmica do “Portugal em Direto” e como funcionam as rotinas produtivas?

Arlinda Brandão: A dinâmica do “Portugal em Direto” é uma dinâmica que acaba por complementar os vários jornalistas que estão nas várias zonas do país para o produto final. Pretendemos que todas as regiões do país tenham voz com a redação de Lisboa e do Porto com mais elementos e depois também com os correspondentes que são por vezes enviados a alguns locais, incluindo Açores e Madeira, que também têm lá os seus jornalistas e que todos os dias têm histórias para contar e essa é a dinâmica que faz o nosso “Portugal em Direto”.

As nossas rotinas produtivas baseiam-se no trabalho na redação através do telefone, para tratarmos de temas da atualidade, do próprio dia, ligamos e gravamos com os vários protagonistas, seja um Presidente da Câmara, seja um Presidente de uma Associação de Moradores, dependendo do que está a acontecer. Também temos as reportagens no local. No dia vamos para esse acontecimento e entramos para marcar o que está a acontecer.

Rita Albano: O som é um dos elementos imprescindíveis à rádio. Sentes que há uma tendência crescente ao abandono do mesmo?

Arlinda Brandão: Há. É imprescindível à rádio, é verdade, mas há uma tendência crescente ao abandono do som porque muitas vezes não há meios para se conseguir obtê-lo da forma que deveria acontecer, ou seja, indo ao local do acontecimento e muitas vezes

utiliza-se o telefone – demasiadas vezes - E isso empobrece a informação porque, no local, estamos em contacto com o que está a acontecer, com o acontecimento, toda a situação, os protagonistas, as pessoas e aí o repórter está no local certo para recolher esse som e o som por vezes não é só alguém a falar, é tudo o que está à volta, é tudo o que está a acontecer. Muitas vezes pode não ser o mais importante ouvir alguém a contar o que está a ver, mas sim o barulho que acontece à volta desse acontecimento, do que se está a passar, e isso é importante e é importante que o repórter esteja lá. Muitas vezes não se tem esse som, muitas vezes acaba-se por se dar a notícia só através das palavras, através das agências de notícias e isso não é igual. O som que é captado pelo repórter é o mais fiável e para isso tem de se sair da redação.

Rita Albano: Quais são os critérios de sonorização de uma notícia ou reportagem uma vez que a Antena 1 não apresenta um livro de estilo e, na ausência do mesmo, qual é a forma mais correta de editar uma peça?

Arlinda Brandão: Na verdade, os critérios de sonorização de uma notícia ou de uma reportagem são os critérios do jornalista ou repórter, de quem monta e edita essa reportagem. Na Antena 1 somos nós repórteres que quando chegamos à redação após essa reportagem vamos depois montar essa história, “editá-la” como nós costumamos dizer. Um bom repórter sabe como o fazer. Por vezes poderia ter uma mais-valia técnica como tínhamos antes para fazer essa montagem de uma forma mais perfeita, digamos assim, podia ter mais apoio, e neste momento o repórter no dia a dia, tirando as grandes reportagens, onde é diferente, chega à redação e ele próprio vai para um estúdio e grava a sua voz e edita o som. Esses critérios de sonorização são ditados pelo próprio repórter que esteve no local. Imaginemos uma reportagem de uma manifestação: Se existem ali algumas pessoas a gritar, algum slogan, o repórter pode colocar, consoante a dinâmica e aquilo que quer fazer passar durante a sua reportagem e coloca esses sons de fundo. Portanto, esses critérios de sonorização são do repórter, e muito bem. Só ele sabe o que viu, o que sentiu e ele é que sabe o que é que há de fazer para contar melhor essa história.

Em relação ao livro de estilo, penso que este era importante para orientar e uniformizar procedimentos, essencialmente critérios de notícia, da importância dos vários temas da atualidade, uma orientação mais editorial, os critérios de alinhamento da notícia,

da importância da notícia e da proximidade para que, na mesma redação, estejamos mais sintonizados nesses critérios, dando independência a cada jornalista para contar a história como quiser.

Rita Albano: Quais consideras serem os aspetos mais importantes de uma reportagem? Na tua opinião, o que é que não pode faltar a uma boa reportagem?

Arlinda Brandão: Os aspetos mais importantes da reportagem têm a ver, por um lado, com o jornalista, que tem de saber contar bem, com rigor, com criatividade e verdade, uma história, um acontecimento ou situação, fazendo uma boa descrição porque, como costumamos dizer, na rádio não há olhos, há ouvidos, e as pessoas têm que “olhar com os ouvidos” e, como tal, tem de ser bem contada e não deve ser aborrecida, mas, ao invés, deve ser apelativa.

Em relação aos bons sons que espelhem essa realidade, o jornalista é que deve escolher quais os sons que deve utilizar para contar esse acontecimento, mas uma boa reportagem depende muitas vezes também dos protagonistas, do que está a acontecer e muitas vezes também é preciso de um bocadinho de sorte. Uma boa reportagem também por vezes faz-se com a sorte de ter connosco bons comunicadores que passem bem a mensagem, que nos ajudem a contar bem essa situação e que o façam de forma apelativa e que possa gerar alguma emoção no ouvinte, além de o esclarecer.

Rita Albano: De que forma é que o som é usado como reforço da mensagem ou para valorizar a mesma?

Arlinda Brandão: O som é muitas vezes usado como o reforço da mensagem, mas é preciso lembrar que o som antes de ser o reforço, já é o que o fundamenta, o que lhe dá rigor. O som é o que dá interesse a mensagem, vivacidade, faz com que o ouvinte oiça porque o leva a esse acontecimento, porque o envolve. O som é importantíssimo. A rádio é som, e o som é tanto do jornalista, que fala e que conta, como do entrevistado que também explica o que está a acontecer.

Rita Albano: Quais são os fatores que influenciam a saída de um jornalista até ao local dos acontecimentos?

Arlinda Brandão: O que influencia é a importância do que está a acontecer. A necessidade de estar lá para poder contar, para poder ver, porque através de um telefonema não conseguimos perceber de forma íntegra, geral, o que está a acontecer e o que precisa de ser contado. O som, a importância do que está a acontecer e também dar proximidade. É preciso sair para depois o jornalista ter proximidade com o que está a acontecer. O que é que faz com que muitas vezes isso não aconteça? A disponibilidade de quem está na redação, que pode não o conseguir fazer. Mas sem dúvida é importante o jornalista ir à procura desse som, ir ao local do acontecimento para acrescentar informação, para questionar, porque só lá pode questionar ao ver o que está a acontecer e encontrar respostas.

Rita Albano: No teu ponto de vista, quais consideras serem as características chave de um bom jornalista?

Arlinda Brandão: Um bom jornalista deve ser rigoroso, verdadeiro, independente. Não é *pressionável*, não é influenciável. É culto, conhecedor do que o rodeia, é humano e, muito importante, é um bom contador de histórias. Comunica bem o que está a acontecer, leva o ouvinte da rádio até ao acontecimento.

Rita Albano: Achas que o som pode ser usado para manipular o ouvinte? De que forma?

Arlinda Brandão: Sim, o som pode ser usado para manipular o ouvinte. Sim, isso não é bom jornalismo. Isso pode acontecer, ou seja, o som ser utilizado para manipular o ouvinte, se é colocado, por exemplo fora do contexto. Também pode ser destacado para

lhe dar um sentido diferente e contar uma versão errada. Pode acontecer por querer, ou sem querer. Se não é voluntário, há que não repetir o erro, mas por vezes, há quem o repita muitas vezes, e isso é condenável. Se é por querer, nesse caso não há dúvidas que não se esta a prestar um bom jornalismo.

Rita Albano: Sentiste alguma mudança significativa com o passar do tempo na rádio? Se sim, qual?

Arlinda Brandão: Mudanças no exercício da profissão sim. Muitas, com o tempo também, é normal que existam mudanças, algumas mais positivas outras nem tanto. Em termos de mudanças no exercício da profissão, já aqui falamos, das tecnologias, isso foi um grande avanço, ajudou muito a que se conseguisse fazer um melhor jornalismo. Em termos de tecnologias, facilitou a vida aos jornalistas no acesso à informação, ao conhecimento. Até na comunicação, e isso é positivo.

Por vezes, há outras situação que não são tao positivas, no exercício da profissão e com o passar do tempo, pressões, muitas vezes pressões até das próprias *fake news* e as pressões de dar a todo o preço a informação mais depressa que os outros. Muitas vezes, sem haver tempo para a confirmar e isso muitas vezes há pressão para que isso aconteça, mas um jornalista tem de manter, tem de ouvir contraditório, tem de confirmar a sua informação, tem de ouvir as suas fontes e tem de as defender. Pressões, desgaste, desgaste de muito trabalho, de muitas horas passadas a frente de um computador, ou em reportagem, muitas vezes sem tempo para preparar, muitas vezes essas reportagens com essa pressão para irem para o ar e isso também não é positivo, porque pode não ajudar ao rigor da informação. E também em termos de solidariedade, lembro me bem, de que as redações viviam sempre momentos que ajudavam a criatividade porque eram descontraídos, uns ajudavam os outros, neste ambiente de trabalho havia solidariedade, empatia nas redações, hoje existe alguma, depende de nos fazer com que haja, mas muitas vezes o exercício do jornalismo, da profissão no dia a dia cria alguns obstáculos a que isso aconteça.

Rita Albano: Como vêes o futuro do uso do som na radio?

Arlinda Brandão: Vejo que a radio é o som, a radio é som e o futuro só pode ser promissor. Venham inovações tecnológicas, para usar bem, que venham bons jornalistas para utilizar e contar boas histórias, para que os ouvintes e as pessoas confiem num jornalismo rigoroso, informativo e esclarecedor. Por isso, sou otimista em relação ao futuro do uso do som na radio, porque se não houver som, não há rádio.

Anexo 5 – Tabelas de análise do “Noticiário Nacional”

Tabela 1 – 07/jan/2019

P r o g r a m a	Data	Hora	Editor	Duração (min.)	Total de Notícias	Total de Reportagens	Duração	Autor	Gênero	Assunto	Destinação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem m²?	Som valorizou a mensagem m²?
	07/jan/19	12h	Frederico Moreno	11 min.	9	1	Peça 1	00:28 - 02:17 Teresa Col reportagem	economia	economia	x	x	x	x	x	x		sim		1 sim	sim
							Peça 2	02:50 - 03:15 antena 1	notícia	economia		x	x	x	x	x		não		1 sim	sim
							Peça 3	03:39 - 04:15 antena 1	notícia	saúde		x	x	x	x	x		não		1 sim	sim
							Peça 4	04:20 - 04:45 antena 1	notícia	meteorologia		x	x	x	x	x		não		1 sim	sim
							Peça 5	05:00 - 05:15 antena 1	notícia	economia		x	x	x	x	x		não		1 sim	sim
							Peça 6											não		1 sim	sim
							Peça 7	05:55 - 06:15 antena 1	notícia	política		x	x	x	x	x		não		0 x	x
							Peça 8	06:58 - 07:15 antena 1	notícia	política		x	x	x	x	x		não		0 x	x
							Peça 9	07:44 - 08:15 Inuno Carli	notícia	política		x	x	x	x	x		não		0 x	x
							Peça 10	09:01 - 09:15 Fossário Sâ	notícia	justiça	x	x	x	x	x	x		sim		0 sim	sim
								10:06 - 10:15 antena 1	notícia	cultura		x	x	x	x	x		não		1 sim	sim

Tabela 5 - 14/jan/2019

P r o g r a m a	Data	Dur ação	Autor	Gênero	Assunto	Destocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?	
																	Hor a
	14/jan/19																
	12h		Rita Soares	notícia	política												
				notícia	saúde	X	X	X		X		X	não			1 sim	sim
	Frederico Moreno		antena 1	notícia	saúde	X	X	X		X	X	X	não		1 sim	sim	
			antena 1	notícia	saúde	X	X	X		X	X	X	não		0 x	sim	
	11 min.		antena 1	notícia	saúde	X	X	X		X	X	X	não		0 x	x	
	10		antena 1	notícia	política	X	X	X		X	X	X	não		1 sim	sim	
	1		Antonia N	notícia	política	X	X	X		X			não		0 x	x	
			antena 1	notícia	política	X	X	X		X	X	X	não		0 x	x	
			antena 1	notícia	política	X	X	X		X	X	X	não		0 x	x	
			antena 1	notícia	economia	X	X	X		X	X	X	não		0 x	x	
			antena 1	reportagem	cultura	X	X	X		X	X	X	não		2 sim	sim	
			antena 1	notícia	desporto	X	X	X		X	X	X	não		0 x	x	
			antena 1	notícia	cultura	X	X	X		X	X	X	não		0 sim	sim	

Tabela 9 - 25/jan/2019

Peças	Data	Horário	Editor	Duração (min)	Total de Notícias	Total de Reportagens	Peça 1	Peça 2	Peça 3	Peça 4	Peça 5	Peça 6	Duração	Autor	Gênero	Assunto	Deslocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declararções dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
	25/jan/19	13h	Isabel Cunha	6 min.	6	0	Peça 1	Peça 2	Peça 3	Peça 4	Peça 5	Peça 6	00:29 - 02:	Susana Baimonça	notícia	política	X		X		X					6 sim	sim
								02:33 - 03:	03:32 - 03:	03:53 - 05:	05:14 - 05:	05:31 - 05:		antena 1	notícia	economia	X		X	X	X	X	X	X	X	1 sim	sim
								antena 1	antena 1	antena 1	antena 1	antena 1			notícia	política										0 X	X
															notícia	política			X	X	X	X	X	X	X	1 sim	sim
															notícia	política				X					0 X	X	
															notícia	política			X	X					0 X	X	

Tabela 19 - 25/fev/2019

			Duração	Autor	Gênero	Assunto	Destocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
P r o g r a m a	Data	25/fev/19	Peça 1														
	Hora	14h	Peça 2	00:00:00 - antena 1	notícia	política		X	X				X	não		1 sim	sim
	Editor	Frederico Moreno	Peça 3	01:24:00 - antena 1	notícia	política		X	X			X	X	não		1 sim	sim
	Duração (9 min.	Peça 4	02:46:00 - antena 1	notícia	política	X						X	não		1 sim	sim
	Total de Notícias	7	Peça 5	03:53:00 - José Manh	notícia	educação	X					X		sim		1 sim	sim
	Total de Reportagens	0	Peça 6	06:04:00 - antena 1	notícia	educação		X						não		0x	X
			Peça 7	06:45:00 - antena 1	notícia	desporto	X						X	X	não		2 sim
				08:22:00 - antena 1	notícia	política		X		X			X	não		0x	X

Tabela 20 - 26/fev/2019

			Duração	Autor	Gênero	Assunto	Deslocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
Programa	Data	26/fev/19	Peça 1														
	Hora	13h	Peça 2	antena 1	notícia	política	x	x	x	x	x	x	x	não		2 sim	sim
	Editor	Frederico Moreno	Peça 3	antena 1	notícia	justiça		x	x	x	x	x	x	não		1 sim	sim
	Duração (8 min.	Peça 4	antena 1	notícia	crime		x	x	x	x	x	x	não		1 sim	sim
	Total de Notícias	6	Peça 5	antena 1	notícia	educação	x		x	x	x	x	x	não		1 sim	sim
	Total de Reportagens	0	Peça 6	antena 1	notícia	desporto		x		x			x	não		0x	x

Anexo 6 – Tabelas de análise do “Portugal em Direto”

Tabela 1 –11/mar/2019

			Duração	Autor	Género	Assunto	Destinação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
Portugal em Direto	Data	11/mar/19	Peça 1														
	Hora	13:15h															
	Editor	Cláudia Costa	Peça 2	Nuno Ant	notícia	ambiente	X	X		X	X	X	X	não		1 sim	sim
	Duração	43 min.	Peça 3	Horácio Al	notícia	ambiente		X		X	X	X		não		2 sim	sim
	Total de Notícias	7	Peça 4	Ana Gong	notícia	economia		X	X		X	X		não	0 X	X	
	Total de Reportagens	3	Peça 5	antena 1	notícia	economia		X			X		X		não	1 sim	sim
			Peça 6												não	2 sim	sim
			Peça 7	12:00:00 - 13:45	Francisco	notícia	ciência	X	X		X	X	X		não		
			Peça 8	23:44:00 - 27:59	Alinda Br	reportage	economia	X	X		X	X	X		sim	4 sim	sim
			Peça 9	33:43 - 36:54	Mário Ant	notícia	economia		X		X	X	X		não	3 sim	sim
		Peça 10	38:11 - 40:38	Paulo Brá	reportage	cultura	X	X		X	X	X		não	3 sim	sim	
			40:45 - 42:59	João Ram	reportage	saúde	X	X		X	X	X		sim	4 sim	sim	

Tabela 5 – 15/mar/2019

			Duração	Autor	Gênero	Assunto	Destinação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
P r o g r a m a	Data	15/mar/19															
	Hora	13:15h							X					sim		1 sim	sim
	Editor	Miguel Bastos						X						sim		1 sim	sim
	Duração (Total de Notícias)	43 min.															
	Total de Reportagens	0															
		2															

Tabela 6 – 18/mar/2019

				Duração	Autor	Gênero	Assunto	Deslocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?	
P r o b r a	Data	18/mar/19					Peça 1												
	Hora	13:15					Peça 2												
	Editor	Miguel Bastos					Peça 3												
	Duração (min)	41 min.					Peça 4												
	Total de Notícias	3					Peça 5												
Total de Reportagens	4					Peça 6													
							Peça 7												

Tabela 7 – 19/mar/2019

			Duração	Autor	Gênero	Assunto	Destinação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
P r o g r a m a	Data	19/mar/19	Peca 1														
	Hora	13:15h	Peca 2	05:17:00 -	Lurdes Dianotica	politica	X	X	X	X	X			não		1 sim	sim
	Editor	Miguel Bastos	Peca 3	08:00:00 -	Jorge Ester	seguranca	X	X	X	X	X			não		1 sim	sim
	Duração (43 min.	Peca 4	09:12:00 -	antena 1	politica	X	X	X	X	X			não		1 sim	sim
	Total de Noticias	4	Peca 5	11:57:00 -	João Ram	politica	X	X	X	X	X			sim		5 sim	sim
	Total de Reportag ens	6	Peca 6	15:39:00 -	Andraia N	politica	X	X	X	X	X			sim		6 sim	sim
			Peca 7	21:56:00 -	antena 1	politica	X	X	X	X	X			não		1 sim	sim
			Peca 8	32:02 - 33	Miguel Col	politica	X	X	X	X	X			sim		1 sim	sim
			Peca 9	33:56 - 39	Arinda Br	sociedade	X	X	X	X	X			sim		6 sim	sim
			Peca 10	39:46 - 42	Nuno Mol	cultura	X	X	X	X	X			sim		1 sim	sim

Tabela 8 – 20/mar/2019

Tabela 10 – 22/mar/2019

			Duração	Autor	Gênero	Assunto	Deslocação ao local	Estúdio	Sonorizada	Não Sonorizada	Lançamento de sons	Contexto do Jornalista	Contexto do Editor	Som Ambiente	Declarações dos Protagonistas	Som usado como reforço da mensagem?	Som valorizou a mensagem?
P r o g r a m a	Data	22/mar/19	Peça 1	01:32 - 02:antena 1	notícia	ambiente		X		X		X		não		0 x	X
	Hora	13:15h	Peça 2	02:33:00 - Nuno Antão	notícia	saúde	X		X	X	X			não		1 sim	sim
	Editor	Cláudia Costa	Peça 3	06:14:00 - Mário Antunes	notícia	economia	X	X		X	X			sim		1 sim	sim
	Duração (Total de	43 min.	Peça 4	11:00:00 - antena 1	notícia	economia	X		X		X		X	não		1 sim	sim
	Notícias	4	Peça 5	12:29:00 - antena 1	notícia	economia		X	X		X		X	não		1 sim	sim
	Total de Reportagens	6	Peça 6	14:47:00 - Andreia Nereu	reportage	política	X		X	X		X		sim		2 sim	sim
			Peça 7	31:17 - 34:Joaquim Ribeiro	reportage	cultura	X	X		X	X			não		2 sim	sim
			Peça 8	34:37 - 36:Horácio Almeida	reportage	cultura	X	X		X	X			não		1 sim	sim
			Peça 9	37:38 - 40:Arinda Brito	reportage	cultura	X	X		X	X			sim		1 sim	sim
			Peça 10	40:50 - 42:Margarida	reportage	cultura	X	X		X	X			sim		3 sim	sim